

Tradução do alemão por PG, revisão e edição por CN, 12.11.2010

(original em www.kurt-gossweiler.de/artikel/browder.htm)

As origens do revisionismo moderno

ou como o browderismo foi implantado na Europa

Reflexões sobre o *Diário* de Gueórgui Dimítrov*

Kurt Gossweiler

A. Há 60 anos: a preparação do assalto à União Soviética

1. O *Diário* de Dimítrov – nenhuma alegria para anticomunistas

Há 60 anos, a *pausa respiratória* que a União Soviética alcançara com o Pacto de Não-Agressão com a Alemanha aproximava-se do fim. Em completo silêncio, mas com grande intensidade preparava-se em Berlim, desde o Outono de 1940, a «Operação Barbarossa», o assalto à União Soviética. Com este assalto, a jovem nova ordem socialista, com 24 anos, foi sujeita a uma dura prova inaudita em toda a história da humanidade.

A vitória da União Soviética e dos seus aliados sobre o imperialismo germano-fascista, armado pelo imperialismo mundial para a guerra de destruição contra a União Soviética, foi o acontecimento mais importante da história mundial do século XX, depois da Revolução de Outubro. Não por acaso, a União Soviética provou ser o único país invadido pela Alemanha fascista que não só resistiu ao até aí mais moderno e bem armado exército, como também se mostrou capaz de, com as próprias forças, liquidar a besta fascista no seu covil.

Nota do Editor: Esta série de artigos que o site *Para a História do Socialismo – Documentos* agora divulga em português foram originalmente publicados em *Offensiv – Revista pelo Socialismo e a Paz*, entre meados de 2001 e meados de 2002, em capítulos separados. Kurt Gossweiler reviu-os, trabalhou-os e organizou-os de novo para o n.º 10/03 da mesma revista. A presente tradução corresponde à edição revista do Outono de 2003. Nesta primeira parte está integrado o texto «Dimítrov sobre a dissolução do *Komintern*», que já consta dos documentos anteriormente aqui publicados. Nesta edição cotejamos a tradução alemã do *Diário* de Dimítrov, utilizada pelo autor, com a tradução francesa *Georgi Dimitrov, Journal 1933-1949*, Belin, 2005. No final acrescentámos um índice de nomes.

Contrariamente a todas as esperanças dos seus inimigos e a todos os receios dos seus amigos, o poder soviético provou ser – como já demonstrado em 1917/20 – invencível, ser a ordem social mais enraizada no povo em todo o mundo. Nunca na História, um Estado e uma ordem social tinham vencido tão triunfalmente tamanha prova que lhes tinha sido imposta. A razão disto: o fundamento firme do poder soviético e da sua política era o socialismo científico, o marxismo-leninismo. Enquanto assim se manteve, o mundo do socialismo avançou no caminho da vitória.

Este ano haverá uma série de artigos comemorativos de amigos e – principalmente – de inimigos da União Soviética em todos os meios de comunicação. Felizmente que temos, desde há pouco tempo, a possibilidade de deixar falar sobre este acontecimento uma testemunha contemporânea, Gueórgui Dimítrov que infligiu ao fascismo alemão a sua primeira derrota logo em 1933. O seu *Diário* foi publicado no ano passado.¹

Naturalmente que se procurou de imediato explorar as notas de Dimítrov em sentido anticomunista. A editora Aufbau e o editor dos *Diários* Bayerlein transformaram a apresentação do livro numa sessão anticomunista. Escolheram a Willy-Brandt-Haus² como local do lançamento e para actores principais Wolfgang Leonhard e Hermann Weber, ambos conhecidos há muito dos programas da televisão ocidental como especialistas em astrologia do Krémelin e caluniadores do SED.³ Karin Vesper, responsável pela secção de História do jornal *Neues Deutschland*, mostrou-se convenientemente impressionada com ambos. Foi impressionante, escreveu na edição de 25/26 de Novembro do ano passado [2000], «como Wolfgang Leonhard organizou, na prática, uma sessão de teatro a partir das lacónicas notas dos Diários». Pelos vistos Karen Vesper arrepiou-se verdadeiramente. Na sua notícia lê-se: «Ambiente inquietante. Na evocação dos espíritos e demónios do comunismo mundial, a estátua de Willy Brandt, na casa berlinense do SPD, ainda parecia mais perdida do que o costume.» O editor Bayerlein contribuiu com a sua parte para que «o ambiente inquietante» ainda se tornasse mais inquietante, ao enaltecer, como Karin Vesper anotou, «o Diário como a única testemunha contemporânea até agora que revela os mecanismos de poder no labirinto do Komintern, PCUS e dos serviços secretos soviéticos.»

De resto, o eco que o *Diário* teve, apesar de toda a concordância anticomunista, foi porém discrepante e até um pouco fraco. Todos os críticos, do FAZ ao ND,⁴ pretenderam utilizar o *Diário* para finalmente destruir o respeito mundial, para eles fatal e indesejável, por Dimítrov, o inesquecível herói de Leipzig. Uns fizeram-no afirmando que o *Diário* mostra, na realidade, que Dimítrov tinha sido uma marioneta impotente, usada e abusada por Stáline. Mas as notas de Dimítrov simplesmente não autorizam tal interpretação porque não deixam dúvidas sobre um homem que tomou como sua, sem nenhuma reserva, a causa da União Soviética, como já tinha demonstrado o seu

¹Gueórgui Dimítrov, *Tagebücher 1933-1943*, Bernhard H. Bayerlein. Tradução do russo e do búlgaro por Vladislav Hedeler e Birgit Schlivenz, Aufbau Verlag, Berlim, 2000. Todas as indicações de páginas referem-se a este volume. Há um segundo volume de comentários e materiais sobre os *Diários* na mesma editora.

²*Willy-Brandt-Haus* [Centro Willy Brandt] é a designação da sede do Partido Social-Democrata Alemão em Berlim, um dos primeiros grandes edifícios construídos após a reunificação, em memória do antigo chanceler e presidente da cidade de Berlim Willy Brandt, a quem foi erguida uma estátua em bronze no átrio. (N. Ed.)

³(SED, *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands*), Partido Socialista Unificado da Alemanha (PSUA). (N. Ed.)

⁴ Siglas dos jornais *Frankfurter Allgemeine* (FAZ) e *Neues Deutschland* (ND). (N. Ed.)

comportamento perante o Tribunal de Leipzig em 1933. Por isso, outros apontaram o seu *Diário* como um testemunho de que ele não passou de um «stalinista sem escrúpulos», indigno de qualquer respeito.

Contudo, os anticomunistas não podem beber mel do *Diário* de Dimítrov. Pelo contrário este contém testemunhos valiosos para refutar as lendas e invenções anticomunistas. De seguida procura-se demonstrar isto em alguns exemplos.

2. «Stáline atirou borda fora a linha de Dimítrov adoptada pelo VII Congresso Internacional em relação à social-democracia»

Os velhos caluniadores da União Soviética e da Internacional Comunista, os Leonhard, os Weber e *tutti quanti*, sempre alardearam que Stáline foi um adversário das deliberações dimítrovianas do VII Congresso da Internacional Comunista, sobre a unidade e as frentes populares, que as deitou borda fora na primeira oportunidade e iniciou outra vez, de forma mais dura, a luta contra a social-democracia. Antigos historiadores vira-casacas da RDA⁵ aceitaram obedientemente esta versão. Contudo, Dimítrov anotou o seguinte no seu diário a 6 de Março de 1941:

«Discutida com D.Z. (Manuílski) a proposta de teses sobre a II Internacional. (Observei: nas teses não se reconhece o nosso objectivo; nenhuma orientação clara relativa ao nosso objectivo de suplantarmos definitivamente a social-democracia no movimento operário, estabelecer uma direcção homogénea do movimento operário na forma do Partido Comunista; não permitir que a social-democracia ganhe de novo forças e cumpra o papel contra-revolucionário que desempenhou no final da I Guerra Mundial imperialista, etc.» (p. 354) Como se explica que Dimítrov tenha mudado a sua posição de 1935 para esta de 1941? Teria sido de facto uma mudança?

A coisa é muito simples: em 1935 a criação de uma Frente Popular Unitária era a única possibilidade real de derrubar o fascismo alemão e assim impedir a guerra de agressão do imperialismo alemão. Mas a social-democracia não só recusou todas as propostas dos comunistas como reforçou o seu rumo anticomunista. A intervenção fascista em Espanha em 1936 pôs à prova a seriedade do antifascismo da social-democracia e das democracias ocidentais. No fundo tratava-se aqui de decidir se os agressores fascistas eram derrotados ou se lhes abria as portas para a guerra mundial. Tanto a Internacional Socialista como as democracias ocidentais sacrificaram a República Espanhola – e mais tarde, em Munique, a Checoslováquia e depois a Polónia – porque a Alemanha fascista, afinal, devia ser encorajada a iniciar a guerra de extermínio contra a União Soviética.

Foram estas experiências entre 1935 e 1941 que conduziram Dimítrov, assim como todo o movimento comunista mundial, à posição de 6 de Março de 1941. O que ela expressou – nomeadamente que o movimento operário só pode ser vitorioso quando tiver expulsado o oportunismo das suas fileiras – é na verdade um conhecimento que não tem origem nem em Stáline nem em Lénine. Foram Marx e Engels que o referiram primeiro e agiram de acordo com ele.

A luta contra o oportunismo nunca foi para os comunistas, e não é, motivada por razões de concorrência contra um segundo partido operário, mas foi sempre um combate

⁵ Klaus Kinner alcançou um lugar cimeiro entre estas tristes almas com as suas sempre novas infâmias, publicadas com predilecção pelo *ND* nas suas edições de fim-de-semana: *ND*, 14/15 de Abril de 2001, contra Ernst Thälmann; *ND*, 28/29 de Abril, contra Gueórgui Dimítrov.

pela unidade da classe operária, na base marxista revolucionária, enquanto condição imprescindível para vergar o poder do capital. Por isso, depois da vitória sobre o fascismo, não foi conduzida uma luta contra a social-democracia, mas sim uma luta pela unificação de ambos os partidos operários. Esta luta pôde ser conduzida nessa época com êxito, nas zonas de ocupação soviética e nos países das democracias populares. Primeiro, porque a experiência histórica tinha ensinado às pessoas que a divisão do movimento operário abria o caminho ao fascismo; por isso, a vontade de unificação era muito forte de ambos os lados. Segundo, porque a política divisionista dos chefes sociais-democratas de direita, nos países onde não era apoiada (ou mesmo encenada) pela potência ocupante, estava condenada ao fracasso. O estabelecimento da unidade do movimento operário através da unificação dos partidos comunistas e sociais-democratas correspondeu quer às orientações de Dimítrov no VII Congresso, quer às de Março de 1941. Segundo exemplo:

3. «Stáline confiou em Hitler e impediu a propaganda anti-hitleriana»

A assinatura do Pacto de Não-Agressão entre a União Soviética e a Alemanha hitleriana frustrou os planos imperialistas de envolver a Alemanha e a União Soviética numa guerra, ao longo da qual a Inglaterra e os EUA (os últimos a rir) esperavam – como Truman tinha desejado – que se destruíssem mutuamente.

Nada mais natural do que os urros de ódio e de raiva em Londres e Washington quando viram os seus planos gorados, bem como a sua utilização do Pacto de Não – Agressão como a demonstração dos chavões da propaganda que apontava a semelhança entre a Alemanha de Hitler e a União Soviética, entre fascismo e o socialismo.

Mais graves nas suas consequências no movimento comunista e nos muitos milhões de amigos da União Soviética em todo o mundo foi, porém, quando Khruchov, no seu «relatório secreto» ao XX Congresso, proferiu a mentira colossal, como «revelação da verdade», de que os êxitos iniciais do exército alemão se deviam ao facto de Stáline ter ignorado todos os avisos do assalto alemão e não ter «medidas suficientes» para preparar a defesa do país e evitar o factor surpresa.

Se Khruchov tivesse querido apresentar aos delegados e à opinião pública mundial, não uma mentira maldosa, mas sim a verdade sobre o comportamento de Stáline perante o perigo iminente de um assalto da Alemanha hitleriana, então deveria ter citado a seguinte passagem do discurso de Stáline perante os finalistas da Academia Militar, de 5 de Maio de 1941, que era certamente do seu conhecimento: *«A situação é extremamente grave. Tem de se contar com um ataque alemão num futuro próximo (...) O Exército Vermelho ainda não é suficientemente forte para derrotar, sem mais, os alemães (...) As instalações de defesa nas novas regiões fronteiriças são inacessíveis (...) O Governo soviético quer adiar pelo menos até ao Outono, com todos os meios diplomáticos ao seu alcance, um conflito armado com a Alemanha, porque nesta época do ano um ataque alemão já será demasiado tarde. Esta tentativa pode resultar, mas também pode falhar. Se resultar, a guerra com a Alemanha acontecerá inevitavelmente em 1942 e, na verdade, sob condições muito mais favoráveis, já que o Exército Vermelho estará melhor equipado e melhor preparado. Dependendo da situação internacional, o*

Exército Vermelho esperará um ataque alemão ou tomará ele próprio a iniciativa de um ataque.»⁶

Perante a deturpação hostil da verdade histórica por Khruchov, que só serviu aos inimigos da União Soviética e só podia provocar desagregação nas próprias fileiras, não terão todos aqueles camaradas do *DKP*, que ainda consideram o XX Congresso como o congresso da mudança para o restabelecimento da legalidade e ideais socialistas, e Khruchov como o lutador corajoso dessa mudança, de compreender, como o fez há pouco tempo o camarada Steigerwald num artigo no *UZ*⁷ (09.02.01), que quem como Khruchov mentiu e falsificou a história sem quaisquer escrúpulos não podia de forma alguma ter agido por motivos nobres, mas sim com o intuito de conduzir o partido e o país ao engano?

Gorbachov pôde prosseguir o trabalho preliminar de Khruchov. A imprensa, rádio e televisão da União Soviética transformaram-se definitivamente, sob a sua direcção, em órgãos de calúnias anti-soviéticas e anticomunistas e de propaganda das bênçãos exemplares do imperialismo, especialmente dos EUA.

A *Sputnik*, revista soviética anteriormente prestigiada também na RDA, transformou-se num órgão de transmissão aos outros países socialistas deste espírito anticomunista destrutivo do «Novo Pensamento». O n.º 10 de 1988 destacou-se neste sentido de forma especial. Neste número foi publicada uma carta, datada de 20 de Maio de 1965, de Ernst Henri a Iliá Erenburg, com o título «*Sem Stáline teria Hitler existido?*», a qual exime o

⁶Citado de acordo com *Neues Deutschland* de 8/9 de Junho de 1996, artigo «Factos contra afirmações» de W. Wünsche. [*Esta passagem atribuída a I.V. Stáline, que o autor cita fazendo fé na fonte, é na realidade uma falsificação que não tem qualquer correspondência com o teor do discurso de I.V. Stáline na recepção dos finalistas da Academia do Exército Vermelho, em 5 de Maio de 1941. Na verdade, este discurso não foi oficialmente estenografado, apenas se conhecendo notas tiradas por alguns participantes na sessão. Um destes registos, elaborado por K.V. Semiónov, um colaborador do Ministério da Defesa, foi entregue ao Arquivo Central do Partido em 1948. Este relato, verificado certamente o seu rigor, chegou a estar incluído no plano de um próximo volume das Obras de Stáline, mas só recentemente foi publicado na nova edição em 18 tomos da Obras do dirigente soviético, concluída em 2006 (t.18 pp. 213 – 220). De facto, só no início dos anos 90, com a abertura dos arquivos do PCUS, os investigadores tiveram acesso a este documento, cuja verosimilhança é ainda confirmada por outros registos coincidentes, designadamente de Dimítrov, no seu Diário, publicado pela primeira vez na Bulgária, em 1997, (ver pág. 12 do presente artigo, entrada de 5.05.41). Note-se que este discurso de Stáline foi durante décadas alvo de muitas especulações e falsificações (de que é exemplo esta versão veiculada pelo Neues Deutschland) com o objectivo de atribuir a Stáline e à URSS intenções agressivas em relação à Alemanha. Deste modo, os nazis e mais tarde os seus seguidores tentaram e tentam justificar a agressão à URSS como uma guerra «preventiva», já que, alegadamente a União Soviética estaria a preparar-se para alargar o campo socialista pela força das armas. Ora, a leitura dos registos mostra que Stáline, compreendendo de facto a inevitabilidade e a proximidade da guerra (como o autor aqui pretende demonstrar), procurou transmitir essa realidade ao núcleo de oficiais do Exército Vermelho. Mas fê-lo, naturalmente, de forma indirecta e com extrema cautela, precisamente para que às suas palavras não pudesse ser dado um sentido militarista agressivo e assim servir de pretexto à agressão nazi. Assinalando os progressos do Exército Vermelho nos três ou quatro anos anteriores, e depois de uma breve resenha sobre as últimas guerras na Europa e da então recente derrota da França frente aos nazis, o líder soviético refutou a ideia da invencibilidade do exército alemão, considerando, no final, que a modernização do Exército Vermelho impunha que, na defesa do país, se passasse das acções defensivas para as acções ofensivas. (N. Ed.)]*

⁷ *Unsere zeit (UZ)*, semanário publicado pelo Partido Comunista Alemão (*DKP*). (N. Ed.)

imperialismo alemão da responsabilidade pelo fascismo, atribuindo-a a Stáline. Da forma menos escrupulosa, acumula mentira sobre mentira. Tudo fora obra de Stáline:

- «*O malogro da unidade da acção antifascista da classe operária no Ocidente.*»
- «*Stáline concedeu a possibilidade a Hitler de eliminar a França e a Grã-Bretanha e neutralizar os EUA antes do assalto à União Soviética.*»
- «*O descrédito dos partidos comunistas ocidentais com a ordem de 1939 para desistir do movimento antifascista.*»
- «*Stáline permitiu que Hitler atacasse [de surpresa] a União Soviética, apesar de existirem vários avisos credíveis.*»

Um outro autor de mentiras, tão sem escrúpulos como este, um tal Iúlian Semiónov, escreveu no mesmo número da *Sputnik*: «*Os comunistas alemães não ousaram unir-se aos sociais-democratas na luta contra os nazis. Se o tivessem feito, Hitler não teria conseguido ganhar as eleições para o Reichstag.*» (Descontando o completo desconhecimento do autor sobre os verdadeiros acontecimentos e condições na Alemanha é também característico das suas ideias a afirmação de que foram os eleitores, e não a burguesia monopolista alemã, que levaram Hitler ao poder!) Mas ainda há melhor: «*(Richard) Sorge foi evidentemente enviado para a China e mais tarde para o Japão porque se receava que fizesse esforços para alcançar a união entre comunistas e sociais-democratas para constituir a frente unitária.*» Quando a divulgação da *Sputnik* na RDA foi proibida por causa deste difamatório artigo anticomunista, sucedeu-se uma onda de indignação verdadeiramente estranha. Estranha porque a indignação foi suscitada não pelo facto de uma revista soviética fazer agitação anticomunista, mas sim pela proibição da sua divulgação a expensas do Estado.

Recordo a discussão no nosso grupo do partido do Instituto Histórico Central da Academia das Ciências, onde a indignação a propósito da «proibição da *Sputnik*» também atingiu níveis elevados. Num ponto estivemos todos de acordo: a reacção oficial a este número da *Sputnik* fora de uma estupidez quase incrível e demonstrara uma completa incapacidade para avaliar realisticamente o pensar e o sentir das massas. (O *ND*, de 18/19 de Novembro de 1988, publicou o despacho da *ADN*⁸ com a «Informação da secção de imprensa do Ministério dos Correios e Comunicações», na qual se afirmava que a *Sputnik* tinha sido riscada da lista dos jornais a ser enviados pelo correio, porque nenhum artigo contribuía para a consolidação da amizade germano-soviética, e publicava artigos deformadores da História). Todos os leitores se sentiram, justamente, gozados de forma insultuosa porque a direcção do Partido e do Estado e Erich Honecker pessoalmente se escondiam de forma indigna atrás da Secção de Informação do Ministério dos Correios.

Mas quando disse às minhas e aos meus camaradas que todavia me espantava que a sua raiva e a sua indignação não se dirigissem em primeiro lugar contra a monstruosidade que representava a agitação e a propaganda anticomunista numa revista soviética, mas sim contra os nossos órgãos, fiquei literalmente sozinho. «Gorbi» já tinha conseguido que a «inteligência do Partido» – os meus colegas no Instituto eram quase todos membros do *SED* – defendesse, salvo raras excepções, a contra-revolução, desde que ela aparecesse sobre o signo soviético.

⁸ *Allgemeiner Deutscher Nachrichtendienst* (serviço geral de informação alemão), agência de imprensa da República Democrática Alemã. (N. Ed.)

Desde então que a mentira da «proibição de Moscovo da propaganda anti-hitleriana», após a assinatura do Pacto de Não-Agressão até ao assalto à União Soviética, pertence ao reportório da campanha de difamação anticomunista, disfarçada de anti-stalinismo.

Podemos ler também em Dimítrov sobre o verdadeiro comportamento da União Soviética nesta questão. Antes de deixarmos falar as notas do diário de Dimítrov sobre esta mentira, alguns excertos de documentos do KPD:

1. Da declaração do CC do KPD de 3 de Setembro de 1939:

*«O KPD sempre defendeu (...) que a libertação do nosso povo da ditadura fascista não vem de fora (guerra) mas (...) será o resultado da luta das massas populares. Por isso, desde há anos, os comunistas concentraram **todas** as forças no desenvolvimento da luta de massas contra a política bélica de Hitler.»*

2. Da Plataforma Política do KPD de 30 de Dezembro de 1939:

«5. (...) As forças do grande capital atiram com todo o ónus da guerra para os ombros das massas trabalhadoras. A afirmação nacional-socialista “que na Alemanha existem condições sociais progressistas, que terá lugar uma distribuição igual dos sacrifícios, que não serão autorizados lucros da guerra, que existe um socialismo alemão, não corresponde aos factos. É necessário consciencializar as massas da contradição entre as afirmações nacionais-socialistas e os factos, desmascarar o embuste sobre a suposta “comunidade do povo”(...)»⁹

E agora as notas de Dimítrov no seu diário.

Sob o registo de 7 de Novembro de 1940, 24.º aniversário da Revolução de Outubro, Dimítrov relata o conteúdo das afirmações de Stáline durante o almoço com camaradas dirigentes. Nesta ocasião Stáline disse: *«Não estamos preparados para o tipo de guerra aérea em que se defrontam a Alemanha e a Inglaterra. Constatou-se que os nossos aviões só podem ficar no ar 35 minutos, enquanto os dos alemães e ingleses podem fazê-lo durante várias horas! Se as nossas forças armadas, o sistema de transportes, etc., não forem tão fortes como os dos nossos inimigos (e estes são todos os estados capitalistas, incluindo aqueles que se dizem nossos amigos), eles devorar-nos-ão.»* (p. 316)

A partir de Novembro de 1940, Dimítrov refere-se com mais frequência à Bulgária. Não porque os acontecimentos na sua pátria e no partido comunista, compreensivelmente, o ocupassem muito. A razão principal decorria do facto de a Alemanha nazi ter começado, a partir de Novembro de 1940, a desenvolver esforços para obter uma nova zona de concentração. Isto criou uma situação excepcionalmente complicada quer à União Soviética, quer à Internacional Comunista. Ambas estavam interessadas em prolongar a pausa respiratória alcançada através do Pacto de Não-Agressão até à eclosão inevitável do confronto armado, se possível só depois de iniciado o ano de 1942. Mas isto significava, quer do lado da União Soviética quer do lado da Internacional Comunista, abdicar rigorosamente de tudo o que pudesse levar a direcção alemã a iniciar mais cedo do que tarde o planeado assalto à União Soviética. Mas, por outro lado, a União Soviética tinha de opor-se e frustrar as manobras da Alemanha de Hitler que procuravam convencer a opinião pública mundial de que a URSS aprovava todos os seus actos agressivos e bélicos. Esta situação exigia tanto da União Soviética como da direcção da IC uma enorme perícia diplomática num equilíbrio político verdadeiramente vital.

⁹ Ambas as citações de acordo com *Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, Berlim, 1966, Vol. 5, pp. 524 e 532.

E naturalmente isto exigia um permanente escrutínio da actuação de ambos. O interesse primordial do movimento comunista mundial era a defesa eficaz da União Soviética e por isso era natural que a Internacional Comunista e todas as suas secções coordenassem estreitamente a sua própria actuação com a da direcção da União Soviética e do PCUS. Não admira que a propaganda anticomunista burguesa, assim como a propaganda social-democrata e trotskista baseassem nisto a sua tese caluniosa da «instrumentalização da Internacional Comunista num instrumento da política externa soviética». Esta actuação é própria dos que se auto-intitularam porta-vozes dos seus próprios governos e do governo dos EUA contra a União Soviética e «defensores dos direitos humanos», aos quais também se juntaram, para sua vergonha, vários viracacas, outrora historiadores famosos da RDA.

As notas de Dimítrov permitem-nos ser testemunhas *a posteriori* da sintonia entre a direcção soviética e a direcção da Internacional Comunista numa situação especialmente complicada e perigosa da luta contra o fascismo.

Nota de 25.11.40: «Com Mólotov. Falámos sobre a Bulgária. Disse-lhe que era indispensável tomar rapidamente medidas para que a Bulgária não fique sob influência exclusiva da Alemanha e não seja utilizada como seu instrumento obediente.

«Mólotov: Agimos nessa direcção. Hoje mesmo vamos analisar uma série de mediadas concretas.

«Em Berlim» – [Mólotov tinha estado em Berlim a 12 de Novembro para conversações preliminares] – «não assinámos nenhum acordo nem assumimos quaisquer obrigações.» [Isto foi uma grande desilusão para a chefia nazi. Hitler tinha dito a 24.10.1940 – como anota no seu diário o chefe do estado-maior do exército, Franz Halder, – «Mólotov vem a Berlim. Espera-se a entrada da Rússia no pacto a três.»¹⁰] «Os alemães viram-se agora para a Turquia (...) é difícil prever o que fará a Turquia. Mas acompanhamos atentamente o que acontece na Turquia e à sua volta. Os alemães querem apresentar [as coisas] como se nós aceitássemos os seus planos nos Balcãs. Eis por que publicámos um desmentido a propósito da adesão da Hungria ao pacto tripartido. Agora todos ficarão a saber que nós não o aprovámos de forma nenhuma.

«Dimítrov: Seguimos uma linha orientada para a desmoralização das tropas de ocupação alemãs nos diversos países e queremos reforçar ainda este trabalho sem o espalhar aos quatro ventos. Isto não dificultará a política [da União Soviética]?

«Mólotov: Evidentemente que isso tem de ser feito. Não seríamos comunistas se não seguissemos essa linha. Mas isso deve ser feito sem barulho.»

Dimítrov continua: «Acabava de regressar do Komintern, quando fui chamado por Stáline (...) Stáline: Hoje fizemos uma proposta aos búlgaros sobre a assinatura de um tratado de assistência mútua (...) Se os búlgaros não aceitarem a nossa proposta ficarão completamente nas mãos dos alemães e dos italianos e perder-se-ão (...) É erróneo pensar que a Inglaterra está derrotada. Possui grandes forças na Mar Mediterrâneo. Está presente directamente nos estreitos. Depois da invasão das ilhas gregas, a Inglaterra reforçou a sua posição nesta região. As nossas relações com os alemães são aparentemente cordiais, mas há entre nós atritos sérios. A proposta foi hoje enviada ao governo búlgaro (...) É preciso que esta proposta seja amplamente divulgada junto da opinião pública búlgara.» (pp.320-21).

¹⁰ Hans-Adolf Jacobsen, *Der Zweite Weltkrieg*, Fischer Bücherei KG, Frankfurt am Main, 1965, p. 81.

Na realidade tal exigia – como se conclui da nota seguinte de Dimítrov – orientações mais rigorosas, de modo a não fazer perigar o êxito desejado naquelas condições internacionais especialmente complicadas:

«14.12.40: A directiva do CC foi enviada (Sófia). A campanha sobre o pacto não deve ter um carácter partidário, antiburguês, antidinástico e antigermânico. É conveniente apresentá-lo não numa bases de classes, mas numa base nacional e de estado.» (p. 325)

Dimítrov anota a 27.11.1940: «O espírito patriótico e antigermânico dos checos não está quebrado. Ódio total dos checos à Alemanha nacional-socialista. Numa tal atmosfera observa-se uma solidariedade nacional entre os checos. Um estrato muito pequeno colocou-se conscientemente ao serviço dos alemães.» (p. 323)

Nota de 12.1.1941: «Telefonei a Mólotov sobre a possível entrada das tropas alemãs na Bulgária. Prometeu combinar um encontro com Stáline sobre este assunto. Mólotov disse: “Publicámos um comunicado da TASS segundo o qual a passagem das tropas pela Bulgária¹¹ não foi decidida com o nosso acordo. Por agora não fazemos mais nada.”» (p. 331)

Sobre o mesmo problema segue-se, nas páginas 332-333, a seguinte nota de Dimítrov: «Enviei a Stáline uma carta pessoal:

“Caro cam. Stáline,

Peço-lhe que me receba com urgência para falarmos sobre a linha que o PC búlgaro deve seguir face à entrada das tropas alemãs na Bulgária. A preparação da entrada das tropas alemãs na Bulgária coloca o Partido Comunista Búlgaro perante uma tarefa particularmente difícil e complicada. Dispondo de uma enorme influência no país, o partido comunista não pode evidentemente calar-se ante uma tal acção da Alemanha, cometida com a autorização ou tolerância do governo búlgaro. Mas uma questão se coloca: como e com que medidas deve o partido reagir, que posição concreta deve assumir?

Entendo que o partido comunista deve tomar posição, de maneira decidida, contra o envio de tropas alemãs, qualquer que seja o pretexto dessa transferência, indicando que uma tal violação da neutralidade da Bulgária conduz ao envolvimento do povo búlgaro na guerra por interesses que lhe são alheios e ameaça transformar o território búlgaro em teatro de operações militares, pondo em jogo a existência independente do país. Ao mesmo tempo, o partido comunista deve pôr à luz a responsabilidade do tsar Boris e do governo, que rejeitaram a proposta soviética de um pacto de assistência mútua, eles que são os culpados directos pela situação actual, e assim sublinhar ainda mais a necessidade de um pacto de assistência mútua entre a Bulgária e a União Soviética.

Utilizando amplamente o comunicado da TASS, o partido comunista deve combater o engano das massas, organizado pelo governo, que insiste no facto de que o transporte de tropas alemãs decorre com o acordo da URSS.

O partido comunista deve prosseguir o seu movimento de massas contra a instauração de um regime de ocupação no país e contra a confiscação da sua economia e dos seus recursos alimentares, evitando intervenções imponderadas, provocações e confrontações armadas.

Saudações fraternas.

G. Dimítrov.”

¹¹ Em Janeiro de 1941, Hitler anuncia o envio de tropas para ajudar Mussolini depois da derrota do seu exército na Grécia. As tropas nazis irão atravessar a Roménia e a Bulgária com esse objectivo, tendo entrado neste último país em 1 de Março. (N. Ed.)

Stáline telefonou-me às duas da manhã:

“Li a sua carta. Concordo com a sua posição. É indispensável desmascarar, evitando as provocações. Tais acções apenas facilitarão a tarefa dos alemães, ocupar o país...

O partido deve agir não como adjunto da União Soviética, mas sim por sua própria iniciativa. O governo búlgaro silencia a nossa declaração. Transmítala-emos em búlgaro pela rádio.”»

«21.1.41: (...) Falei com Mólotov sobre a Bulgária e outras questões. Mólotov informou-me de que o governo soviético declarou ao governo alemão que a Bulgária e os estreitos marítimos pertencem à esfera de segurança da URSS. (...) (p. 337)

«4.3.41: (...) Foi publicado um comunicado do governo soviético, criticando a política do governo búlgaro e a entrada das tropas alemãs na Bulgária.» (p. 354)

Mais ou menos ao mesmo tempo em que iniciava os seus esforços para incluir a Bulgária na zona de concentração das suas forças armadas, a Alemanha desenvolvia contactos com Belgrado para conseguir que a Jugoslávia aderisse ao bloco do «Pacto Tripartido».¹² Quando a 25 de Março de 1941, o governo reaccionário da Jugoslávia aderiu ao Pacto Anti-Komintern,¹³ Hitler e as chefias da *Wehrmacht* puderam acreditar que já nada poderia impedir o cumprimento do calendário hitleriano do assalto à União Soviética. Hitler havia comunicado aos seus generais em 31 de Julho de 1940: «Resolução: na sequência deste conflito, a Rússia tem de ser eliminada. Primavera de 1941.»¹⁴ Este plano do aspirante a ditador mundial Hitler foi gorado pelas forças antifascistas jugoslavas. Dimítrov anotou no seu diário: «27.3.41: Golpe militar anti-alemão na Jugoslávia (...).» (p. 363)

Esta notícia foi naturalmente recebida com muita alegria em Moscovo, o fracasso da inclusão da Jugoslávia na zona de concentração alemã tinha de conduzir forçosamente ao prolongamento da pausa respiratória para a União Soviética. Mas a evolução posterior complicou a tarefa já de si extremamente difícil de apoiar as forças anti-alemãs e antifascistas de forma a não fazer perigar os esforços para prolongar o máximo possível o efeito do Tratado de Não-Agressão. As notas de Dimítrov sobre a troca de relatórios e instruções que manteve com o PC jugoslavo mostram de forma impressionante como se lutou para se encontrar o caminho certo para a solução deste difícil problema:

«28.3.41: (...) Recebi um telegrama do CC do partido jugoslavo acerca da posição sobre os acontecimentos na Jugoslávia.

1) O partido organiza a resistência popular contra a invasão da Jugoslávia pelas tropas italo-germânicas e contra as tentativas inglesas para arrastar a Jugoslávia para o seu lado na guerra.

2) Pressão popular geral sobre o novo governo, exigindo a denúncia do Pacto de Viena e a conclusão de um pacto de assistência mútua com a URSS.

3) Comportamento prudente para com o novo governo.» (p. 364)

«29.3.41: (...) À noite com Viatcheslav Mikhaïlovitch [Mólotov] (no Krémelin). Falámos sobre a Jugoslávia.

¹² O Pacto Tripartido foi assinado a 27 de Setembro de 1940 pela Alemanha, Itália e Japão. Ainda em 1940 aderiram a Hungria, Bulgária, Eslováquia e Espanha.

¹³ O Pacto Anti-Komintern foi assinado a 25 de Novembro de 1936, com o nome «Tratado Sobre a Luta Comum Contra a Internacional Comunista», entre a Alemanha e o Japão. Mais tarde aderiram a Itália (6.11.1937), a Hungria (24.2.1939), a Espanha de Franco (27.3.1939), a Bulgária, Dinamarca, Finlândia, Roménia, Eslováquia e Croácia (25.11.1941).

¹⁴ Jacobsen, p. 78.

[Mólotov]: *Não é útil organizar manifestações de rua. Os ingleses aproveitar-se-iam disso. A reacção interna também. Os quadros do movimento comunista seriam destruídos. No período actual é preciso reunir forças e preparar-se. Não fazer barulho, não gritar, mas prosseguir firmemente a nossa linha. Conviria aconselhar isto aos camaradas jugoslavos. (...) A história jugoslava foi uma bofetada para os alemães.*

(...) *Preparei [o seguinte] para transmitir à Jugoslávia (ao CC do partido comunista): “Aconselhamo-vos fortemente, no período que se segue, a se limitarem a uma explicação enérgica e inteligente às massas da posição que tomaram, mas a não organizarem manifestações de rua e evitarem, por todos os meios, uma confrontação armada das massas com o poder. Não se deixem levar por impulsos de ocasião. Não percam o vosso tempo com intervenções ruidosas de aparência brilhante e concentrem toda a vossa atenção na explicação dos nossos princípios, das nossas palavras de ordem e da nossa política comunista, no reforço do partido, na unidade e organização das forças da classe operária, das massas camponesas e dos trabalhadores das cidades, na preparação destas forças em todas as direcções, no reforço da influência do partido nas forças armadas e na juventude. Não se precipitem. Não caiam nas provocações do inimigo. Não baixem a guarda e não enviem o povo para o fogo antes de tempo. O momento da batalha decisiva contra o inimigo de classe ainda não chegou. Conduzir um trabalho incansável de esclarecimento e preparar-se em todos os sentidos, vós próprios e as massas – esta é a tarefa actual do partido. Tomem isto em consideração e apliquem-no. Confirmem a recepção. Informem-nos regularmente.»* (p. 365)

«2.4.41: *Enviámos um aviso ao CC em Sófia após as manifestações anti-sérvias – “... Arrastar a Bulgária para uma guerra contra a Jugoslávia não só é um acto de sórdida traição para com um povo irmão vizinho, mas significaria para o próprio povo búlgaro que ele se transformaria num apêndice do imperialismo alemão, vertendo o seu sangue por interesses que lhe são alheios e conduzindo o seu próprio país para a ruína e uma destruição terrível. Desenvolver uma campanha neste sentido, sem cair nas provocações do inimigo.”*» (p. 367)

«4.4.41: (...) *A nossa directiva chegou à Jugoslávia. O pacto entre a Jugoslávia e a URSS foi preparado esta noite.*» (p. 368)

«5.4.41: (...) *O pacto [de Amizade e Não-Agressão] com a Jugoslávia foi assinado esta noite.*» (p. 369)

«6.4.41: *O pacto com a Jugoslávia foi publicado com uma foto da delegação jugoslava com Mólotov, Stáline e outros. A Alemanha declarou guerra à Jugoslávia e à Grécia.*» (p. 369)

«9.4.41: *Falei com Jdánov sobre o apelo da IC para o 1.º de Maio. – Consideramos ambos que, na situação actual, não é útil intervir com um apelo do Komintern para o 1.º de Maio. (Fazer uma análise completa significa, em certa medida, mostrar as nossas cartas, dar um pretexto que os inimigos utilizariam para os seus fins, etc.)*

– *Os acontecimentos nos Balcãs não alteram a via que escolhemos no que respeita à guerra imperialista e aos dois grupos capitalistas em confronto. Não aprovamos a expansão alemã nos Balcãs. Mas isso não significa que nos afastamos do pacto com a Alemanha e nos colocamos do lado da Inglaterra. Os que entre nós pensam assim subestimam o papel próprio e o poderio da União Soviética. Consideram que nos devemos orientar para um ou para o outro grupo imperialista, mas isto é absolutamente errado.*» (p. 370)

«18.4.41: *Falei ao telefone com Jdánov sobre a nossa directiva sobre a realização do 1º de Maio. Ele transmitiu-me as observações de Ióssif Vissariónovitch Stáline sobre a*

necessidade de diferenciar consoante os países (em guerra, não envolvidos na guerra, ocupados, etc...). – Nenhuma hesitação no que respeita às directiva de base (“a guerra imperialista é assunto dos imperialistas”; “a paz civil é assunto da classe operária e dos povos.” – “A guerra dos povos grego e jugoslavo contra a agressão imperialista é uma guerra justa”, etc.).» (p. 373)

Com a definição da guerra justa dos povos grego e jugoslavo foi dado o primeiro passo para o distanciamento da classificação global da II Guerra Mundial como guerra imperialista, e assim como uma guerra injusta de todos os Estados envolvidos, e para a qualificação da guerra contra a Alemanha fascista como uma guerra justa. Mas só no discurso de 9 de Fevereiro de 1946, Stáline tirou retrospectivamente a seguinte conclusão sobre a guerra e o período antes da guerra:

«A II Guerra Mundial contra as potências do Eixo, ao contrário da I Guerra Mundial, adquiriu logo de início o carácter de uma guerra antifascista, de libertação (...) A entrada da União Soviética na guerra contra as potências do Eixo só podia reforçar – e efectivamente reforçou – o carácter antifascista e de libertação da II Guerra Mundial.»¹⁵

Era impossível fazer uma tal análise logo no início da guerra. Ela só pôde ser feita depois de as forças reaccionárias nos EUA e na Inglaterra não terem logrado a dissolução da coligação anti-hitleriana, através das suas repetidas tentativas de obter uma paz especial com a Alemanha de Hitler, para lhe manter as mãos livres com vista a uma guerra numa só frente contra a União Soviética. Só a vitória conjunta sobre as potências do Eixo permitiu considerar a guerra do princípio ao fim como uma guerra justa e antifascista.

Mas adiantámo-nos. Retornemos às notas de Dimítrov.

«23.4.41: (...) Conclusões gerais:

a) Os acontecimentos nos Balcãs não irão acelerar o fim das hostilidades, mas pelo contrário vão prolongá-las e intensificá-las. A guerra mundial é longa e penosa.

b) As chamadas da guerra aproximam-se cada vez mais das fronteiras da União Soviética que, por todos os meios, deve estar pronta a fazer face a todas as “surpresas”.

c) A União Soviética tem as mãos mais livres no que respeita ao Ocidente.» (p. 376).

«5.5.41: (...) À noite no Krémelin, cerimónia oficial em honra dos finalistas das Academias Militares, seguida de recepção.

Durante a cerimónia oficial, I.V. [Stáline] fez um discurso.

“(...) Por que é que a França foi derrotada, a Inglaterra sofreu derrotas e os alemães alcançam êxitos? A principal razão deve ser procurada no facto de a Alemanha, país derrotado, ter procurado e encontrado novas vias e novos meios para sair da grave situação na qual se encontrava após a I Guerra Mundial. Criou um exército, quadros, forneceu-lhes armas em abundância, particularmente na artilharia tal como na aviação. Ao mesmo tempo, a França e a Inglaterra sofrem, desde a vitória, da vertigem do sucesso, comprazem-se com o seu poderio e descuidaram a necessária preparação militar (...) Um exército que se considera invencível e que não precisa de melhoramentos caminha inelutavelmente para a derrota.

¹⁵SWA-Verlag, Berlin, 1946, p. 7. Também em: J.V. Stalin, *Werke*, vol. 15, p. 38, Verlag Roter Morgen, Dortmund, 1979. [Cotejado com original russo, «Discurso na reunião de eleitores do círculo eleitoral de Stáline da cidade de Moscovo», 9 de Fevereiro de 1946, I.V. Stáline, *Obras*, Izdatelstvo Pissátel, Moscovo, 1997, tomo 16, p. 6 (N. Ed.)]

Será o exército alemão invencível? Não. Não é invencível. Em primeiro lugar, a Alemanha iniciou a guerra sob o lema da “libertação de Versalhes”. E teve a compreensão dos povos que sofriam com o sistema de Versalhes. Mas agora a Alemanha continua a guerra sob a bandeira da conquista e submissão dos outros povos, sob a bandeira do hegemonismo. Isto é uma enorme desvantagem para o exército alemão. Este não só já não dispõe da simpatia de um grande número de países e povos mas, pelo contrário, tem contra si muitos dos países que ocupa. Um exército que combate tendo à sua volta e na retaguarda territórios e massas inimigos, encontra-se em grande perigo. Esta é outra desvantagem para o exército alemão. – Depois – a direcção alemã começa a sofrer da vertigem do sucesso. Acreditam que podem tudo, que o seu exército é suficientemente forte e não há necessidade de o aperfeiçoar.

Tudo isto indica que o exército alemão não é invencível (...)

O nosso exército deve reforçar-se incessantemente, aperfeiçoar-se. E as nossas escolas militares têm de acompanhar o passo, não podem ficar para trás (...)

... A nossa política de paz e de segurança é também, ao mesmo tempo, uma política de preparação para a guerra. Não há defesa sem ataque. É preciso educar o exército no espírito da ofensiva. É preciso estar preparado para a guerra.» (p. 380 e segs.)

«21.6.41: Num telegrama enviado de Chongqing¹⁶ para Yan’na (Mao Tse-tung), Chu-En-Lai refere, entre outros, que Chiang-Kai-Chek afirma insistentemente que a Alemanha vai atacar a URSS, e até indica uma data – 21.6.41!

– Os boatos sobre um ataque iminente multiplicam-se por toda a parte. É preciso estar atento...

– Esta manhã telefonei a Mólotov. Pedi-lhe que discutíssemos com Ióssif Vissariónovitch [Stáline] a situação e as instruções necessárias para os partidos comunistas.

– Mólotov: “A situação não é clara. O grande jogo está em curso. Nem tudo depende de nós. Falarei com I.V. [Stáline]. Se houver alguma coisa de especial, telefono!» (p. 392)

22.6.41: – Domingo.

– Às 7 horas da manhã fui chamado com urgência ao Krémelin.

– A Alemanha invadiu a URSS. A guerra começou (...)

– No escritório de Stáline estão Mólotov, Vorochílov, Káganovitch, Malenkov.

– Stáline, voltando-se para mim: “Atacaram-nos sem nenhuma exigência, sem exigir qualquer negociação, atacaram-nos traiçoeiramente, como bandidos. Depois do ataque e do bombardeamento de Kíev, Sebastópol, Jitómir, etc., apareceu Schulenberg [o embaixador alemão] com uma declaração segundo a qual a Alemanha, sentindo-se ameaçada pela concentração de tropas soviéticas nas fronteiras junto da sua fronteira oriental, tomou medidas preventivas. Os finlandeses e os romenos estão do lado dos alemães. A Bulgária representa os interesses da Alemanha na URSS. – Só os comunistas podem vencer os fascistas...”

– Calma, firmeza e confiança espantosa de Stáline e de todos os outros.» (p. 392)

Recordemos aqui a maldosa e falsa imagem, que Khruchov apresentou aos delegados do XX Congresso, de um Stáline desesperado e desorientado depois do assalto, que deu tudo como perdido e que se retirou «durante longo tempo» para a sua *datcha* e não se preocupou com mais nada! É espantoso como esta imagem ainda hoje perdura como a

¹⁶ Chongqing é uma das principais cidades da província de Sichuan no interior da China (N. Ed.)

verdadeira imagem de Stáline no início da guerra, mesmo nos partidos comunistas, apesar de as memórias do marechal Júkov, publicadas em 1969 em Moscovo, demonstrarem com toda a clareza a falsidade da caracterização khruchoviana. É suficiente aqui citar a seguinte passagem do livro de Júkov: «*Stáline era uma pessoa de vontade forte e não era nenhum covarde (...) Depois do 22 de Junho de 1941, Stáline, com o CC do partido e o governo soviético, dirigiu durante toda a guerra o país, as operações militares e os assuntos internacionais de forma firme e segura.*»¹⁷

Como é possível explicar que mesmo nos partidos comunistas como o *DKP* não se registem quaisquer esforços para provar, pelo menos, a mais evidente das falsificações históricas de Khruchov e confrontá-la com a verdade histórica? Não estaria finalmente na altura, dez anos depois da vitória da contra-revolução? Esta, sem o início da reescrita da história do socialismo no XX Congresso – e não só da história da URSS, mas de todos os países socialistas e especialmente da RDA – não teria sido possível enquanto consequência do pior crime!

4. Dimítrov sobre a dissolução da III Internacional

Numa discussão com destacados camaradas do *DKP* sobre a dissolução do *Bureau* de Informação Comunista por Khruchov, durante a qual caracterizava esta dissolução como uma das medidas através das quais Khruchov introduziu no movimento comunista o «nacional comunismo», propagandeado pelo partido de Tito, em lugar do princípio marxista-leninista do internacionalismo proletário, foi-me respondido: «Então, deves dirigir essa crítica, em primeiro lugar, a Stáline, pois foi ele que, em 1943, ordenou directamente, sem perguntar nada a ninguém, a dissolução da Internacional Comunista, infligindo assim um duro golpe no movimento comunista!»

Esta perspectiva sobre a dissolução do *Komintern*, dominante quer no *DKP* quer no *PDS*, e ainda mais em todos os partidos e grupelhos trotskistas, tem tão pouco a ver com a verdade como as lendas tratadas nos capítulos anteriores e refutadas com a ajuda das notas do diário de Dimítrov.

Dimítrov conta-nos, igualmente, o que se passou na realidade.

Pertence aos antecedentes uma lei dos EUA assinada pelo presidente Roosevelt em 17 de Outubro de 1940. Esta lei proibiu as organizações norte-americanas de terem qualquer filiação internacional. O Partido Comunista dos EUA podia ser proibido por causa da sua filiação na Internacional Comunista. Na altura, o seu secretário-geral, Earl R. Browder, estava na prisão. Tinha sido condenado, em Janeiro de 1940, a quatro anos de cadeia por «delito de passaporte». A seu pedido, o partido interpelou o Comité Executivo da Internacional Comunista, colocando a questão se não seria adequado, para evitar a interdição, desfiliar-se da Internacional Comunista.¹⁸ A seguinte nota do Diário de Dimítrov relaciona-se manifestamente com esta interpelação:

«16.11.40: *Ercoli* [Togliatti], *Marty* e *Gottwald* na minha casa a propósito do pedido do PC americano relacionado com o seu congresso extraordinário. Decidimos dar a seguinte resposta: “Se for absolutamente necessário tomar uma decisão sobre a questão da filiação (na organização do *Komintern*), uma tal decisão deverá sublinhar a

¹⁷ Marechal da União Soviética G.K. Júkov, *Erinnerung und Gedanken*, Vol. 1, Editora Militar Alemã, Berlim, 1969, p. 324, assim como todo o capítulo «O início da Guerra», p. 285 e segs.

¹⁸ Wolfgang Kießling, *Partner im "Narrenparadies"*, Berlim, 1994, p.97

fidelidade do partido ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário num momento em que se vê forçado, com o objectivo de conservar a possibilidade de trabalhar legalmente, a interromper a ligação formal à IC para.» (p. 319)

Cinco meses mais tarde, em Abril de 1941, Dimítrov relata as observações de Stáline no círculo de camaradas dirigentes:

«20.4.41: Bebemos, inclusive à minha saúde. Nesta ocasião I.V. [Stáline] disse: Dimítrov tem partidos no Komintern que estão a sair (alusão ao partido americano). Isso não é mau. Pelo contrário, seria conveniente tornar os partidos comunistas completamente independentes, e não secções da IC. Eles devem transformar-se em partidos comunistas nacionais com diferentes designações – partido operário, partido marxista, etc... O nome não é importante. É mais importante que se enraízem no povo e se concentrem nas suas tarefas específicas. Devem ter um programa comunista, devem basear-se numa análise marxista. Mas não é olhando para Moscovo que poderão resolver autonomamente as tarefas concretas que se lhes colocam em cada país. A situação e as tarefas são completamente diferentes em cada país (...) Deste modo, os partidos comunistas tornar-se-iam mais fortes, e então poderiam recriar novamente a sua organização internacional.

«A Internacional foi fundada no tempo de Marx na expectativa de uma rápida revolução internacional. O Komintern foi criado com Lénine, num período idêntico. A partir de agora, são as questões nacionais que passam para primeiro plano em cada país. Mas um partido comunista enquanto secção de uma organização internacional, subordinada ao Comité Executivo da Internacional Comunista, constitui um erro...

Não fiquem agarrados ao que existia ontem. Considerem estritamente a nova situação que está a ser criada (...)

«Na situação actual, a filiação dos partidos comunistas no Komintern facilita a repressão da burguesia contra eles e os seus planos isolam-nos das massas do respectivo país. Os partidos comunistas [devido a esta filiação] têm o seu desenvolvimento independente dificultado e limitada a possibilidade de resolver as suas tarefas enquanto partidos nacionais.»

Conclusão de Dimítrov: «– A questão da existência do Komintern a curto prazo e das novas formas de ligação e de actividade internacional nas condições de uma guerra mundial estão colocadas com firmeza e clareza.» (p. 374 e seg.)

Dimítrov reuniu-se com camaradas dirigentes do Comité Executivo da Internacional Comunista (CEIC) sobre esta questão:

«21.4.41: Coloquei a Ercoli e Maurice [Thorez] a questão da suspensão a curto prazo da actividade do CEIC enquanto instância dirigente dos comunistas e da concessão de uma total independência aos partidos, e a sua transformação em verdadeiros partidos comunistas nacionais dos respectivos países, orientados por um programa comunista, mas resolvendo as suas tarefas concretas de maneira própria, tendo em conta as condições nos seus países, e assumindo a responsabilidade pelas suas decisões e acções. Em substituição do CEIC, dispor de um órgão de informação e de apoio ideológico e político aos partidos comunistas.

Ambos consideraram esta forma de colocar o problema como globalmente correcta e inteiramente correspondente à situação actual do movimento operário internacional. (p. 375)

Pouco tempo depois, Dimítrov teve mais reuniões com outros camaradas, como D.Z. Manuílski e A.A. Jdánov sobre esta questão:

«12.5.41: *Discutimos com D.Z. [Manuïlski] a fundamentação da decisão sobre a suspensão das actividades do CEIC. – Muitas questões pouco claras e difíceis e confusas se ligam a esta transformação.*

– No CC (com Jdánov). Discutimos a questão do Komintern.

1) A decisão deve basear-se nos princípios, uma vez que será necessário explicar seriamente no estrangeiro, bem como aos nossos comunistas soviéticos, por que razão damos tal passo. O Komintern existia com a sua grande história e de repente deixa de existir e agir como um centro internacional unificado.

A decisão deverá prever antecipadamente todos os possíveis golpes do inimigo, alegando, por exemplo, que se trataria de uma manobra ou que os comunistas renegam o internacionalismo e a revolução proletária internacional.

– A nossa argumentação deve ser de forma a fazer avançar os partidos comunistas e não dar origem a um ambiente fúnebre e de desorientação. (...)

– As ideias do Komintern penetraram profundamente em muitas camadas de vanguarda da classe operária dos países capitalistas. Na etapa actual é indispensável que os partidos comunistas se desenvolvam como partidos nacionais independentes. Na base do florescimento do movimento comunista nacional em cada país, ressurgirá na etapa seguinte uma organização internacional comunista numa base mais firme e mais ampla.

– Deve-se mostrar com clareza que a interrupção das actividades do CEIC não significa a renúncia à solidariedade proletária internacional. Pelo contrário, apenas mudam as formas e os métodos em que esta se manifesta – formas e métodos que correspondem melhor à etapa actual do movimento operário internacional.

2) Um tal passo deve de ser sério e consequente. Não deve ser feito como se apenas a roupagem mudasse, e que tudo fique como antes; o CEIC dissolve-se, mas na prática continua a existir um centro dirigente internacional sob outra forma.

3) Questão muito importante – de quem partirá a iniciativa: por iniciativa da direcção ou por proposta de vários partidos comunistas? A última [solução] parece a melhor.

4) Tudo isto não é urgente – não se deve ter pressa, mas pensar e preparar seriamente. Três questões devem ser discutidas:

a) Como fundamentar isto em termos de princípio;

b) Por iniciativa de quem deve ser tomada a decisão;

c) Que fazer com a herança da IC?

5) Em qualquer caso, esta iniciativa pode ter reflexos benéficos para o movimento comunista:

a) Caiem por terra os fundamentos de todos os pactos anti-Komintern;

b) O seu grande trunfo da burguesia, o facto de que os comunistas estão subordinados a um centro estrangeiro, logo são “traidores”, ser-lhe-á retirado; c) Os partidos comunistas reforçarão a sua independência e transformar-se-ão em verdadeiros partidos populares nos respectivos países;

d) A adesão ao partido comunista tornar-se-á mais fácil para aqueles operários activistas que actualmente não aderem por considerarem que a adesão os afasta do seu próprio povo. (p. 386 e seg.)

Como vemos, seis semanas antes do ataque da Alemanha nazi contra a União Soviética, a dissolução da IC estava pois, por assim dizer, decidida. Contudo, o início da

guerra patriótica contra a Alemanha fascista passou compreensivelmente para primeiro plano, sobrepondo-se a todas as outras questões.

Além disso, nas condições totalmente alteradas da aliança da União Soviética, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, por um certo período, a direcção dos partidos comunistas pelo CEIC adquire uma vez mais grande importância.

É só depois da grande vitória do Exército Vermelho na batalha de Stalingrado, em Maio de 1943, vitória que permitiu conduzir definitivamente os exércitos da Alemanha fascista para a via da derrota, que voltamos a encontrar no diário de Dimítrov a primeira alusão à dissolução da Internacional Comunista desde o início do ataque fascista.

«8.5.43: – À noite, em casa de Mólotov com Manuílski. Discutimos o futuro do Komintern. Chegámos à conclusão de que, nas actuais condições, o Komintern, enquanto centro de direcção, constitui um obstáculo para os partidos comunistas ao seu desenvolvimento independente e à realização das suas tarefas específicas. Preparar um documento sobre a dissolução deste centro.»

Entre 8 e 22 de Maio de 1943 não há um só dia no diário de Dimítrov sem uma referência aos debates sobre esta questão. A 11 de Maio de 1943, um projecto de declaração do CEIC, redigido por Dimítrov e Manuílski, é apresentado a Stáline, que manifesta o seu acordo.

Examinado várias vezes no *Presidium* do Komintern, o projecto foi redigido na sua versão definitiva em 20 de Maio de 1943, aceite unanimemente pelo *Bureau* Político do Partido Comunista da URSS, em 21 de Maio de 1943, e publicado no *Pravda*, em 22 de Maio de 1943, sob o título «Comunicado do *Presidium* do Comité Executivo da Internacional Comunista». ¹⁹

O seu teor era o seguinte:

«O papel histórico da Internacional Comunista, que surgiu em 1919, a seguir ao desmoronamento político da esmagadora maioria dos velhos partidos operários de vanguarda, consistiu na defesa dos ensinamentos do marxismo contra o seu rebaixamento e a sua distorção por elementos oportunistas do movimento operário. Consistiu em favorecer numa série de países a unificação da vanguarda dos operários progressistas em verdadeiros partidos operários, ajudá-los a mobilizar as massas de trabalhadores para a defesa dos seus interesses políticos e económicos, para o combate contra o fascismo e a guerra que este preparava, e apoiar a União Soviética como principal baluarte da luta contra o fascismo. A Internacional Comunista revelou, no momento próprio, o verdadeiro significado do «pacto anti-Komintern», do qual os hitlerianos se serviam como instrumento para a preparação da guerra. Bem antes disso, o Komintern já tinha denunciado incansavelmente o vergonhoso trabalho de sapa dos hitlerianos noutros estados, actividade que disfarçavam com atoardas sobre uma pretensa ingerência da Internacional Comunista. Muito antes da guerra tornara-se claro que, face à complexidade crescente da situação tanto interna como externa dos diversos países, a resolução das tarefas do movimento operário em cada país pelas forças de um qualquer centro internacional deparar-se-ia com dificuldades insuperáveis. A diferença das vias históricas de desenvolvimento dos diferentes países do mundo, o carácter diferenciado, até mesmo o contraste da sua estrutura, a diferença de nível e de ritmo da sua evolução social e política e, finalmente, a diferença de grau de consciência e de organização dos trabalhadores fazem com que tarefas distintas se

¹⁹ In: *Komintern und revolutionäre Partei. Auswahl von Dokumenten, 1919-1943*, Berlim, 1986, p. 313.

imponham à classe operária dos diferentes países. O desenrolar dos acontecimentos no quartel de século entretanto decorrido e a experiência adquirida pela Internacional Comunista mostraram de maneira convincente que a forma de organização escolhida no momento do I Congresso da Internacional Comunista para a unificação dos trabalhadores – e que correspondia às exigências do período inicial de renascimento do movimento operário – perde cada vez mais eficácia com o crescimento do movimento operário nos diferentes países e a complexidade das suas tarefas, tornando-se mesmo um obstáculo ao desenvolvimento ulterior dos partidos operários nacionais.

A guerra mundial desencadeada pelos hitlerianos acentuou ainda mais as diferenças na situação nos diversos países, cavou um fosso profundo entre os países representantes da tirania hitleriana e os povos amantes da liberdade, que se juntaram na poderosa coligação anti-hitleriana. Enquanto nos países do bloco hitleriano a tarefa principal dos trabalhadores, dos operários e de todos os homens honestos consiste em colaborar de todas as formas para a derrota deste bloco, minando a máquina de guerra hitleriana, em contribuir para a queda dos governos responsáveis pela guerra, nos países da coligação anti-hitleriana é um dever sagrado das amplas massas populares, e sobretudo dos trabalhadores progressistas, apoiar de todas as maneiras os esforços de guerra dos governos destes países para esmagar o mais rapidamente possível o bloco hitleriano e assegurar a colaboração das nações na base da igualdade de direitos. A este propósito é preciso não perder de vista que alguns países reunidos na coligação anti-hitleriana têm também as suas tarefas específicas. Assim, por exemplo, nos países ocupados pelos hitlerianos e privados da sua independência estatal, a tarefa principal dos trabalhadores progressistas e das amplas massas populares consiste no despontar da luta armada com vista a transformá-la em guerra de libertação nacional contra a Alemanha de Hitler. Em concomitância, a guerra de libertação dos povos amantes da liberdade contra a tirania hitleriana pôs em movimento as mais amplas massas populares que, sem distinção de partido ou de crença religiosa, se juntaram às fileiras da poderosa coligação anti-hitleriana e mostraram claramente que o ardor nacional e a mobilização das massas, na sua melhor forma e mais frutífera para uma vitória mais rápida sobre o inimigo, podem ser uma realização da vanguarda do movimento operário de cada país, no âmbito do seu Estado.

Já o VII Congresso da Internacional Comunista, em 1935, tinha assinalado que as mudanças que se estavam a operar diante de si, tanto na situação internacional como no movimento operário, exigiam uma grande mobilidade e autonomia das secções da Internacional Comunista. Na redacção da resolução sobre as questões do movimento operário, o congresso sublinhou a necessidade de o Executivo da Internacional Comunista partir das condições concretas e das particularidades de cada país e de evitar qualquer tipo de intervenção directa nas tarefas organizativas internas dos partidos comunistas.

Estas considerações foram tidas em conta pela Internacional Comunista quando, em Novembro de 1940, o Partido Comunista dos Estados Unidos da América comunicou a sua decisão, que seria aprovada, de sair das fileiras da IC.

Guiados pelos ensinamentos dos fundadores do marxismo-leninismo, os comunistas nunca foram partidários da manutenção de formas de organização obsoletas. Sempre submeteram as formas de organização e os métodos de trabalho das suas organizações aos interesses políticos fundamentais do movimento operário no seu conjunto, às particularidades da situação histórica concreta existente e às tarefas directamente emanadas dessa situação. A sua memória guarda o exemplo do grande Marx, que

juntou os trabalhadores progressistas nas fileiras da Associação Internacional dos Trabalhadores – a I Internacional –, que estabeleceu os fundamentos do desenvolvimento do partido operário nos países da Europa e da América. Perante a necessidade amadurecida de criar partidos operários nacionais de massas foi dado o passo de dissolver a I Internacional, uma vez que esta forma de organização já não correspondia às necessidades.

Partindo de uma avaliação do presente, tendo em conta o crescimento e a maturidade política dos partidos comunistas e dos seus quadros dirigentes nos respectivos países, bem como o facto de que, com o desencadear da presente guerra, uma série de secções levantaram a questão da dissolução da Internacional Comunista enquanto centro dirigente do movimento operário internacional, o Presidium do Comité Executivo da Internacional Comunista, impossibilitado de nas condições da guerra mundial convocar o Congresso da Internacional Comunista, toma a iniciativa de submeter à aprovação das secções da Internacional Comunista a seguinte proposta: dissolver a Internacional Comunista como centro dirigente do movimento operário internacional e desvincular as secções da Internacional Comunista das obrigações decorrentes dos seus estatutos e suas decisões.

O Presidium do Comité Executivo da Internacional Comunista apela a todos os filiados da Internacional Comunista a concentrarem os seus esforços no apoio unilateral e na participação activa na guerra de libertação dos povos e dos estados da coligação anti-hitleriana com vista ao esmagamento mais rápido possível do inimigo mortal dos trabalhadores: o fascismo da Alemanha e dos seus aliados e vassalos.»

Esta declaração foi enviada a todas as secções do *Komintern* como uma tomada de decisão e todos os partidos a aprovaram sem excepção.

À data de 29 de Maio de 1943, Dimítrov anotou o teor das declarações de aprovação dos partidos comunistas da Grã-Bretanha, da Áustria e da Jugoslávia, assim como o teor da entrevista dada por Stáline ao correspondente da agência *Reuters* em Moscovo a propósito da dissolução do *Komintern*.

«8.6.43: – Conduzi a última sessão do Presidium do CEIC.

1. Ficou expresso que todas as secções (existentes e com possibilidade de fazer chegar a sua decisão) adoptaram unanimemente a proposta de dissolução do Komintern, e que de nenhuma secção chegou uma recusa desta proposta.

2. Declarámos dissolvidos o Comité Executivo do Komintern, o Presidium e o Secretariado do CEIC, bem como da Comissão de Controlo Internacional. (...)»

«10.6.43: – O nosso comunicado sobre a decisão do Presidium, de 8 de Junho de 1943, foi publicado no Pravda. (...)»

Assim, tanto a documentação como as notas de Dimítrov nos seus diários sobre a história da dissolução do *Komintern* desmentem completamente a lenda da «brusca dissolução da Internacional Comunista por um único decreto de Stáline».

Eis a verdade: foi a lei americana de Outubro de 1940, que ameaçava interditar o PC dos Estados Unidos – caso continuasse a ser uma secção da Internacional Comunista –, que impulsionou a reflexão sobre a dissolução. O primeiro passo para a dissolução foi pois a subsequente suspensão da ligação do PC dos Estados Unidos à Internacional Comunista.

A razão decisiva da dissolução do *Komintern* foi, por um lado, a alteração das condições objectivas – por força das quais a continuação de uma direcção central do trabalho dos partidos comunistas constituiria um obstáculo ao seu crescimento e ao

aprofundamento da sua ligação aos trabalhadores dos respectivos países – e, por outro lado, a convicção de que, entretanto, os partidos comunistas tinham amadurecido suficientemente para se desenvolverem como partidos marxistas-leninistas sem necessidade da direcção de uma central.

A dissolução concretizou-se após um ano de consultas do *Presidium* do CEIC e com a aprovação de todas as secções da IC de uma forma inegavelmente democrática. A dissolução da Internacional Comunista não foi, pois, de maneira alguma, uma transgressão do internacionalismo, uma vez que o internacionalismo manteve-se como componente essencial de cada verdadeiro partido marxista-leninista, independentemente da respectiva forma organizacional da sua colaboração. Além disso, foi expressamente apontada a intenção, tanto por Stáline como pela direcção do CEIC, de recriar no futuro, em condições novas, uma organização internacional dos partidos comunistas na forma que correspondesse à situação então existente.

Como é sabido, o *Bureau* de Informação dos Partidos Comunistas e Operários (*Kominform*) foi fundado numa conferência em Varsóvia, em Setembro de 1947, porque, como referia o comunicado da conferência, a falta de contacto entre os partidos representados tinha suscitado fenómenos negativos. Este *Bureau* de Informação teria como tarefa a organização de troca de experiências entre os partidos e, se necessário, a coordenação da sua actividade na base de um acordo mútuo.²⁰ Os participantes da conferência, membros fundadores da organização, chamada abreviadamente «*Bureau* de Informação», eram representantes de partidos comunistas no poder: PC da URSS, PC da Bulgária, PC da Jugoslávia, Partido Operário Polaco, PC da Roménia, PC da Checoslováquia, PC de França e PC de Itália.

O *Bureau* de Informação existiu durante nove anos. O seu fim não se distinguiu fundamentalmente do fim da Internacional Comunista. Exteriormente, decerto, a forma foi preservada. No «Comunicado de informação sobre a suspensão da actividade do *Bureau* de Informação dos Partidos Comunistas e Operários»,²¹ a dissolução foi justificada igualmente pelas «*novas condições para a actividade dos partidos comunistas e operários*», e salientou-se o seguinte: «*Os comités centrais dos partidos comunistas operários pertencentes ao Bureau de Informação trocaram opiniões sobre questões da sua actividade e reconheceram que o Bureau de Informação, por si criado em 1947, esgotou a sua função; neste contexto tomaram de comum acordo a decisão de suspender a actividade do Bureau de Informação (...) e de suspender a publicação do seu órgão, o jornal Para uma Paz Duradoura, Pela Democracia Popular.*»

Hoje coloca-se a questão: o que é que de tão fundamental mudou entre 14 de Dezembro de 1955 e 17 de Abril de 1956 para se ter passado da defesa da existência do *Bureau* de Informação à opinião de que ele teria «esgotado a sua função»?

A 14 de Dezembro de 1955, Khruchov e Bulgánine realizaram em Nova Deli uma conferência de imprensa comum, no decurso da qual Bulgánine tomou a seguinte posição:

Por vezes, pergunta-se se não se poderia liquidar de uma forma ou de outra o Kominform. Por que razão os partidos comunistas deveriam renunciar a uma forma internacionalmente reconhecida de relações e de colaboração internacionais? Por que é que aqueles que levantaram a questão da liquidação do Kominform não têm nada

²⁰«Pela Paz e Democracia Popular». Relatório sobre a actividade de alguns partidos comunistas apresentado na Conferência na Polónia no final de Setembro de 1947, Berlim, 1947, p. 4.

²¹ *Pela Paz Duradoura, Pela Democracia Popular*, N.º 16, de 17 de Abril de 1956.

contra a actividade da Internacional Socialista que uniu os partidos sociais-democratas? Por que é que lhes parece natural e justificado que os capitalistas se reúnam em monopólios internacionais e conferenciem regularmente para realizar os seus negócios em comum e ao mesmo tempo exijam que a classe operária renuncie à grande divisa da solidariedade internacional já pronunciada por Marx e Engels, «Proletários de todos os países uni-vos!», que corresponde aos interesses mais legítimos de todos os trabalhadores?»²²

Esta declaração foi pois uma completa derrota para estes senhores ocidentais, para quem o *Kominform* – terminologia usual no Ocidente para designar o *Bureau* de Informação – era há muito tempo uma espinha no pé! O que é que aconteceu para que quatro meses depois isto já não fosse válido? O que é que tinha mudado tão profundamente?

Só há uma resposta para isso. É que, entretanto, realizou-se o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que iniciou uma viragem afastando-se da política leninista de luta contra o imperialismo com o objectivo de a substituir pela política de reconciliação e de «coexistência» pacífica e duradoura com o imperialismo. Tratava-se, pois, de uma distanciação relativamente à política revolucionária intransigente de luta de classes no espírito do *Manifesto do Partido Comunista*, com vista a adoptar uma política revisionista de conciliação de classes.

O *Bureau* de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, pela sua composição, podia tornar-se um centro de resistência contra a aplicação desta reviravolta no movimento comunista mundial. O *Bureau* também exercia uma pressão sobre a direcção do PCUS para que concertasse as suas próprias decisões com as dos parceiros no seio de um órgão colectivo de deliberação – eis a função que foi declarada como «esgotada». O *Bureau* de Informação devia pois desaparecer! Khruchov precisava de ter o caminho livre para a sua reconciliação com Tito em Junho de 1955, e, de seguida, para a sua tática de surpresa utilizada com sucesso no XX Congresso, que consistia em colocar os outros partidos comunistas perante factos consumados e, assim, perante a alternativa: a obediência ou a ruptura com o Partido Comunista da União Soviética! As consequências de uma recusa tornaram-se claras para todos em 1960, através do exemplo da ruptura com a Albânia e a China. Mas a direcção revisionista só pôde fazê-lo porque já não havia qualquer órgão colectivo do movimento comunista.

Onde esta mudança prevaleceu pela primeira vez no movimento comunista – até à satisfação dos desejos e exigências do inimigo de classe – e por quem e como o demónio desta mudança foi levado para dentro dos partidos comunistas europeus, se tratará no próximo capítulo.

²² N.A. Bulganin/N.S. Chruschtschow, *Reden während des Besuches in Indien...*, Berlim, 1955, p. 141

B. Como o browderismo foi implantado na Europa

I. O justo aviso de Dimitrov sobre a infiltração de agentes imperialistas nos partidos comunistas

Gueórgui Dimitrov anotou no seu diário, a 13 de Maio de 1942, o seguinte: «13.5.42: *No que respeita aos recrutamentos do Comité Americano de Wolff²³ para os serviços de informação americanos e ingleses, supostamente para acções de sabotagem na retaguarda dos alemães, dei a instrução ao CC americano de não se envolver neste assunto e cortar todos os contactos entre os comunistas americanos e esses serviços de informação. Tal poderia permitir a infiltração de agentes nas fileiras do partido e de pôr em perigo as actividades não só do partido americano mas também de outros partidos comunistas*».

1. Experiências do movimento operário revolucionário na emigração e na «guerra espanhola»

Um tal aviso era mais do que justo. Uma experiência de decénios estava na sua base. Desde que se formou, o movimento operário revolucionário tem necessidade de se defender dos órgãos da classe dominante, que tentam colocá-lo sob observação permanente através da infiltração de homens de confiança, como informadores e agentes provocadores, e alcançar a sua desagregação a partir do seu interior.

Na sequência da instauração da ditadura fascista na Alemanha surgiram novas e muito mais amplas possibilidades de as actividades dos serviços secretos imperialistas alcançarem êxitos nesta área. Os alemães expatriados pelos fascistas e os comunistas dos países ocupados, que tinham conseguido fugir para Ocidente, encontravam-se na sua maioria desprovidos de quaisquer meios e necessitavam de ajuda solidária urgente. Naturalmente, esta ajuda era-lhes prestada por camaradas dos partidos comunistas dos países de exílio, mas também por simpatizantes, por antifascistas, assim como por membros de organizações de assistência democrático-burguesas e cristãs.

Naturalmente, fazia parte do trabalho diário dos serviços secretos imperialistas registar e controlar com o maior rigor possível todos os emigrantes comunistas, independentemente do seu país de origem. E os seus dirigentes e colaboradores não justificariam o seu salário se não tivessem tratado de colocar nas diferentes organizações de solidariedade gente que colaborava com eles e lhes forneciam as informações desejadas. As possibilidades de infiltração destes serviços nas fileiras dos comunistas e de outros combatentes antifascistas alargaram-se consideravelmente quando dezenas de milhares de voluntários acorreram a Espanha para ajudar a defender a República contra o golpista Franco e os invasores alemães e italianos.

A União Soviética foi o único Estado que ajudou a República espanhola com o envio de voluntários do exército soviético, de mantimentos e armas.

Os órgãos de contra-espionagem militar soviética constataram muito rapidamente o que também Ludwig Renn observou enquanto chefe da 11^a Brigada Internacional, e que

²³ Assim designado de acordo com o apelido do seu dirigente, Milton Wolff, antigo comandante do Batalhão Lincoln em Espanha.

descreveu minuciosamente no seu livro *A Guerra Espanhola*.²⁴ Trata-se, nomeadamente, de forças trotskistas que, em contacto com serviços secretos estrangeiros, desenvolviam uma intensa actividade no interior das tropas do exército republicano espanhol. O auge das suas actividades hostis, favoráveis a Franco, foi o desencadeamento da revolta em Barcelona de Maio de 1937.

No seu livro (p. 269), Ludwig Renn reproduz o relatório de um oficial dos serviços de contra-espionagem do exército republicano:

«Em Barcelona, os trotskistas e uma parte dos anarquistas organizaram uma verdadeira revolta contra o governo republicano. Falharam. Logo no início da investigação surgiram as coisas mais incríveis. O POUM [Partido Obrero de Unificación Marxista. KG], ou seja, os trotskistas, tinha uma divisão na frente de Aragão. Aí não combateram os fascistas. Felizmente conseguimos prender o dirigente do POUM, André Nin. No que diz respeito ao trabalho nocivo junto da nossa brigada, suspeitamos que está relacionado com esta revolta mas ainda não temos as provas. Não se deve falar destas coisas abertamente porque há potências estrangeiras envolvidas que desejam vivamente entregar a Espanha aos fascistas para fazer um favor a Hitler – e naturalmente por ódio à União Soviética. Creio que Ramos, Nicot e outros, em parte altas patentes militares, são agentes que terão apoiado a revolta em Barcelona com sabotagens noutras frentes, provavelmente numa missão franco-inglesa.»

Num outro ponto (p. 275) Ludwig Renn escreve: *«A pouco e pouco os pormenores da revolta de Barcelona tornaram-se conhecidos. O seu líder era Andrés Nin, que no passado fora secretário particular de Trótski. Era líder do POUM (...) Este partido foi constituído pelo radical na aparência Partido Camponês de um certo Maurín e por autênticos trotskistas. Combateram a Frente Popular espanhola e a União Soviética e injuriavam ambas por terem abandonado a via revolucionária. As suas soluções principais eram: “Revolução social total. Colectivização da agricultura”. Nisto coincidiam com a ala radical dos anarquistas que só formalmente participavam na Frente Popular.»*

Fritz Teppich, antigo oficial do exército republicano espanhol, escreveu um relatório pormenorizado sobre o papel pernicioso de Maurín, referido por Ludwig Renn: *«O caso Maurín (perspectiva sobre uma auto-encenação – POUM e o Partido de Franco)»*, que provocou de imediato – nem podia ser de outro modo – um poderoso contra-ataque trotskista.²⁵

Os autores revisionistas e trotskistas, que se pronunciam sobre a guerra espanhola, nunca perdem a oportunidade de atribuir à contra-espionagem soviética os piores métodos e de acusar a União Soviética de ter perseguido com desconfiança os seus próprios combatentes em Espanha, em vez de os ter festejado após regressarem ao país. Mas a imagem só estaria verdadeiramente completa se mencionassem também aqueles que viam nos combatentes em Espanha potenciais aliados contra a União Soviética, e que pretenderam instrumentalizá-los nesse sentido. Ou será que, ao desmontarmos os acontecimentos seguintes, se deve aplicar a expressão: *«Honni soit qui mal y pense»?*²⁶

²⁴ Renn recusa com razão a designação de «Guerra Civil Espanhola» porque na verdade foi uma guerra das potências fascistas com auxílio ocidental contra a República espanhola.

²⁵ Manfred Behrend, *Attacken ohne Substanz*. In: *Arbeiterstimme* n.º 126, Dezembro 1999, p. 32 e seg.

²⁶ Em francês no original: *maldito seja quem veja mal nisto (N. Ed.)*

2. O estranho interesse de Gomulka, Imre Nagy e Tito pelos combatentes de Espanha no Outono de 1956

O 8.º Plenário do Partido Operário Unificado Polaco (POUP) realizou-se de 19 a 21 de Outubro de 1956. Wladyslaw Gomulka, destituído em 1948 do posto de secretário-geral do POUP devido a tendências anti-soviéticas, favorecimento dos latifundiários e sabotagem na constituição de cooperativas agrícolas, foi novamente eleito neste plenário secretário-geral do POUP, anunciando abertamente, num longo discurso, um programa revisionista e anti-soviético.

Dois dias mais tarde, 23 de Outubro de 1956: início da contra-revolução na Hungria.

24 de Outubro de 1956: Imre Nagy, que já tinha sido primeiro-ministro entre 1953 e 1955 e fora exonerado de todas as suas funções em 1955, devido a desvios oportunistas de direita na política do Partido dos Trabalhadores Húngaros, regressou à cadeira de primeiro-ministro, cavalgando a crescente onda da contra-revolução. Nos dias seguintes à sua tomada de posse inicia-se o terror branco lançado numa caça assassina aos comunistas, que foi interrompida pelas tropas soviéticas estacionadas no país.

30 de Outubro: As tropas soviéticas regressam aos quartéis por exigência de Nagy.

1 de Novembro de 1956: Imre Nagy declara a saída da Hungria do Tratado de Varsóvia e pede ajuda às potências ocidentais «para manter a neutralidade da Hungria». O terror branco intensifica-se novamente e atinge um nível desconhecido até então. A direcção moscovita, com Khruchov à cabeça, permite que os bandos brancos actuem dias a fio – apesar de dispor de tropas soviéticas na Hungria. Só a 4 de Novembro as tropas soviéticas recebem autorização para pôr termo à perseguição sangrenta dos comunistas.

Entretanto, a imprensa polaca, dirigida por Gomulka-POUP, saúda com entusiasmo a contra-revolução húngara. Nos primeiros dias de Dezembro de 1956, numa série de artigos no *Arbeiterstimme*, jornal de língua alemã de Wroclaw [Breslávia], a contra-revolução húngara é saudada como uma «insurreição popular poderosa e fundamental». A «insurreição húngara» é vista como uma «luta pela nossa soberania». As restantes afirmações do autor, Roman Jury, soam tão conhecidas como se tivessem sido escritas nos nossos dias por André Brie: se se quiser regressar a Marx, escreveu [o primeiro], então socialismo não significa mais do que domínio social sobre os meios de produção. *«Ou seja, não é a comissão de planeamento estatal que diferencia a nossa ordem social do capitalismo, mas sim o domínio social dos meios de produção (...) Os direitos objectivos exigem que se mantenham no mercado estímulos naturais ao desenvolvimento: principalmente o incitamento ao lucro e à concorrência com ele relacionada.»*

Especialmente elucidativa é a expressão: *«A Hungria é uma insurreição a nível internacional contra as violações stalinistas dos direitos objectivos de desenvolvimento.»*

Isto é uma indicação clara de que a nova direcção polaca considerava a subversão revisionista contra-revolucionária na Polónia e na Hungria como o ponto de partida para desenvolvimentos idênticos a «nível internacional», isto é, noutros países socialistas, e trabalhava no sentido de exportar a sua contra-revolução.

Há muitas indicações de que estes acontecimentos, afinal, eram comandados à distância. Referimos aqui duas.

Em primeiro lugar, uma passagem de um discurso do secretário de Estado dos Estados Unidos, John Foster Dulles, a 11 de Junho de 1956, sobre o qual o *Archiv der*

Gegenwart [Arquivo do Presente] relata o seguinte²⁷: «Dulles considera possível uma libertação dos estados satélite. Dulles prevê que as forças da liberdade, que agora actuam atrás da “cortina de ferro”, são irresistíveis e podem modificar a cena internacional até 1965. A campanha anti-Stáline e o seu programa liberalizador provocaram uma reacção em cadeia, que a longo prazo não será possível parar.» Quem assim pôde profetizar tão categoricamente, possuía decerto informações internas do campo adversário. O seu irmão, o chefe dos serviços secretos americanos, Allan Dulles, deve ter contribuído grandemente para o fornecimento dessas informações.

Cerca de um mês mais tarde, a 18 de Julho de 1956, o Conselho de Defesa Nacional dos EUA aprovou a Resolução 5608, na qual se dizia: «Na actual situação política internacional, as possibilidades de os EUA exigirem a independência dos estados do Centro e Leste da Europa da União Soviética são extremamente limitadas, por isso, em primeiro lugar, o governo tem de procurar apoiar a tomada de poder nestes estados pelas forças políticas nacionais comunistas como primeiro passo para a verdadeira independência.»²⁸

Mas o centro condutor destas «forças nacionais comunistas» encontrava-se em Belgrado. A Jugoslávia, membro do Pacto dos Balcãs pertencente ao sistema de pactos da NATO desde 1953, após a «reconciliação» de Khruchov com Tito, em 1955, e graças à cumplicidade de Khruchov, encontrava-se numa situação privilegiada para aceder em primeira mão a informações sobre importantes acções no campo dos estados do Tratado de Varsóvia e do CAME,²⁹ que transmitia aos seus protectores em Washington e aos chefes da aliança à qual ela realmente pertencia. Daqui decorre a capacidade profética de Dulles e a reorientação da política externa norte-americana dando, já nessa altura, prioridade à «estratégia indirecta», à «tomada do poder pelas forças nacionais comunistas» nos estados socialistas como «primeiro passo para a verdadeira independência».

Daí ser consequente que, depois da derrota da contra-revolução, Imre Nagy se tenha refugiado no sítio onde estavam os seus melhores amigos e não só: na embaixada jugoslava em Budapeste! O papel de Tito, enquanto executante da profecia de Dulles e realizador da Resolução 5608 do Conselho de Defesa Nacional dos EUA, torna-se evidente no discurso de 11 de Novembro de 1956, em Pula, sobre os acontecimentos na Hungria e sobre as tarefas e objectivos, tal como ele os via naquele momento: «Posso dizer-vos que conheço os homens do novo governo e que, na minha opinião, eles representam o que há de mais digno na Hungria (...) eles são realmente por um novo rumo (...) Mas a intervenção soviética enfraquece este programa. Temos de ajudar [o governo] porque ele está numa situação difícil.»

Especialmente elucidativas foram as suas afirmações sobre a Polónia: «Mesmo que ainda não estejamos completamente satisfeitos com o nosso rumo interno, somos assim, e assim continuaremos. E faremos ainda mais para que estes profetas e conselheiros não tenham êxito nos seus esforços para parar o processo que se iniciou na Jugoslávia em 1948 e que agora continua na Polónia (...) É portanto necessário trabalharmos em estreito contacto com o governo polaco e o partido e ajudarmos o máximo que

²⁷ *Archiv der Gegenwart* [Arquivos do Presente], 1956, p. 5878.

²⁸ Alexander Tinschmidt, *Die Außenpolitik der Regierung Imre Nagy*, in: *UTOPIE*, kreativ, n.º 84, p. 73.

²⁹ Conselho de Assistência Mútua Económica (CAME), foi criado em 1949, sendo integrado pela União Soviética, República Democrática Alemã (1950-1990), Checoslováquia, Polónia, Bulgária, Hungria e Roménia. (N. Ed.)

puermos. Juntamente com os camaradas polacos teremos de lutar contra essas tendências que aparecem em vários outros partidos nos países de Leste ou no Ocidente. Esta luta será difícil e morosa pois agora do que se trata realmente é se o novo espírito, que teve a sua origem na Jugoslávia e para o qual as deliberações do XX Congresso do PCUS contribuíram com muitos elementos, irá vencer nos partidos comunistas.»

Tudo isto mostra suficientemente que os acontecimentos de Outubro/Novembro de 1956 na Polónia e na Hungria não surgiram espontânea e isoladamente, mas foram planeados e provocados para iniciar «a luta difícil e morosa» para impor «o novo espírito nos partidos comunistas, que teve a sua origem na Jugoslávia» e para o qual as «deliberações do XX Congresso do PCUS contribuíram com muitos elementos», com vista à «tomada de poder nestes estados pelas forças políticas nacionais comunistas como primeiro passo para a verdadeira independência». (Nenhum outro país experimentou de forma tão cruel como a Jugoslávia, a partir de 1990, o significado dessa «verdadeira independência» à la EUA. Mas isso é um outro tema).

No plano para a «tomada de poder pelas forças nacionais comunistas», estava reservado um papel aos combatentes em Espanha. Exactamente nas semanas da tomada de poder por Gomulka na Polónia e Imre Nagy na Hungria, os combatentes de Espanha foram convidados para encontros na Polónia e na Hungria, de 19 a 27 de Outubro, e em Belgrado, a 30 de Outubro. Com estes encontros, os organizadores pretendiam que muitos deles, que eram reconhecidos internacionalmente, ao testemunharem os acontecimentos em Varsóvia e Budapeste, assim como a respectiva interpretação de Tito em Belgrado, ficassem profundamente impressionados e propagassem o «novo espírito» nos seus partidos e países.

Qual a origem desta esperança que as «forças nacionais comunistas» depositavam nos combatentes de Espanha? Exactamente a mesma que despertou uma certa desconfiança e suspeita em relação a eles na União Soviética em 1939 – determinados acontecimentos e experiências relacionados com tentativas de infiltrações inimigas pelos trotskistas e serviços secretos imperialistas durante a luta contra Franco e os intervencionistas alemães e italianos; o conhecimento de que, nessa altura, trotskistas e agentes imperialistas recrutaram com algum êxito combatentes de Espanha para trabalho futuro. Recordemos o aviso acertado de Dimítrov: «No que respeita aos recrutamentos do Comité Americano de Wolff para os serviços de informação americanos e ingleses, supostamente para acções de sabotagem na retaguarda dos alemães, dei a instrução ao CC americano de não se envolver neste assunto e cortar todos os contactos entre os comunistas americanos e esses serviços de informação.»

Como já foi referido, o Comité Wolff, que queria que o PC dos EUA ajudasse a recrutar pessoas para os serviços secretos norte-americanos e ingleses, tinha sido fundado pelo antigo comandante do Batalhão Lincoln em Espanha, Milton Wolff.³⁰ Isto não significa obrigatoriamente que Wolff tivesse más intenções: para um leal cidadão americano antifascista, não comunista, a colaboração com os serviços secretos americanos para combater a Alemanha nazi não tinha nada de condenável. Mas sublinha uma vez mais que os serviços secretos imperialistas tinham em Espanha um campo de recrutamento ideal.

³⁰ Georgi Dimitroff, *Kommentare und Materialien zu den Tagebüchern*, Berlim, 2000, p. 284.

3. Como e porquê Browder não tomou em consideração as orientações de Dimítrov?

A situação tornou-se ainda mais favorável depois de a União Soviética, a Inglaterra, a França e os EUA se declararem aliados. A aliança entre os exércitos dos estados imperialistas e o Exército Vermelho no combate vital contra o agressor fascista prestava-se a fazer esquecer, mesmo nas fileiras dos comunistas e dos cidadãos soviéticos, que o imperialismo era, apesar disso, o inimigo de classe, que mantinha o objectivo de destruir a União Soviética socialista e que, por isso, não obstante mas exactamente devido a essa aliança com estados imperialistas, tratava-se não de enfraquecer a vigilância de classe, mas sim reforçá-la. O cumprimento rigoroso da directiva de Dimítrov, citada no início, de não se manterem contactos com serviços secretos imperialistas tornava-se agora vital para os partidos comunistas.

Provavelmente nem mesmo Dimítrov supunha o quanto este seu aviso era justo e necessário, nomeadamente em relação à direcção do PC dos EUA e ao seu secretário-geral, Earl Browder, que ocupava este cargo desde 1929, e granjeara tanta confiança que a IC o nomeou seu representante nos EUA.

Em Janeiro de 1940, Browder foi preso e condenado a quatro anos de prisão, sob o pretexto de «crime de passaporte». Porém, é libertado dois anos depois, o que Dimítrov anotou no seu diário:

«17.5.42: – *Notícia de Nova Iorque segundo a qual Browder foi libertado da prisão. Declaração da Casa Branca “(...) no interesse do reforço da unidade da frente nacional”*» (p. 517, sublinhado K.G.).

Nessa altura, a saída de Browder da prisão foi considerada como um êxito da ampla campanha do partido pela sua libertação.³¹ Contudo, as acções posteriores de Browder indicam que as autoridades decidiram libertá-lo porque tinham algumas razões para esperar que Browder viesse a contribuir substancialmente para o «*reforço da unidade da frente nacional*». E, de facto, Browder correspondeu inteiramente a estas expectativas salientadas pelo governo. Esta suposição reforça-se se considerarmos que a justiça americana é normalmente insensível aos protestos das massas, mesmo no plano internacional. Basta recordar os casos Sacco e Vanzetti e Ethel e Julius Rosenberg e, nos nossos dias, Mumia Abu Jamal.

Como correspondeu Browder às esperanças das autoridades? Por um lado introduziu no movimento comunista – muito antes de Tito, Khruchov e Gorbatchov – «ideias» que mais tarde constituíram o núcleo do «comunismo reformista» de Tito, Khruchov e Gorbatchov:

- a) O abandono da concepção leninista de partido;
- b) A dissolução do Partido Comunista numa frente nacional antifascista;
- c) A negação da contradição antagónica entre imperialismo e socialismo e a orientação para uma parceria perene num trabalho confiante de cooperação e ajuda mútua.

Por outro lado utilizou organizações privadas, que cooperavam sob a fachada da assistência caritativa com as autoridades do Estado, designadamente com serviços secretos como o OSS (*Office of Strategic Services*), dirigido por Allan Dulles, para veicular as suas concepções revisionistas entre os comunistas emigrantes dos países

³¹ S. William Z. Foster, *Geschichte der Kommunistischen Partei der Vereinigten Staaten*, Berlim 1956, p. 557; ver também Wolfgang Kiessling, *Partner im 'Narrenparadies'*, Berlim, 1994, p. 97.

européus, refugiados do fascismo. Browder agiu conscientemente à revelia da citada directiva da IC comunicada à direcção do PC dos EUA.

Em que é que tudo isto se traduzia na prática? Encontra-se uma descrição objectiva dos factos correspondentes no já citado livro do presidente do PC dos EUA à época, W.Z. Foster. No também já citado livro de Wolfgang Kiessling encontra-se uma descrição tendenciosa, que deforma às vezes sem hesitação a verdade, embora – contrariamente à intenção do autor – seja reveladora do verdadeiro papel de Browder e do seu herói principal Noel Field. As exposições seguintes baseiam-se neste dois trabalhos. Browder escolheu como ponto de partida para as suas propostas revisionistas a declaração da Conferência de Teerão (28 de Novembro a 1 de Dezembro de 1943) na qual Roosevelt, Stáline e Churchill declararam que os seus países continuariam a cooperar depois da guerra.

A propósito da interpretação de Browder da Declaração da Conferência de Teerão, o presidente do PC dos EUA, W.Z. Foster escreveu no seu livro: *«Earl Browder, secretário-geral do Partido Comunista, concluiu precipitadamente que a unidade no pós-guerra, que os “Três Grandes” consideraram desejável em Teerão, tinha sido realmente acordada, e que assim estavam garantidas a paz e a cooperação depois da guerra. Ele era da opinião de que os círculos dominantes do capital monopolista americano estavam interessados num convívio pacífico e numa concorrência amigável com a URSS (...) Browder (...) empenhou-se em precisar o conteúdo essencial desse acordo imaginário de Teerão. Fê-lo em Janeiro de 1944, numa reunião do Comité Nacional do Partido Comunista, em Nova Iorque. Mais tarde desenvolveu a sua tese no livro Teheran: Our Path in Peace and War (...). “O capitalismo e o socialismo”, disse Browder, “iniciaram a procura do caminho para conviver e cooperar pacificamente no mesmo mundo.” (...) Browder (...) afirmou que “é um erro muito estúpido supor que os interesses americanos, mesmo os do capital monopolista americano, não se conciliam de forma nenhuma com a inevitável revolução popular na Europa.” Na questão da revolução colonial também [argumentou] com ligeireza. “Os interesses do lucro”, dizia, “obrigam o capitalismo americano a criar grandes mercados nos países coloniais e semi-coloniais. Em consequência disto, um acordo entre os EUA e a Grã-Bretanha para a libertação, industrialização e democratização destas regiões será extremamente prático (mesmo inevitável).” (...) Browder declarou que os capitalistas “compreensivos” introduziriam a unidade nacional na base de todos os seus projectos – tolerância em relação às revoluções na Europa e nas colónias, duplicação dos salários, abolição do anti-semitismo e das perseguições aos negros – o que correspondia aos seus “verdadeiros interesses de classe”. No seu entusiasmo por uma unidade nacional na base da cooperação das classes declarou, a 12 de Dezembro de 1943, num discurso em Bridgeport (Connecticut): “Se J.P. Morgan apoiar esta coligação (no espírito de Teerão) e fizer as respectivas concessões, eu enquanto comunista estou pronto para lhe apertar a mão e acompanhá-lo na sua concretização.”*

A unidade nacional de Browder também pressupunha que os trabalhadores aceitassem sem reservas o sistema eleitoral de dois partidos. Disse: *“A classe trabalhadora partilha amplamente a perspectiva geral da nação de que este ‘sistema de dois partidos’ oferece a possibilidade adequada de protecção do essencial dos direitos democráticos.”* Como Browder aceitava o capitalismo, a cooperação de classes e o sistema de dois partidos, e desistia da luta de libertação dos povos negros, era lógico que considerasse o Partido Comunista supérfluo. Assim requereu a sua dissolução e a fundação de uma organização de inspiração comunista. Esta organização teria um

‘carácter suprapartidário’ e não devia apresentar candidatos próprios a eleições. Devia continuar a trabalhar junto das massas no sentido do “marxismo”. Sobre o leninismo, o marxismo do nosso tempo, nem uma palavra.»

Eis, portanto, a caracterização da teoria e da prática de Browder feita por W.Z. Foster.

E somos informados por Kiessling sobre o mesmo assunto: *«Browder considerava que a declaração (de Teerão) tinha sido determinada pelo momento e era ingénua. Ele – que não só conhecia o seu país e os esforços imperialistas dos EUA, mas também a economia, o Estado, o partido da União Soviética e o esforço de Stáline para alargar politicamente a União Soviética através da anexação de territórios estrangeiros, como o caso da Polónia, Finlândia, do Báltico e dos Balcãs, e apresentar isso como uma vitória socialista, como uma revolução popular – reflectia sobre o que realmente era preciso fazer para que a declaração de Teerão não se realizasse apenas na perspectiva de um dos lados.»* (p. 100)

Com esta passagem, Kiessling não só tornou explícito o seu próprio anti-sovietismo revisionista como também o do seu herói Browder. Mas continuemos a ler: *«Browder (...) era responsável pelo partido comunista no país capitalista económica e militarmente mais forte no mundo pós-Hitler. E estava disposto a assumir esta responsabilidade no momento, sem esperar pelas directivas de Moscovo, as quais, a sua experiência no Komintern tinha-o demonstrado, eram sempre no interesse do Estado soviético e não levavam em conta o aspecto nacional dos comunistas americanos. Browder não se deixou enganar pela declaração do nacionalismo russo como internacionalismo proletário.»*

Wolfgang Kiessling, quando ainda era colaborador do Instituto de Marxismo-Leninismo do CC do SED, num artigo no *Neues Deutschland*, de 6 de Setembro de 1968, contra os «reformadores de Praga», com o título «Nacionalismo enquanto explosivo», soube definir muito apropriadamente o que se esconde realmente por trás dos «aspectos nacionais» evocados pelos revisionistas: *«Os revisionistas e os contra-revolucionários dos nossos dias querem apagar da memória dos povos o facto de que foi graças à União Soviética que a independência da Checoslováquia e de outros países foi restabelecida (...) Quando o veneno do nacionalismo se infiltra na consciência de quadros dirigentes de um Estado socialista, quando a estreiteza nacionalista pequeno-burguesa ganha influência na política de Estado, então oferecem-se oportunidades ao imperialismo estrangeiro e à contra-revolução interna. Não foi por acaso que Lénine sublinhou a necessidade da “luta irreconciliável contra a contaminação do proletariado com o nacionalismo burguês, mesmo na sua forma mais refinada”.*

Entretanto Kiessling mudou de campo e tornou-se um admirador de Browder. Por isso revela total compreensão da articulação que este faz do problema: *«A maior dificuldade para ele»,* escreveu no seu livro, *«era tornar públicos os problemas delicados e apresentá-los de forma a não poder ser mal interpretado nem nos EUA nem na União Soviética.»* (p.100). Esta é a dificuldade com que se defrontam todos os «comunistas reformadores», de Tito a Gorbatchov, passando por Khruchov até aos nossos dias, e também os «socialistas reformadores», ou seja, apresentar a sua passagem *da luta pelo socialismo contra o capitalismo para a traição ao socialismo e a defesa do capitalismo* de tal forma que os simples militantes e simpatizantes não a reconheçam como traição e mudança de campo.

Browder conseguiu fazer isso de forma excelente durante algum tempo. Como já sabemos por Foster, Browder fez um discurso, em 7 de Janeiro de 1944, perante 500 quadros do partido, no qual desenvolveu as suas teses sobre a importância da declaração

de Teerão.³² Três dias depois, a 10 de Janeiro de 1944, Browder discursou numa manifestação em Nova Iorque, onde foi muito mais longe – o que Kiessling elogia como um grande progresso: «A sua conclusão era sensacional para o PC dos EUA, para a sua estrutura organizativa e para a sua tarefa política (...). Browder propôs que a organização comunista se deixasse de chamar partido e em vez disso tivesse um nome “que melhor caracterizasse o seu papel como parte de uma unidade maior da nação, um nome como Communist Political Association (Associação Política Comunista)”.» (p.101)

Também se podia caracterizar como «sensacionais» outros aspectos das ideias deste líder dos comunistas dos EUA, nomeadamente a sua preocupação com o escoamento de mercadorias e de capitais excedentários do «mundo dos negócios americano», que formulou da seguinte forma: «Quando a guerra estiver terminada, a Europa e a Ásia necessitarão mais que nunca de mercadorias americanas e de capital americano (...) As perspectivas de exportação e de investimento de capital para o mundo dos negócios americano estão em relação directa com o cumprimento do programa de Teerão.» Comentário de Kiessling a esta ideia de Browder: «Sem ter sido solicitado pelos soviéticos, o internacionalista [?!] Earl Browder, ainda antes do fim da guerra, recomendou-lhes indirectamente o crédito americano para a reconstrução do seu país destruído.» (p.102 e seg.) Sobre a receptividade das ideias da perestroika *avant la lettre*³³ por parte de Browder, Kiessling relata o seguinte: «As propostas de Browder foram aceites pelo XII Congresso do PC dos EUA, em Maio de 1944, e o trabalho continuou sob um novo nome e uma estrutura organizativa diferente. A Associação Comunista dos EUA tinha-se afastado dos princípios de um partido marxista-leninista de cariz stalinista. O “centralismo democrático”, com os poderes ditatoriais da direcção a todos os níveis, e a linha de unidade e pureza da ideologia do partido, em conformidade com o PCUS, foram abolidos (...) No seu discurso a 10 de Janeiro, Browder disse: “O capitalismo e o socialismo começaram a encontrar o caminho para viver em paz lado a lado e cooperar no mesmo mundo, sem terem de se recear um ao outro. Quando se pensa que foi este medo recíproco permanente que provocou as hostilidades logo no momento em que a União Soviética foi fundada, então a nova era da reconciliação que se iniciou em Teerão destaca-se de todas as outras na história (...) Aliás, qual seria a alternativa a Teerão? Seria um futuro negro, inseguro que inevitavelmente conduziria a guerras civis e internacionais.» (p. 101)

Quem ainda se lembra dos discursos de Khruchov e Gorbachov reconhecerá de imediato que Browder, para conquistar a simpatia e a confiança das massas, entendeu habilmente os principais motivos demagógicos que aqueles dois também souberam tocar virtuosamente, de modo que, inicialmente, foram aplaudidos entusiasticamente enquanto mensageiros da paz. O motivo «Guerra nunca mais! Paz para sempre!» deu inicialmente a Browder um tremendo êxito. Numa carta com data de 20 de Janeiro de 1944, dirigida ao Comité Nacional do partido, Foster criticou duramente, em vão, as opiniões oportunistas nas áreas da política interna e externa e caracterizou o seu conteúdo central da seguinte forma: «Nesta descrição desaparece, na prática, o imperialismo americano, quase nada resta da luta de classes, e o socialismo quase não desempenha papel algum.»³⁴

³² Kiessling, p.100.

³³ Em francês no original: antes de tempo (NT).

³⁴ Foster, p. 611.

Desde a publicação do livro de Foster na RDA, em 1956, que qualquer pessoa interessada podia saber, e um historiador do Instituto científico do SED como Kiessling, que se ocupava da história do Partido Comunista dos EUA, tinha de saber que o presidente do PC dos EUA, W.Z. Foster, era absolutamente contra as posições do secretário-geral, Browder, tendo tomado posição logo após o discurso de Janeiro de 1944. Mas parece que isto passou completamente ao lado do estudo de Kiessling: não só nada refere sobre isso como escreve expressamente: «*Como a esmagadora maioria dos comunistas americanos, incluindo o seu presidente William Foster, **que posteriormente recuou sob pressão externa**, concordou com Field. (p.103) (...) Contudo a felicidade de Browder não durou muito. O contra-ataque não veio de Moscovo, nem de Nova Iorque. Veio de Paris, em Abril de 1945, no artigo “Sobre a dissolução do Partido Comunista dos EUA”, de Jacques Duclos, nos Cahiers du Communisme.*»

Kiessling, como um velho profissional dos assuntos do anticomunismo, acrescenta: «*O PC dos EUA evitou aparecer à luz do dia. (...) William Foster agradeceu a Duclos a ajuda na divulgação de “veneno político”, falando **agora** do “revisionismo destrutivo” de Browder.*» (p.106, sublinhado meu, K.G). Isto é uma incrível e deliberada deformação da verdade, ou seja, uma mentira consciente. Kiessling podia concluir o contrário se tivesse lido o livro de Foster, como lhe competia enquanto investigador científico do partido que se ocupava da história do partido irmão dos EUA. E se não conhecia de facto o livro de Foster, então bastava o artigo de Jacques Duclos contra Browder, que remete expressamente para a citada carta de Foster dirigida ao Comité Nacional. E este artigo foi seguramente lido por Kiessling já que o cita com as seguintes palavras: «*Duclos caracterizou nessa altura o “rumo político de Browder (...) como um perigoso desvio da vitoriosa teoria marxista-leninista”.*» (p.106) É assim que Kiessling, esse «combatente contra a falsificação da verdade», trata a verdade histórica!

Lemos em Foster o que realmente aconteceu: «*Desde o início que os membros do Partido apoiaram sem verdadeira convicção a política revisionista de Teerão de Browder. Não demorou muito até que esta insegurança se transformou em dúvida e oposição. Esta mudança de atitude baseou-se principalmente no facto de que o desenrolar dos acontecimentos na América e no mundo rapidamente deixou claro o quanto era errada toda a linha de Browder. A ameaçadora situação política interna e externa provocou dúvidas crescentes na Associação Política Comunista acerca da sua linha política. Estas dúvidas foram expressas na Comissão Política. Eugene Dennis referiu que depois da guerra não era de esperar paz alguma entre as classes nos EUA, mas sim lutas violentas. (...) Foster apoiou todas estas dúvidas respeitantes à correcção da linha do Partido e utilizou todas as oportunidades para criticar a política de Browder e pôr a nu os seus erros. Por isso Browder tomou todas as medidas necessárias para excluir Foster num futuro próximo.*

(...) Enquanto a situação internacional se modificava rapidamente, Jacques Duclos, secretário-geral do Partido Comunista Francês, publicou em Abril de 1945, na revista francesa Cahiers du Communisme, um artigo contundente contra a política de Browder. Pouco tempo antes tinha sido publicado um artigo na revista comunista France Nouvelle em que se teciam os mais rasgados elogios à política de Browder, o que levou Duclos a escrever este artigo. Para além disso, a dissolução do Partido Comunista dos EUA, por iniciativa de Browder, encorajava as tendências liquidacionistas no Partido Comunista Francês.

No seu artigo, Duclos expunha pormenorizadamente a política de Browder e **confrontava-a com inúmeras citações da carta de Foster ao Comité Nacional**. [Sublinhado meu, KG] Duclos retirou algumas conclusões e declarou: “Nós encontramos em Browder e nos seus partidários uma clara revisão do marxismo, um revisionismo que se expressa na ideia de uma paz de classes a longo prazo nos Estados Unidos, na possibilidade da supressão da luta de classes no período pós-guerra e no estabelecimento da harmonia entre o capital e o trabalho.” Reprovou Browder pela sua falsa interpretação da declaração diplomática de Teerão como “uma plataforma política da paz entre as classes” e condenou veementemente a dissolução do Partido Comunista dos EUA, notando que, pelo contrário, a situação “exige o reforço do partido comunista americano”.

O artigo de Duclos teve um efeito eletrizante na Associação Política Comunista. Contribuiu para o amadurecimento rápido da oposição já em desenvolvimento contra Browder. Em poucas semanas todo o Partido, dos comités locais até à Comissão Política, se virou quase unanimemente contra o oportunismo de Teerão. (...) Assim, com o seu famoso artigo, Duclos facilitou consideravelmente a destruição do oportunismo de Browder, e o Partido Comunista dos EUA e o PCF estão-lhe profundamente agradecidos por isso.

A Associação Política Comunista recebeu um exemplar do artigo de Duclos em 20 de Maio de 1945. Na Comissão Política iniciou-se de imediato uma discussão sobre ele. A política da Associação foi sujeita a um minucioso exame, e uma maioria de dois terços recusou o rumo de Browder. Rapidamente a Comissão se tornou unânime contra Browder. Convencido da sua infalibilidade, e sem rasto de autocritica, Browder teimou no seu ponto de vista, apesar de estar claramente errado. Em consequência foi destituído alguns dias depois do cargo de Secretário-Geral, surgindo em seu lugar um secretariado triunvirato para o qual foram eleitos William Z. Foster, Eugene Dennis e John Williamson.

O Comité Nacional reuniu de 18 a 20 de Junho. Expressou a opinião praticamente unânime dos seus membros de condenar o rumo de Browder, aprovar o artigo de Duclos, apoiar unanimemente a anterior carta de Foster ao Comité Nacional e aprovar a proposta de uma nova resolução política. Confirmou também a destituição definitiva de Browder do cargo de secretário-geral e convocou um Congresso Extraordinário para 26-28 de Julho em Nova Iorque.

O Congresso Extraordinário (XIII) aprovou por unanimidade as medidas decididas pela Comissão Política e pelo Comité Nacional. O congresso fez uma rigorosa autocritica relativamente ao grave erro que o Partido cometera ao ter sido vítima do revisionismo de Browder. A este propósito, o congresso declarou: “Devemos procurar a origem dos nossos erros revisionistas anteriores na pressão constante da ideologia burguesa e da influência burguesa na classe operária.” O Partido empenhou-se em varrer completamente o revisionismo de Browder e recuperar uma sólida base marxista-leninista. A Associação foi dissolvida e constituiu-se novamente o Partido Comunista.» (p.616-620)

William Z. Foster foi eleito presidente do partido. Transcrevi exaustivamente esta descrição de Foster por duas razões: por um lado para comprovar a minha afirmação sobre a deformação consciente da verdade por parte de Kiessling, mas por outro porque ela nos mostra um exemplo especialmente encorajador da luta vitoriosa contra o revisionismo, num tempo em que o movimento comunista se encontra perante a difícil e

morosa tarefa de se libertar de todos os resquícios do revisionismo implantado por Khruchov e Gorbachov.

Mas retenhamos: o próprio Kiessling diz claramente e elogia o facto de Browder, nos seus discursos e documentos, ter desenvolvido conscientemente concepções alternativas contrárias à concepção de partido marxista-leninista e aos postulados marxistas elementares sobre a contradição antagónica entre o capitalismo e o socialismo, nas quais baseou a política do PC dos EUA. Como se vê, o «browderismo» representa a forma original do «revisionismo moderno».

Mas como [sobrevoou] o grande lago³⁵ e quem o introduziu nos partidos comunistas europeus?

³⁵ O autor refere-se ao Oceano Atlântico. (NT)

II. Noel Field e a emigração comunista em França e na Suíça

Irei basear-me principalmente no livro de Wolfgang Kiessling para responder às perguntas anteriores. Na verdade isto exige que se diga alguma coisa sobre o autor e sobre as razões que o levaram a escrever este livro. Trata-se de um documento em defesa de Noel Field e de todos os que foram acusados, condenados ou sujeitos a processos de investigação nos países socialistas devido aos contactos que mantiveram com ele e com o seu irmão, Hermann Field, e é simultaneamente um libelo acusatório contra os acusadores nesses processos.

1. Os processos contra Rajk e Slánsky e o papel de Noel e Hermann Field

O primeiro destes processos foi o de Rajk, na Hungria, em Setembro de 1949, o segundo foi o processo de Kostov, na Bulgária, em Novembro/Dezembro de 1949, e o terceiro o de Slánsky, na Checoslováquia, em Novembro de 1952. Seguiram-se os processos de investigação realizados na RDA pela Comissão Central de Controlo do Partido (CCCP) do SED contra camaradas que tinham tido contactos na emigração com Noel ou Hermann Field. De seguida algumas informações sobre estes processos.

No processo Rajk, o arguido Dr. Tibor Szönyi declarou o seguinte: *“Estabeleci contacto com os serviços secretos americanos no Outono de 1944 na Suíça. Durante a guerra permaneci na Suíça onde estava desde o final de 1938 como emigrante político. Durante a guerra havia na Suíça um elevado número de emigrantes políticos, praticamente de todos os países da Europa Central e de Leste, incluindo também grupos de comunistas esquerdistas. Logo no primeiro ano da guerra, os órgãos dos serviços secretos de Inglaterra, e principalmente dos EUA, tinham grande actividade entre os emigrantes políticos de esquerda. A central europeia dos serviços secretos estratégico-militares americanos, o chamado Office of Strategie Services (OSS) estava instalada na Suíça, cujo director europeu era Allan Dulles. Oficialmente Allan Dulles era membro da embaixada americana em Berna. Na realidade era o director europeu do OSS. Perto do final da guerra, durante o último ano, quando já era perceptível que uma parte dos países da Europa Oriental e Central seria libertada pelas tropas soviéticas, os serviços secretos americanos e o seu director Allan Dulles colocaram no centro da sua actividade a tarefa de recrutar espões nos grupos de emigrantes políticos, nomeadamente nos grupos de comunistas esquerdistas, com o objectivo de os colocar nestas regiões libertadas pela União Soviética para minarem o trabalho dos partidos comunistas. No âmbito desta actividade também estabeleci contactos com a organização de espionagem americana. O principal colaborador de Allan Dulles neste trabalho, isto é, no recrutamento de espões entre os emigrantes políticos era Noel H. Field que, na Suíça, era oficialmente director de uma organização de assistência americana, a organização unitária Unitarian Service Comitee, mas que na realidade era um estreito colaborador de Dulles na organização da espionagem. Enquanto director daquela organização, a sua tarefa consistia em ajudar economicamente os emigrantes políticos, e assim estabelecer uma ligação e laços de amizade, assim como de desenvolver iniciativas de recrutamento para a organização de espionagem americana».*³⁶ No processo Slánsky, o acusado Ludvik Frejka declarou: «A minha culpa

³⁶ *Lazslo Rajk und Komplizen*, Berlim, 1949, p. 181 e seg.

consiste ainda em ter (...) estabelecido contactos durante a II Guerra Mundial (...) com o importante espião americano Hermann Field. Nessa altura, Field era um dos dirigentes do chamado Trust Fund em Londres, que os imperialistas anglo-americanos tinham fundado sob a capa do apoio aos emigrantes. Na realidade este Trust Fund era um importante centro das organizações anglo-americanas de espionagem.»³⁷

2. A tomada de posição do SED sobre Noel e Hermann Field

Depois dos dois primeiros processos, o CC do SED e a sua Comissão Central de Controlo publicaram, a 24 de Agosto de 1950, a «Declaração sobre as ligações de antigos emigrantes políticos alemães com o director do *Unitarian Service Committee*, Noel H. Field».³⁸ Neste documento de 20 páginas faz-se uma descrição muito pormenorizada dos resultados das investigações até aí realizadas sobre as ligações dos emigrantes comunistas alemães com Noel Field. Na declaração, entre outras coisas, afirma-se: «Os processos contra Rajk e Kostov (...) na Hungria e na Bulgária apresentaram um conjunto de provas de que os serviços secretos britânicos e americanos, já durante a II Guerra Mundial, tinham colocado uma série de agentes no movimento operário clandestino. Antecipando a inevitável derrota da Alemanha de Hitler na frente germano-soviética e face à crescente influência da União Soviética, os seus esforços dirigiram-se principalmente para a desagregação dos partidos comunistas.» (p. 71) Noutra passagem afirma-se: «O nosso partido desconhecia que uma série de camaradas alemães, que viviam na emigração na Suíça ou em França, tinham tido relações com o referido Noel H. Field. Era por isso necessário investigar o carácter dessas relações.» (p. 72)

De seguida expõe-se muito detalhadamente a história das relações de Noel Field com os antifascistas alemães. Na introdução diz-se: «Noel Field, referido no processo Rajk, tornou-se conhecido pela primeira vez no fim da guerra civil espanhola. Funcionário do Departamento de Estado dos EUA, pertencia à Comissão Militar Internacional da Aliança dos Povos, que, no final de 1938, em Bisaura del Ter, registava os membros das Brigadas Internacionais que não podiam regressar aos seus países dominados pelo fascismo. (cf. Kiessling, p. 29 e segs.) Oficialmente o registo era justificado com a evacuação destes brigadistas para países democráticos, se bem que a Aliança dos Povos, fiel à política de não ingerência em relação a Franco, não pensasse sequer em cumprir essa promessa. Na verdade este registo tinha como único objectivo conseguir uma lista completa dos nomes dos brigadistas para as organizações de espionagem imperialistas. Depois do fim da luta em Espanha, a Comissão ainda continuou em parte o seu trabalho nos campos franceses de Argelès sur Mer e St. Cyprien. Nesta altura tinha a sua sede em Perpignan, as folhas de registo têm a assinatura original de Noel H. Field. Simultaneamente, o seu irmão Hermann Field participava na evacuação dos emigrantes alemães e checoslovacos da República Checa para Inglaterra. (Kiessling, p.

³⁷ *Prozess gegen die Leitung des staatsfeindlichen Verschwörerzentrums mit Rudol Slansky an der Spitze*, Praga, 1953, p. 281.

³⁸ In: Hermann Matern, *Über die Durchführung des Beschlusses des ZK der SED "Lehren aus dem Prozess gegen das Verschwörerzentrum Slansky"*, Berlin, 1953, p. 71-90. Os factos descritos nesta declaração também se encontram no livro de Kiessling nas páginas indicadas entre parênteses.

33 e seg.) *Desta forma o OSS americano e o Intelligence Service britânico conseguiram inúmeros elementos pessoais sobre a emigração antifascista, condição prévia indispensável às suas actividades.*

No Outono de 1939, Hermann Field estabeleceu contacto entre o seu irmão Noel e o membro do Partido Comunista da Suíça Sally Liebermann, em Zurique. (Kiessling, pp.34/35). Comunistas alemães emigrantes frequentavam a casa de Liebermann. Noel H. Field conseguiu aqui a sua primeira penetração na emigração política alemã, ao iniciar uma ligação firme e permanente com Bruno Goldhammer.

A sua infiltração nos diferentes grupos políticos emigrantes processou-se sempre da mesma forma. Onde quer que aparecesse, sabia vestir o casaco de amigo dos antifascistas perseguidos. Algumas poucas considerações sobre a sua pretensa grande ajuda aos brigadistas permitiam-lhe de imediato fazer amigos.» (p. 72 e seg.)

«Simultaneamente Field estabeleceu contacto com o líder do PC da Suíça, Hofmaier, posteriormente excluído por ser trotskista. A Suíça, país neutral, era uma excelente base de apoio para os órgãos de espionagem dos países imperialistas disfarçados em inúmeras organizações de ajuda. Field aparece como director do Unitarian Service Committee americano para Suíça e França a partir de 1940 (Kiessling, p. 38). Entre Fevereiro de 1941 e a ocupação do Sul da França em Novembro de 1942, manteve um escritório desta organização em Marselha, na Rua Fortune, n.º 15. A sua sede era já nesta altura em Genebra, no escritório do International Emigration Service, dirigido pela Sra. Berta Hohermut (...) Depois da ocupação do Sul de França, transferiu-se oficialmente para aqui.» (p. 74). (Kiessling, p. 87)

«Noel H. Field (...) colocou Bruno Goldhammer em contacto com o Dr. Tibor Szönyi, que trabalhava no Charité em Zurique sob o nome de Dr. Hoffmann. (Kiessling, p. 91). (...) Por incumbência de Field, Tibor Szönyi divulgou a teoria de Browder entre o grupo de emigrantes austríacos.» (p. 82). (Kiessling, p. 107) «A cooperação entre Noel H. Field e os emigrantes alemães já tinha características anti-soviéticas no final de 1944. A 19 de Abril de 1944, na Conferência Sobre Trabalho Social, a já citada aliada de Field, Berta Hohermuth, fez um discurso sobre “A ajuda suíça depois da guerra aos países destruídos”. (Kiessling, p.113 e segs.) Acusou a União Soviética dos mesmos crimes que o fascismo alemão, descrevendo a situação de miséria das pessoas deslocadas em consequência da guerra. O discurso tinha como objectivo apelar à participação no curso de formação de assistente social. No final de 1944, Field organizou um destes cursos, que teve início em Fevereiro de 1945. Apesar de ser conhecido o programa anti-soviético da “Ajuda suíça depois da guerra aos países destruídos”, Bruno Goldhammer e a sua mulher, assim como Hans Teubner participaram no curso.» (p.84)

Depois do processo Slánsky, o CC do SED aprovou, a 20 de Dezembro de 1952, uma segunda resolução, «Ensinamentos do processo contra o centro de conspiradores Slánsky», e na 13ª Reunião do CC do SED, que se realizou a 13 e 14 de Maio, Hermann Matern apresentou o relatório «Sobre a aplicação da Resolução do CC do SED “Ensinamentos do processo contra o centro de conspiradores Slánsky”», a propósito do foi também adoptada uma resolução em 14 de Maio. Nesta resolução afirma-se: «Muitos camaradas na emigração tiveram contactos com organizações de espionagem disfarçadas de organizações humanitárias. Naturalmente, isto não significa que estes membros do Partido se tenham por isso tornado inimigos. Contudo, onde quer se manifeste trabalho inimigo na actividade de membros do Partido depois de 1945, impõe-se examinar criteriosamente todos os pontos de contacto do passado.» (Matern, p.42)

Na resolução de 20 de Dezembro de 1952 descrevem-se tentativas de Field de manter antigas relações na zona de ocupação soviética depois da vitória sobre o fascismo. Sobre isto, entre outros, diz-se: «*Tentou diversas vezes obter listas de vítimas do fascismo e dirigiu-se com esse fim ao secretariado central do SED. Como porém foi aí recusado, estabeleceu, através de telefonemas falsos, uma ligação com a Comissão Central berlinense das vítimas do fascismo, onde na verdade conseguiu, depois de várias conversas, uma lista com 25 nomes. As suas relações pessoais directas e por correspondência, em Berlim e noutros locais da Alemanha, duraram até à Primavera de 1949. Fez várias tentativas para colocar Erika Glaser na Universidade de Leipzig. Em 1948 teve longas conversas com Leo Bauer, que depois tentou ajudar activamente Field, Erika Glaser e o seu marido Bob Wallach, também um oficial do OSS, a arranjar colocação na então zona de ocupação soviética. Paul Merker também fez esforços no mesmo sentido, tendo proposto, em 1948, Noel H. Field para professor de Política Externa na Universidade de Leipzig.*» (p. 86)

«*Das investigações resultou que uma série de ex-emigrantes do Partido não contribuíram para esclarecer completamente as situações (...) Depois do processo Rajk, não deram nenhuma informação ao Partido sobre as suas relações com Noel H. Field, e foi preciso exortá-los a fazerem-no.*» (p. 87)

Algumas confirmações impressionantes disto estão no livro de Kiessling (p. 27-28): «*As memórias (de Paul Merker) existentes no arquivo do Partido não têm valor no que diz respeito a Noel Field. Falando claro, quando Merker escreveu as suas memórias para o arquivo do Partido, entre 1965 e 1968, declarou-me em acta o que até aí tinha silenciado.*» Eis a explicação desculpabilizante de Kiessling deste acontecimento: Merker pôde «*então opor às mentiras dos inquiridores, cuja missão consistia em entregá-lo ao carrasco, a sua própria mentira.*»

Mas nessa época tratava-se de saber com clareza até que ponto os serviços secretos imperialistas tinham conseguido infiltrar os partidos comunistas e conseguido apoios aí. Quem não se tivesse tornado um desses pontos de apoio, enquanto comunista só podia ter o mesmo interesse do seu inquiridor, ou seja, desmascarar todas as possíveis infiltrações do adversário imperialista! Mas continuemos com Kiessling. Sobre o comportamento do camarada Hans Teubner, colaborador estreito de Paul Merker e Noel Field na Suíça, e segundo Kiessling um admirador de Browder (p. 232), que não só concordava plenamente com a já citada perspectiva revisionista e anti-soviética como a divulgava entre os emigrantes comunistas, o autor afirma: «*Estranho que Teubner, depois do regresso do exílio tenha procurado dissimular, nos seus documentos pessoais e também no seu livro em 1975, a sua estadia de um ano e meio em Brissago e tentado criar a impressão que tinha ido com os outros de Gordola para Bassecourt. Até levou a Comissão Central de Controlo do Partido (CCCP) para esta pista em 4 de Outubro de 1949. (...) Esta informação falsa encontra-se também na literatura internacional. Teubner, que afirmava nunca ter tido segredos para o Partido e considerava a lealdade ao Partido como a lei fundamental de um militante, declarou a 8 de Junho de 1950 perante a CCCP: “Rejeitámos Browder de imediato. Não houve grandes discussões entre nós”. (p. 232) (...) Houve uma cooperação proveitosa entre Teubner e Field. Perdeu-se a sua correspondência entre 1943 e 1944. (Perdeu-se??): «Em 1949, quando ficou em dificuldades, Teubner destruiu as cartas de Field. No seu livro de 1975 sobre o exílio na Suíça, ambos nunca se encontram em nenhuma situação. O americano é simplesmente referido como correio entre Bertz e Merker e descrito nas suas funções caritativas» (p. 234). E por fim ainda isto: «À pergunta quando (Teubner) encontrou*

Field pela primeira vez, respondeu desde o início e manteve [o seguinte]: "Na Sozialen Frauenschule [Escola Social de Mulheres] em Zurique", (...) isto é, nunca antes de Janeiro de 1945, depois de o trabalho entre os comunistas alemães, preparado por Field e representantes da missão americana em Berna, já ter arrancado – tendo também o serviço de informações dirigido por Allan Dulles, o Office of Strategie Service (OSS), com a colaboração de Erica Glaser, introduzido na Alemanha até Abril de 1945 cerca de 50 camaradas alemães, vindos de França através da Suíça ou directamente da Suíça, em parte armados e com aparelhos de rádio. Teubner conseguiu ocultar à CCCP que fora ele quem combinara com Field, no Lago Maggiore, as bases desta cooperação.» (p. 237)

A direcção do partido tinha, portanto, razões para concluir que aqueles camaradas que esconderam a verdade se sentiam mais comprometidos com Noel Field, o colaborador de Allan Dulles, do que com o partido, a cuja direcção pertenciam, e por isso não podiam continuar com funções dirigentes. Nas «Conclusões» da Resolução afirma-se: «As organizações de espionagem actuam sempre de acordo com a máxima de que quem entra na sua rede não poderá jamais sair. Por isso não se podem subestimar as relações mantidas especialmente depois de 1945. Os mais estreitamente ligados a Field, Paul Merker e Leo Bauer, (...) ajudaram amplamente o inimigo de classe e serão expulsos do Partido.» Outros camaradas, «cujas relações com Field também eram muito estreitas, mas cuja actividade só conduziu a um apoio indirecto ao inimigo de classe, serão demitidos de todas as suas funções.» (p.88)

No processo Slánsky apareceram novos nomes de emigrantes alemães que tinham estado em contacto com Field na emigração. A resolução do CC do SED, de 20 de Dezembro de 1952, sobre «Ensinamentos do processo contra o centro de conspiração Slánsky» toma uma posição sobre isto. Um dos pontos principais da ordem de trabalhos da 13ª Reunião do CC do SED (13-14 de Maio de 1953) foi dedicado a este problema. Hermann Matern apresentou o relatório. Repetiu uma vez mais o que a resolução de 1950 tinha concluído – o que nunca é de mais repetir porque, pelos vistos, caiu no profundo esquecimento de muitos ou até é desvalorizado como uma invenção stalinista: «Os processos (...) ensinam-nos que as agências inimigas trabalham a longo prazo para alcançar posições nos partidos comunistas e operários. Muito antes do fim da guerra mundial tinham percebido que os povos libertados pelo exército soviético optariam por uma via anti-imperialista e que os partidos comunistas e operários seriam a força dirigente. Por isso o imperialismo anglo-americano e os seus serviços de espionagem começaram cedo a recrutar como agentes elementos adequados para serem lançados em posições dirigentes nos partidos operários e comunistas dos países da democracia popular. Os processos mostraram-nos que as agências inimigas conseguiram-no temporariamente, mas também que os inimigos foram descobertos e frustrados os seus objectivos. No processo contra Rajk e consortes foi desmascarado o papel do espião americano Noel H. Field.» (p. 10) «Os métodos do agente americano Field mostram a forma refinada como o inimigo procurava infiltrar os seus agentes nas fileiras dos partidos comunistas e operários. Em Espanha apareceu como apoiante das Brigadas. Em França e na Suíça ajudava aparentemente os emigrantes. Lança-se o rumor de que ele é comunista mas não o pode assumir publicamente. Aparece em todo o lado como amigo e apoiante. Para se integrar na RDA, é despedido do seu serviço por apoio aos comunistas. É acusado publicamente pelo Comité americano de ser um agente comunista para assim conseguir uma base na República Checa. Mas

simultaneamente recebe missões concretas de Allan Dulles, o director da espionagem americana.» (p. 27)

3. A transformação de Field, o homem de confiança de Dulles, em vítima de Stáline

O papel de Tito, cúmplice dos esforços imperialistas para minar os estados socialistas, também foi revelado nos três processos. Para o movimento comunista isto representou uma vacina contra o vírus revisionista. O efeito desta vacina, contudo, foi completamente destruído em 1955 com a já referida reconciliação entre Khruchov e Tito. Na sequência desta reabilitação total de Tito e da «destalinização» e «liberalização», iniciadas com o XX Congresso do PCUS, libertaram-se as forças que, como John Foster Dulles vaticinou, destruiriam a ordem socialista caso não fossem detidas. A reabilitação dos irmãos Noel e Hermann Field, bem como de todos os condenados nos citados processos por ligações e cooperação com eles, também fez parte desta «destalinização» e «liberalização».

Cedendo à pressão da direcção de Khruchov, também na RDA todos os condenados ou exonerados de funções entre 1949 e 1955, devido às suas ligações a Field, foram globalmente reabilitados. Que estas reabilitações não eram o resultado de novas informações conseguidas através de novas investigações, mas sim de um «desejo» de Moscovo, podia ser inferido na RDA, por quem tivesse suficiente experiência, do facto de estes reabilitados não terem sido reconduzidos nas suas antigas funções. Mas muitos consideraram estes reabilitados como comunistas vítimas de vis injustiças, que empurraram mesmo alguns para o suicídio; uma injustiça que não teria sido suficientemente reparada com a reabilitação, exactamente porque os atingidos não tinham podido regressar às suas antigas funções. Wolfgang Kiessling era desta opinião.

III. Wolfgang Kiessling e a verdade histórica sobre os casos Merker, Browder e Field

Quando a resolução anteriormente referida do CC do *SED*, de Agosto de 1950, foi apresentada à imprensa, Kiessling era um jovem professor de 21 anos, numa escola de aldeia nas Montanhas do Erz.³⁹ Nessa altura não tinha seguramente dúvidas de que eram justas as acusações contra Field e os comunistas alemães, em primeiro lugar Paul Merker, que tinham colaborado com Field na emigração. Mas em 1956, com 27 anos, soube que os acusados tinham sido reabilitados e libertados da prisão, sendo-lhes retiradas todas as acusações, as quais se teriam revelado injustas. Possivelmente foi esta a razão que o levou mais tarde a considerar ser sua tarefa publicar muitos materiais em defesa dos injustamente perseguidos Field, Merker e outros. Porém, o empurrão decisivo, como ele próprio conta no seu livro, foi ter conhecido pessoalmente Paul Merker em 1965. Ele – Kiessling – era nessa altura redactor da revista *Beiträge zur Geschichte der Arbeiterbewegung* (BzG⁴⁰), pertencente ao Instituto de Marxismo-Leninismo (IML) do CC do *SED*.

Paul Merker, expulso do *SED* no Verão de 1950, preso preventivamente de Novembro de 1952 a Março de 1955, condenado a oito anos de prisão em 30 de Março de 1955, foi libertado em Janeiro de 1956. (p. 277 e seg. e 337)

Kiessling, que trabalhava na sua dissertação sobre o movimento *Freies Deutschland* [Alemanha Livre] no México, entrevistou os emigrantes ainda activos nesse país, testemunhas desse tempo, portanto, também Paul Merker. (p.9 e seg.) Ficou profundamente impressionado com a personalidade de Merker e com os seus relatos sobre as suas múltiplas actividades enquanto quadro dirigente do *KPD* e do *Komintern*, talvez ainda mais impressionado com a injustiça que tinha lhe sido feita, a ele, a Field e a muito outros inocentes – de acordo com as informações fornecidas pelo próprio Merker, cuja veracidade não questionou. Como não duvidou de Khruchov, a primeira figura do Partido Comunista da União Soviética, quando «revelou» que tais injustiças eram a prática normal do «sistema stalinista», nem da própria direcção do *SED* ao declarar sobre o caso Merker que «as acusações que lhe foram feitas eram de natureza política» e «não justificavam uma perseguição judicial». (p. 337) Não só é compreensível como é sintomático que Kiessling tenha considerado ser sua tarefa futura, enquanto historiador, apresentar, nas suas publicações, as provas sobre o carácter difamatório das acusações contra os condenados injustamente.

Depois da mudança [na RDA], o conteúdo central da maioria dos trabalhos de Kiessling pode ser traduzido através das palavras que o seu amigo Holger Becker escreveu no necrológio publicado no *Jungen Welt*, aquando da sua morte em 1 de Março de 1999: «*Numa série de publicações salientou que se tratava de perseguições dirigidas pelos serviços secretos soviéticos com o objectivo de disciplinar os partidos comunistas e socialistas na obediência incontestável à linha de Moscovo.*»⁴¹

³⁹ As Montanhas do Ertz (Erzgebirge, em alemão) são uma cordilheira entre a Alemanha e a República Checa. Formam a fronteira entre ambos os países ao longo de 150 km, estendendo-se desde a fronteira ocidental do estado da Saxónia até ao rio Elba. (N. Ed.)

⁴⁰ Contribuições para a História do Movimento Operário. (NT)

⁴¹ Holger Becker, *Er konnte Geschichte erzählen. Zum Tode des Berliner Historikers Wolfgang Kießling*, “junge welt” de 3 de Março de 1999, p. 14.

1. Paul Merker encontra um discípulo em Wolfgang Kiessling

A coisa, contudo, leva água no bico: esta perspectiva sobre os acontecimentos, que se tornou oficial desde o XX Congresso e foi assumida por Kiessling sob a influência de Merker, não tem nada a ver com a verdade histórica. Antes a coloca do avesso. Mas o pior em Kiessling é que ele manteve esta interpretação deformadora da verdade depois de se ter inteirado dos factos que se lhe opunham e a negavam – como se pode concluir do seu livro. São páginas cheias de exemplos da contradição crassa entre os factos relatados e a interpretação que os distorce e simplesmente os nega. Demonstre-se aqui, num único exemplo tipo, um caso entre muitos:

«Eu [Kiessling] perguntei a Merker em que se baseava a acusação da CCCP do CC, publicada no ND, em 1 de Setembro de 1950, de que ele não mostrara nenhuma compreensão pelo Pacto Germano-Soviético de 1939 (...) Merker respondeu: “[a afirmação] de que eu não terei mostrado nenhuma compreensão pelo Pacto baseia-se numa declaração de Anton Ackermann, feita em Maio de 1940 perante Pieck e Ulbricht e talvez também perante os serviços especiais soviéticos (...)” Disse-me ainda sobre a sua suposta incompreensão sobre o pacto de 1939: “No final de Agosto de 1950 (...) Herta Geffke exigiu-me uma posição escrita imediata sobre a declaração que lhe fora feita por um camarada (...) de que eu, numa reunião do Secretariado em Paris, tomara posição contra o pacto. Escrevi-lhe preto no branco: ‘Nunca tive uma interpretação errada sobre o Pacto de Não-Agressão entre a Alemanha e a União Soviética. Não se realizou nenhuma reunião em Paris em que eu tenha feito as afirmações de que me acusam.’» (p. 15 e seg.)

Isto é, com a sua formulação de «suposta incompreensão» e a transcrição da afirmação de Merker, Kiessling quer mostrar-nos que também aqui Merker foi acusado injustamente. Porém, na pág. 57, conta-nos o que Merker lhe disse sobre a avaliação que fez na altura em França, enquanto dirigente no estrangeiro do KPD, do Pacto de Não-Agressão: *«A nova fase da guerra exigia de nós a clarificação de questões políticas, que não podíamos colocar a Wilhelm Pieck não só porque há muito que todos os contactos com Moscovo estavam interrompidos mas também porque não queríamos que ele próprio arranjasse problemas. O pacto entre a Alemanha nazi e a União Soviética foi fatal nas suas consequências para todos os partidos comunistas. Os comunistas não podiam continuar a trabalhar na base das condições nacionais. Estavam submetidos à altamente duvidosa política externa soviética, e ainda por cima mal preparados. Nós no Secretariado do KPD no estrangeiro sentimos isto de forma especial. A agudização do anticomunismo em França foi provocada de certa maneira pela política stalinista.» (p. 57 e seg.)*

A CCCP acusou Merker exactamente desta interpretação, e foi exactamente esta interpretação que ele negou veementemente. Mas Kiessling parece não notar que marcou um golo na própria baliza ao incluir esta citação de Merker. A sua concepção de anticomunismo apenas como «anti-stalinismo» leva-o a apresentar o anti-sovietismo de Merker como algo completamente normal e livre de qualquer crítica. Ou melhor: na segunda metade dos anos 60, Merker já se tinha tornado para ele a fonte incontestável da verdade sobre a história do partido e da emigração, de tal forma que perdeu não só a vontade como também a capacidade de qualquer observação crítica que levantasse a mais leve dúvida sobre a veracidade das suas descrições. Assim, depois da vitória da contra-revolução em 1989, o ex-colaborador do Instituto de Marxismo-Leninismo e historiador da RDA transformou-se num publicista que, numa longa série de artigos, no igualmente

transformado órgão central do *SED*, e com o seu já citado livro sobre Noel Field, serviu como nenhum outro a exigência do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA e chefe [do departamento] da Defesa da Constituição, Kinkel, de deslegitimação da RDA e da sua caracterização como um «Estado não de direito».

2. Noel Field – comunista e apoiante desinteressado dos emigrantes comunistas ou homem de confiança de Allan Dulles?

Para responder a esta questão recordemos aqui resumidamente os aspectos importantes da vida e acção de Noel Field, os mais significativos já foram enumerados no documento do *SED* (citado por Kiessling, p. 28 e segs.).

Noel Field nasceu em 1904, em Zurique, filho de pai americano, residente na Suíça, e de mãe inglesa. Após a morte do pai em 1921, tendo terminado o ensino secundário, muda-se com a mãe e os seus dois irmãos para os EUA.

De funcionário do Estado a dirigente de uma organização humanitária americana na Suíça

Depois de ter estudado Direito em Harvard, em 1926 torna-se funcionário do departamento da Europa Ocidental do Departamento de Estado, o Ministério Negócios Estrangeiros americano. Em 1936 é promovido a representante dos EUA no Secretariado da Sociedade das Nações em Genebra, onde passou a residir com a sua mulher. Em 1938 torna-se um dos secretários da comissão da Sociedade das Nações que controla em Espanha a retirada dos brigadistas internacionais. «*A sua actividade iniciou-se com o recenseamento de todos os soldados estrangeiros, organizando listas em que estavam agrupados por nacionalidades.*» (p. 31) Em 1939, os Field albergam Erica Glaser, uma rapariga de 17 anos, doente com tifo, que não tinha podido fugir com os seus pais para França. O pai médico e a mãe enfermeira tinham colaborado com a República espanhola. (p. 32) Como se verificou, esta ajuda de Noel Field foi o primeiro passo no caminho que alguns anos mais tarde conduziria Erica Glaser a Allan Dulles, tornando-se sua colaboradora no OSS.

«*Depois da derrota da República espanhola, os Field passaram a morar novamente em Vandoeuvres*» (localidade perto de Genebra, K.G). Erica frequentava a escola em Genebra. Noel Field trabalhava como antes na Sociedade das Nações e fê-lo até 13 de Outubro de 1940. «*Na prática não tinha mais nada que fazer para a Liga das Nações. O seu passaporte americano e o seu cartão de identidade da Sociedade das Nações permitiam-lhe atravessar sem problemas a fronteira entre a Suíça e a França e possibilitavam-lhe visitar em qualquer altura os campos de internamento no Sul de França, falar com os refugiados e também ajudá-los cada vez mais.*» (p.32). «*As viagens de Noel Field ao Sul de França terminaram abruptamente em Maio de 1940 por causa da guerra em solo francês.*» (p.36)

Mas encontrou-se rapidamente uma colocação que lhe dava a possibilidade não só de manter como de intensificar os seus contactos com os emigrantes de diferentes nacionalidades. Ofereceram-lhe o lugar de Director da filial em Marselha da organização humanitária americana *USC (Unitarian Service Committee)*, fundada em 1940 pelo

grupo cristão *Unitarier* em Boston. A representação da *USC* em Lisboa já existia desde o Outono de 1940, e era dirigida por um Dr. Robert Dexter, que se tornara agora líder da organização. Encontrá-lo-emos de novo brevemente noutras funções.

Devido ao novo posto de trabalho, os Field mudaram-se na Primavera de Genebra para Marselha, mas Erica ficou na Suíça.

«Quando Field se despediu em Basileia do líder do PC da Suíça, Karl Hofmaier, este deu-lhe (espontaneamente? K.G.) uma boa referência. Duas camaradas alemãs, Maria Weiterer e Hilda Maddalena, tinham enviado um postal a Hofmaier informando-o de que, depois de mais de um ano de internamento no campo para mulheres de Rieucros, situado nas Cevenas, se encontravam agora no Mediterrâneo, no Hotel Bompard», que era agora uma filial da prisão policial de Marselha. «Foram autorizadas a sair para organizar a sua ainda incerta partida (...) Maria Weiterer e Hilda Maddalena ficaram muito surpreendidas quando Noel Field as visitou no Hotel Bompard e as cumprimentou em nome de pessoas suas conhecidas em Basileia. Apresentando-se como representante em Marselha do Unitarian Service Committee de Boston, pediu-lhes que o ajudassem a enviar mantimentos aos antifascistas alemães internados nos campos de Le Vernet, Rieucros, Gurs e noutros locais, assim como a dispensar acompanhamento social e médico aos não internados. Dispunha de meios suficientes oriundos de dádivas de cidadãos americanos. Precisava de nomes e endereços porque tinha de garantir à central que as dádivas solidárias eram efectivamente entregues àqueles que mais precisavam (...) Procurava pelo menos dois ajudantes alemães de confiança que se pudessem movimentar livremente em Marselha.» (p.36-41)

Ambas as mulheres não acederam de imediato ao pedido de Field. Só o fizeram depois de Hofmaier ter respondido por escrito a Paul Merker, esclarecendo que «Field é comunista, digno de confiança e absolutamente fiel». (p. 43)

«No seu escritório, Field disse-lhes (às ajudantes que tinha conseguido através de Maria Weiterer e Hilda Maddalena, K.G) que estava dependente da ajuda de vários países. Nos campos, os prisioneiros tinham-se organizado por nacionalidades. Consequentemente precisava de ajudantes húngaros, italianos, espanhóis, jugoslavos, polacos e alemães que fossem aceites pelos presos da respectiva nacionalidade (...) Field explicou às duas mulheres como deveriam fazer o trabalho: enviar cartas pessoais para os campos, escolher uma pessoa de confiança que lhes enviasse uma lista de nomes de potenciais destinatários das encomendas. Field conduziu as mulheres ao armazém anexo ao escritório do USC. Aqui acumulavam-se mercadorias chegadas por navio dos EUA, principalmente conservas de carne, leite em pó, arroz, açúcar, farinhas e têxteis como cobertores, roupa interior, camisas e casacos (...) Henny Stibi recordou: “(...) Ainda ficámos quatro meses em Marselha. Comprávamos, empacotávamos e transportávamos.”» (p. 46/47)

Os Field tiveram de fugir de Marselha quando as tropas alemãs iniciaram a ocupação do Sul da França, consumada a 10 de Novembro de 1942. Regressaram a Genebra, onde Field abriu o seu escritório do *USC*. «A transferência forçada do trabalho do *USC* de Marselha para Genebra não causou grandes problemas. Assim como assim, Field tinha as contas bancárias na Suíça. O armazém em Marselha estava de facto vazio (...) A perda real consistia na interrupção brusca do contacto directo com os seus ajudantes. Mas rapidamente, embora numa escala diferente, Field orientou a partir da Suíça as acções de apoio para o Sul de França (...) Field abriu o escritório do *USC* nas instalações do International Emigration Service dirigido por Berta Hohermuth.» (p. 86/87)

Exactamente nessa altura, Field recebeu a visita do seu chefe Dexter chegado de Lisboa. Kiessling descreve-nos o que Dexter transmitiu ao seu subordinado: «*Robert Dexter, o seu chefe em Lisboa, informou Field sobre a criação do Office of Strategie Services (OSS) nos EUA, ao qual cabia elaborar estudos de apoio às decisões políticas e militares da Administração. No início tinham recolhido e avaliado informações do domínio público. Agora a tarefa central era conseguir informações secretas. Agentes profissionais só podiam ser utilizados de forma limitada. Podia ser muito mais produtiva uma aproximação a homens de negócios, antinazis, representantes de empresas e cientistas em países neutrais como a Suécia, Portugal, Suíça e Turquia, com os quais o Reich mantinha múltiplas relações. Os colaboradores do OSS estavam organizados sob a imunidade da Embaixada dos EUA em Berna, a sua central europeia. Robert Dexter tinha colaborado nesta tarefa. Allan Welsh Dulles seria o chefe do OSS para a Europa Central. Field conhecia-o, ainda que superficialmente, do tempo em que trabalhou no State Department. Dulles deveria chegar a Berna em Novembro de 1942.*» (p. 81-82) Field aproveitou para apresentar a Dexter, seu chefe e membro do OSS, o emigrante comunista Leo Bauer. «*Leo Bauer não achou descabida a proposta de Field de se encontrar com Dexter e sondar se podiam ser úteis mutuamente. Por que razão não deveria ter contactos com representantes dos EUA, o principal aliado da União Soviética na luta contra Hitler? Em Inglaterra, na mesma altura, a direcção do KPD/Emigração autorizou os seus jovens militantes a alistarem-se livremente no exército do país de acolhimento.*» (p.82). No encontro com Bauer, Dexter trouxe um segundo homem que lhe perguntou se ele estava disposto a aceitar tarefas da sua parte, ou seja do OSS. Bauer mostrou-se disponível. (p. 82-83) A ligação de Bauer ao OSS era especialmente importante porque, como Paul Merker dissera a Noel Field, «*o caminho para Bertz*» – o responsável pela organização suíça do KPD, que vivia em Basileia numa clandestinidade bem protegida – «*tem de passar por Leo Bauer*». (p. 60) Da descrição de Kiessling ressalta claramente – apesar de não o dizer abertamente – que foi Field quem levou o comunista Leo Bauer para os serviços secretos americanos OSS, que o recrutaram com êxito.

Mas além de Bauer, também a filha adoptiva de Field, Erica Glaser foi recrutada. No entanto, surpreendentemente, Kiessling não diz como se processou o contacto de Erica Glaser com o OSS, apesar de nos informar minuciosamente sobre todas as etapas importantes da sua vida. Só muito de passagem, através de uma referência a uma afirmação que Erica Glaser faz no seu livro de memórias (Erica Wallach, *Licht um Mitternacht*, Munique, 1969), sabemos que ela esteve presente no encontro de Leo Bauer com os agentes do OSS, no qual lhe foi entregue um questionário. (p. 83) É-nos permitido concluir daqui que ela, já nessa altura, tinha tido contactos com o OSS. Antes deste trecho, Kiessling informa-nos de que Erica Glaser «*conheceu Leo Bauer através de Noel Field. Em retrospectiva considerou-o como o seu professor e amigo político, com o qual tinha tido uma estreita ligação, uma ligação amorosa*», e deixa a suspeita no ar de ter sido Leo Bauer, e não o seu pai adoptivo Noel Field, quem a conduziu ao OSS.

Duas páginas depois, Kiessling fornece outra indicação – igualmente pouco precisa – de que Erica Glaser tinha uma estreita relação com o OSS. Após relatar que, pouco tempo depois do encontro, Leo Bauer foi preso pela polícia secreta em Genebra com o questionário que os agentes do OSS lhe tinham dado, lemos na página 85: «*Aludindo a Erica, o OSS deu a entender a Bauer, [que] não [deveria] referir de maneira nenhuma a origem do questionário. Não podia contar com ajuda do OSS.*» Pode, portanto, concluir-

se que a filha adoptiva de Field já nesta altura era uma «colaboradora não oficial», ou seja, uma informadora de Allan Dulles.

Mas só muitas páginas depois (p. 121) ficamos a saber que «*Erica Glaser entrara para o serviço do OSS com o acordo da direcção do KPD na Suíça*», e participou nas negociações com os americanos sobre a ajuda a prestar aos comunistas alemães para que entrassem armados na Alemanha e participassem na luta contra Hitler. Mas isto só aconteceu no início de 1945 (cf. Kiessling, p. 120), e a prisão de Leo Bauer foi logo em 1942. Mas já nessa altura Erica Glaser estava ligada ao OSS, como nos contou antes Kiessling, embora aqui não refira nenhum acordo da direcção do KPD na Suíça. Deixou-nos, portanto, e seguramente não por descuido, no escuro sobre o primeiro contacto de Erica Glaser com o OSS e o recrutamento para o serviço. Teria sido importante saber quem a levou a tornar-se espiã, razão pela qual foi condenada à morte por um tribunal militar soviético em 1950, pena depois comutada para 15 anos de internamento em campo, o que a obrigou a passar alguns anos em Vorkuta, até à anulação da sentença e libertação para o Ocidente. (Kiessling, p. 32, 238)

Ajuda em duas direcções

A actividade de Noel Field enquanto chefe do USC de Genebra é objecto de duas avaliações diametralmente opostas. Já conhecemos a sua condenação nos processos de Budapeste e de Praga e pela direcção do SED por colaboração com Allan Dulles. Recordemos só a constatação de Hermann Matern já citada: «*O método usado com o agente Field mostra bem a forma refinada como o inimigo procurou infiltrar os seus agentes nas fileiras dos partidos comunistas e operários.*» Kiessling, pelo contrário, não encontra palavras suficientes para nos apresentar Field como um dos mais nobres apoiantes dos emigrantes comunistas perseguidos. No seu livro (p. 26) cita um outro autor, com o qual concorda, que escreveu sobre Field o seguinte: «*Sem dúvida um idealista honesto, sensível – sim, uma pessoa boa (...) Paz, justiça, sentido de responsabilidade, solicitude (...) constituíram o sentido e o objectivo da sua vida (...) Era comunista? Sem dúvida que sim. E é indiferente se entrou ou não formalmente no partido.*» Noutro local (p. 51), Kiessling atribui a Paul Merker, Maria Weiterer e Georg Stibi a seguinte afirmação: «*Field é uma pessoa boa, uma alma samaritana. Todos nós seríamos mais pobres sem estas pessoas.*» E finalmente cita Paul Merker numa conversa que teve com nos anos 60 (p. 149): «*Estávamos-lhe profundamente agradecidos, apesar de o humanitarismo nunca poder ser contabilizado (...). Deveria ter sido cidadão honorário de uma Alemanha democrática.*»

Qual é o retrato verdadeiro de Field?

Kiessling relata vários exemplos do tipo de ajuda que Field prestou a emigrantes, pela qual lhes ficaram profundamente reconhecidos, sentimento que na maior parte dos casos mantiveram toda a vida. Um desses exemplos foi quando se ocupou de transferir a emigrante alemã Sophie Marum do Hotel Bompard, em Marselha, onde se encontrava

presa e grávida, para uma casa dos Quakers,⁴² onde pôde dar à luz a sua filha Andrée em condições menos perigosas. (Kiessling, p. 56) Entre os exemplos que Kiessling apresenta, está também o da emigrante comunista Maria Weitere, internada em França, que foi ajudada por Field a passar clandestinamente a fronteira para a Suíça, evitando assim ser extraditada para a Alemanha fascista. (p. 80) E naturalmente que os apoios financeiros e os pacotes de alimentos enviados pelo USC de Field aos brigadistas internados nos campos eram uma ajuda bem-vinda.

Mas provarão estas ajudas que Field não era de maneira nenhuma um colaborador do serviço secreto americano? Naturalmente que não. Só se poderia afirmar tal coisa se, paralelamente a estas ajudas, não existissem outros factos que indicam uma ligação ao serviço secreto. E, finalmente, é sabido que a melhor forma de se infiltrar numa organização inimiga, é fazer-se passar por amigo e simpatizante, e conquistar a confiança através de acções que demonstrem a sua amizade. E que acções poderiam ser mais adequadas para conseguir tal confiança do que a ajuda a pessoas em situação de perigo de vida?

No caso de Noel Field, não são só os materiais dos processos contra Rajk e Slánsky e as investigações da CCCP do SED que contêm esses factos sobre a sua actividade como colaborador de Allan Dulles e do OSS. Também no livro de Kiessling encontramos múltiplas referências a tais factos, ainda para mais em espantosa contradição com as afirmações em que procura demonstrar que todas as acusações a Field são infundadas e forjadas.

Field e o USC – Dexter e o OSS de Allan Dulles

Como vimos, Field foi transferido em 1936 do Ministério dos Negócios Estrangeiros para a Sociedade das Nações, e a partir de 1938 ocupou-se do recenseamento dos brigadistas que retiravam de Espanha enquanto secretário da Sociedade das Nações. (Kiessling, p. 31) Só marginalmente se percebe que o Departamento de Estado exigiu e obteve cópias das listas elaboradas. Era claro que entre os recenseados nas listas se encontrariam vários membros influentes dos partidos comunistas de diferentes países, especialmente da Alemanha. Saber mais sobre as suas funções, as suas ligações, os locais onde se encontravam e as suas actividades era de enorme interesse para os americanos que combatiam os comunistas. Mas para isso as listas não bastavam, era preciso ter também contactos pessoais. Era fácil consegui-los nas condições existentes. Os brigadistas internacionais encontravam-se na sua maioria internados em campos franceses. Os comités de ajuda tinham sido criados a partir da solidariedade de organizações de esquerda com os combatentes em Espanha e de ajuda aos antifascistas expulsos dos seus países, como por exemplo o *North American Committee to Aid Spanish Democracy*, fundado por comunistas americanos, cuja direcção foi assumida pelo cirurgião nova-iorquino sem partido Edward K. Barsky, (daí também o nome «Comité Barsky»⁴³).

⁴² Quakers é a designação comum dos membros da Sociedade Religiosa dos Amigos, movimento religioso fundado na Inglaterra no século XVII por dissidentes da Igreja Anglicana e da sua corrente puritana, que se espalhou por vários países da Europa, da América Latina e África, Canadá e Austrália. (N. Ed.)

⁴³ Na verdade, segundo o que conseguimos apurar, o «Comité Barsky» era o *Joint Anti-Fascist Refugee Committee* (JAFRC), ao qual Barsky presidiu, e não o anteriormente criado *North*

Fazia sentido que a continuação deste acompanhamento (no duplo sentido) fosse feita por aqueles que já tinham tido contactos pessoais com os brigadistas internacionais aquando do seu recenseamento. Esta explicação da transferência de Field da Sociedade das Nações para a USC é, em todo o caso, muito mais plausível do que a ideia de que tal resultou do seu desejo indomável de ajudar pessoas em perigo ou até do facto de ser comunista.

Field trabalhou até Outubro de 1940 como membro do Departamento de Estado na Sociedade das Nações, (Kiessling, p. 32) a seguir, como já foi referido, assumiu a direcção do escritório em Genebra do USC. Kiessling faz estranhas suposições sobre quem o terá indicado para este posto. Se o Dr. Robert Dexter, representante da associação cristã Junger Männer,⁴⁴ como afirma Flora Lewis, a biógrafa de Field, ou o Dr. Edward Barsky, (p. 38), apesar de a solução lógica ser exactamente o homem de quem se tornou subordinado na sua nova função: Dexter. É porém compreensível que Kiessling se esforçasse por não referir a grande proximidade entre Field e Dexter, já que este, como antes se referiu, foi um colaborador de Allan Dulles na constituição da central europeia do serviço secreto americano OSS, precursor da CIA, em Berna. E foi o mesmo Dexter que pediu a Field que o ajudasse a encontrar pessoas que pudessem ser úteis nas tarefas do OSS. Field conduziu Dexter a Leo Bauer. E a incorporação da sua filha adoptiva Erica Glaser no aparelho do OSS – primeiro não oficial depois oficialmente – também não pôde acontecer contra a sua vontade. De resto, Bob Wallach, seu marido, também era oficial do OSS (cf. Matern, p. 86). Evidentemente que Kiessling não refere uma única vez este homem.

Ainda assim, Kiessling, como se demonstrou, não pôde deixar de descrever factos que provam inequivocamente que o *Unitarian Service Committe* de Field colaborou com o OSS de Allan Dulles. Inversamente, Kiessling baralha-se visivelmente nas suas tentativas de nos apresentar Field como um comunista convicto.

Noel Field – comunista ou não?

Ficamos a saber por Kiessling que Field conheceu, nos anos 30, o então líder do PC dos EUA, Earl Browder: «*As conversas de Field com Browder e a leitura de literatura marxista levaram-no a considerar-se comunista. Mas inscrever-se no PC e participar na vida do partido teria conduzido rapidamente ao fim da sua carreira de funcionário governamental.*» (Kiessling, p. 30)

Kiessling até cita (p. 132) a resposta de Paul Merker a uma questão de Franz Dahlems sobre Field, em 26 de Novembro de 1946 (nesta altura, Dahlem e Merker eram ambos membros da direcção do SED): «*Não partilhava da opinião da camarada Anne Fischer de que Field era um agente americano. Field pertence ao PC americano.*»

Porém, na citada declaração do CC e da CCCP do SED, de 24 de Agosto de 1950, afirma-se o seguinte (p. 85) sobre a suposta qualidade de membro do PC de Field: «*No Verão de 1945, Field foi ao México para também aí restabelecer as ligações já iniciadas em Marselha. É justa a grave acusação feita a Paul Merker de ter restabelecido a*

American Committee to Aid Spanish Democracy, ao qual também esteve ligado como médico. Ver nota biográfica no índice de nomes (N. Ed.)

⁴⁴ Junger Männer é o nome alemão da Associação de Jovens Cristãos (*Young Men Christian Association - YMCA*), com origem na Inglaterra e fundada em Paris em 1855, actualmente com sede em Genebra, que conta com mais de 45 milhões de membros em 124 países. (N. Ed.)

relação com Field, com quem teve um longo encontro, apesar de o CC do PC dos EUA não lhe ter enviado nenhuma informação sobre Field. Merker satisfez-se com o facto de o “Comité Barsky”, próximo do PC dos EUA, também manter relações com Field.»

Kiessling não deu nenhuma importância a esta afirmação, não a referindo sequer no seu livro. Em vez disso cita uma passagem do livro *Farsas Judiciais*, do húngaro Georg Hermann Hodos: «*Field era comunista? Sim, sem dúvida. E é indiferente se também se tornou formalmente membro do partido.*» (Kiessling, p. 26) Para reforçar esta afirmação, Kiessling apresenta-nos Noel Field como um admirador ingénuo da União Soviética, reproduzindo o que Georg Stibi lhe relatou de uma conversa que teve com ele. Stibi foi um emigrante comunista responsável pelas emissões de rádio em língua alemã, primeiro em Moscovo e a partir de 1937 em Madrid. Depois esteve internado em França onde conheceu Field. Este questionou-o sobre a sua experiência na União Soviética, mas Stibi, segundo declarou a Kiessling, nada lhe disse sobre as suas experiências negativas. Não podia dizer nada sobre isso porque «*ele iria pensar que eu o estava a pôr à prova. A sua admiração idealista pela União Soviética era uma das raízes da solidariedade que manifestava com todos os perseguidos pelo fascismo.*» (Kiessling, p. 49) Demonstraremos mais à frente que, apesar da melhor das vontades, não é possível conciliar as acções de Field, descritas por alguém insuspeito como Kiessling, com essa admiração pela União Soviética suposta por Stibi, e que nos é apresentada pelo mesmo Kiessling.

Mas vejamos mais uma observação a propósito da afirmação de Merker sobre a qualidade de membro do PC de Field. Kiessling cita (p. 145) uma declaração da viúva de Egon Erwin Kisch, Gils Kisch, de Setembro de 1953: «*Numa visita ao meu apartamento (Setembro de 1949), Field informou-me de que estava com dificuldades em prorrogar a autorização de residência na Checoslováquia, e pediu-me conselho sobre o que devia fazer. Concretamente perguntou-me se o PC da Checoslováquia não o podia ajudar. Respondi-lhe que seria difícil porque ele não era camarada do partido.*»

Isto que era do conhecimento de Gisl Kisch, era seguramente mais ainda de Paul Merker, que tinha uma relação muito mais antiga e estreita com Field. A contradição entre ambas as declarações é minimizada por Kiessling com a explicação de que, para Merker, a diferença entre «comunista» e «membro do partido» era «*só uma nuance*», já que tinha tido «*muitas vezes a experiência de que não era o cartão do partido que fazia um comunista, mas sim o seu comportamento*». (pp. 44-45) Mas isto não apaga o facto de Merker ter mentido conscientemente ao partido ao afirmar que Field era membro do PC dos EUA.

A questão central sobre as acções caritativas de Field: *Cui bono?*⁴⁵

O carácter suspeito ou também ambivalente (para usar excepcionalmente este conceito que alguns vêem como prova de cientificidade) da ajuda dos serviços secretos imperialistas aos comunistas ressalta claramente de um caso exemplar que quero aqui expor para definir a essência de tal «ajuda». Trata-se da ajuda de Field à fuga de Paul Merker para o México. Irei ocupar-me de duas questões para tornar compreensível a ambiguidade desta ajuda:

⁴⁵ Expressão latina que significa a quem aproveita. (N. Ed.)

Primeira: Quem e que instituições estiveram envolvidos nesta ajuda? Para responder a esta questão utilizarei exclusivamente material do livro de Kiessling (pp. 55, 63-65, 73-75).

Segunda: Quem mais, para além dos directamente alvo da ajuda, neste caso Paul Merker, beneficiou com esta ajuda? Para responder a esta pergunta servir-me-ei da declaração do CC do SED (Matern, pp. 78-80).

Quanto à primeira pergunta. Paul Merker conseguiu arranjar papéis em França para ir para o México. Mas para partir necessitava do visto de saída francês. Só o podia obter apresentando o documento de libertação do campo Les Milles, no qual estivera internado. Mas não podia apresentar tal documento porque tinha saído ilegalmente e passado

à clandestinidade. O seu salvador foi Noel Field. Conseguiu que os franceses lhe emitissem o visto de saída. Os pormenores desta salvação parecem milagres. Sigamos Kiessling, porém, não esqueçamos que os diálogos reproduzidos não constam de nenhuma acta, mas sim de memórias de Merker e outros, que estavam interessados em provar que a acusação de que Field era um agente secreto americano não tinha fundamento e fora forjada. Deve-se ter isso sempre presente na leitura do que segue. «*Lex Ende aconselhou-se com o advogado Jérôme Ferrucci, o seu homem de ligação ao partido francês. Ferrucci sabia que no Departamento de Estrangeiros da Prefeitura os requerimentos de saída eram analisados por uma certa Madame Esmiol. Ela era uma opositora ao regime de Vichy e simpatizava com o movimento gaulista France Libre. Contudo seria (...) inconsciente apostar nisso. O Departamento de Estrangeiros dependia do Ministério do Interior e era oficialmente controlado pelo segundo departamento da polícia secreta. Madame Esmiol estava obrigada a confirmar cada visto com o Ministério do Interior em Vichy. Porém, não havia outra alternativa. Era preciso falar directamente com Madame Esmiol. Só alguém não directamente interessado podia sondá-la sem se colocar em perigo. Noel Field mostrou-se imediatamente disponível (...) Trouxe da Prefeitura a informação de que a funcionária Esmiol aceitaria excepcionalmente os requerimentos sem o documento de libertação do campo Les Milles (para além de Merker, mais três camaradas tinham abandonado ilegalmente o campo Les Milles). De seguida ele deu-lhe os quatro nomes, e a funcionária pediu-lhe que lhes dissesse que podiam ir ter com ela sem preocupações. Paul Merker recordou-se: "Madame Esmiol (...) recebeu-nos amistosamente. Já tinha telefonado para o campo Les Milles e confirmado que tínhamos estado lá. Preenchemos os requerimentos e ficámos de levantar o visto no dia seguinte. Quando já estávamos no corredor, Madame Esmiol veio atrás de nós. Agarrou-me pelo braço e puxou-me para o lado: "Senhor Merker, lamento imenso, mas não pode receber o visto. Encontra-se na lista dos procurados do Ministério do Interior. A Alemanha exige a sua extradição. Estou legalmente obrigada a mandá-lo prender. Da minha parte não tem nada a recear. A minha honra enquanto francesa proíbe-me de entregar um alemão antinazi aos seus carrascos. Mas mesmo que eu não faça caso do seu nome, em minha opinião, não tem nenhuma hipótese de conseguir entrar a bordo de um navio. No porto todos os passageiros são controlados três vezes: pela polícia de fronteiras, pela polícia francesa e por agentes secretos alemães com uniformes da Wehrmacht. Aconselho-o a passar de novo à clandestinidade e a evitar Marselha. Lembre-se de que a sua visita aqui e a nossa conversa nunca existiram."» (p. 63 e seg.)*

Só até aqui, esta história já parece quase um milagre. Exactamente por isso levanta algumas questões, por exemplo: não teria sido mais lógico que o advogado Ferrucci, que

pelos vistos conhecia muito bem Madame Esmiol, talvez até mesmo pessoalmente, a tivesse sondado em vez de um estrangeiro que ela desconhecia? Mas talvez Field não fosse um desconhecido de Madame Esmiol, e ela soubesse exactamente em que qualidade ele se encontrava em Marselha? A não ser assim, por que razão Madame Esmiol, que estava ligada aos serviços secretos franceses, pelo menos pelas suas funções, contactada por um qualquer terceiro, correria o risco de se mostrar de imediato disponível não só para deixar em liberdade um preso alemão fugido do campo de internamento, como ainda por cima disponibilizar-lhe papéis de saída da França, dispensando-o de apresentar os documentos necessários?

Não, isto não é imaginável. Este milagre só poderia ser conseguido por alguém que tivesse atrás de si uma autoridade respeitada pela própria administração francesa, por exemplo, o Departamento de Estado americano ou, ainda mais plausível, um serviço secreto americano. E isto é ainda mais válido para a segunda parte desta história.

Como não havia nenhuma possibilidade de Merker embarcar ou passar a fronteira sob o seu verdadeiro nome, teria de sair com papéis falsos sob um outro nome. Mas onde conseguir os papéis falsos? Mais uma vez Noel Field foi o salvador. Deixemos Wolfgang Kiessling continuar a contar. Em Outubro de 1941, durante o jantar de despedida da mulher de Merker, que podia partir no próximo barco, «*Field levantou-se de repente da mesa e disse que falaria uma vez mais com Madame Esmiol. Teria de haver uma saída. Pelo menos queria obter dela algum conselho (...) A sua conversa não tinha sido inútil (...) Madame Esmiol assegurou-lhe que Merker conseguiria sair se fizesse a respectiva requisição sob um outro nome. A condição era que os documentos de viagem fossem autênticos e não falsos. Mas como? Essa era a grande questão. Merker tinha de obter uma outra identidade. Mas isso só era possível se o governo mexicano e o seu cônsul em Marselha aceitassem ser seus aliados. O Dr. Leo Zuckermann, membro do grupo que partia de Marselha em 18 de Outubro, ficou encarregue de dar os passos necessários no México*». (p. 65)

«*No final de Abril, Merker, que soubera através da HICEM⁴⁶ que estava paga uma passagem em nome de Siegmund Ascher [este era o nome que constava nos seus papéis; não se refere quem lhe arranjou estes papéis nem de que forma. KG], recebeu de repente a notícia de que dentro de uma semana um navio português, vindo de Lisboa, via Casablanca, se dirigia para Veracruz (...) Jérôme Ferrucci preencheu um documento. Ele certificava a libertação de Ascher de um campo. A companhia de viagens HICEM declarou por escrito, em 27 de Abril de 1942, que havia um lugar pago em nome do Sr. Ascher no navio “Guiné”, que partiria dentro de poucos dias de Marselha. Agora faltava o passo decisivo: a ida à Prefeitura. Tinham passado sete meses desde que Madame Esmiol prometera dar um visto a Merker se apresentasse papéis autênticos sob outro nome. Poderia ela cumprir esta promessa? (...) Só Field podia obter essa resposta sem correr riscos. Field entrou no seu carro e dirigiu-se à Prefeitura. Meia hora depois Merker tinha a resposta: Madame Esmiol cumprirá a sua palavra. Que viesse. Ela*

⁴⁶ A HICEM é uma organização criada em 1927 a partir de três outras associações que ajudavam os judeus europeus a emigrar para outras partes do mundo: a HIAS (*Hebrew Immigrant Aid Society*), com sede em Nova Iorque, a ICA (*Jewish Colonization Association*), sediada em Paris mas registada em Londres com o nome de *British charitable society*, e a *Emigdirect*, com sede em Berlim. O nome de HICEM é o acrónimo de HIAS, ICA, e *Emigdirect*. Na véspera da II Guerra Mundial, a HICEM tinha sede em Paris e escritórios em toda a Europa, que aconselhavam e apoiavam os refugiados a emigrar, fornecendo-lhes designadamente passagens de barco. Após a invasão da França, a HICEM transferiu a sua sede para Lisboa. (N. Ed.)

reconhecê-lo-á sem o questionar (...) Sobre isto o próprio Merker disse: "Cheguei à Prefeitura imediatamente antes do fecho. Colegas dela já estavam de saída. Disse a um que se podia ir embora, ela receberia o requerimento. Quase não houve palavras entre nós. Observou cuidadosamente os meus documentos. Finalmente disse-me aliviada que poderia levantar o visto no dia seguinte. Contudo demorou mais uns dias porque, como me explicou Madame Esmiol, a autorização para a travessia de Marrocos ainda não tinha dado entrada (...) Fui quatro dias seguidos ao seu escritório. De todas as vezes me disse que devia voltar. Tudo estaria pronto a tempo. Só consegui o visto no dia da minha partida, a 4 de Maio." Paul Merker deixou a França literalmente no último minuto sob o nome de Siegmund Ascher.» (p. 37 e seg.)

Quando Merker foi interrogado pela CCCP, em 1954, sobre as suas actividades na emigração e a sua ligação a Field, uma das perguntas dizia respeito ao papel de Field nos contactos com Madame Esmiol, o que era compreensível, dada a disponibilidade invulgar desta senhora em ajudar Merker, da forma já descrita, após a sua conversa com Noel Field. Os camaradas da CCCP, justificadamente, devem ter partido do princípio de que, se Field fosse apenas um vulgar dirigente de uma das várias organizações americanas de ajuda aos emigrantes, as suas conversas não teriam tais efeitos. Kiessling escreve: «*Uma pergunta que lhe fizeram foi: "Porque é que deixou que o assunto com a colaboradora do serviço secreto francês fosse resolvido exactamente pelo agente Noel H. Field?" Resposta: "Porque mais ninguém conhecia pessoalmente a Sra. Esmiol."*»

Esta justificação está em assinalável contradição com o que lemos na página 63. Aí quem conhecia Esmiol pessoalmente era o advogado francês Ferrucci; e pela razão contrária Field foi considerado o homem certo – é essa a explicação na página 63 – porque era «parte não interessada». Mas isso também era Ferrucci! Contudo, o facto de que não só Ferrucci mas também Field conhecia esta senhora pessoalmente não é referido com uma única palavra na página 63!

De acordo com o que foi dito, a resposta à pergunta que formulámos no início é: Merker foi ajudado por um funcionário americano do Departamento de Estado americano, cuja influência era suficientemente forte para que uma funcionária dos serviços secretos franceses agisse de acordo com os seus desejos. A conclusão de que ele também era um homem dos serviços secretos americanos não pode ser de forma nenhuma considerada um exagero.

Para responder à segunda pergunta cito, como anunciei, a deliberação do CC do SED de Agosto de 1950 (Matern, pp. 78-80): «*Entre o CC do PCF e o camarada Walter Beling, líder da Direcção da Emigração Alemã no Sul de França, foi acordado, no final de 1940, a intervenção de uma grande parte da emigração alemã na agitação política entre os soldados alemães. Depois do assalto de Hitler à União Soviética, esta luta contra o fascismo ganhou ainda mais significado (...).*

Contudo, não fazia parte dos planos do imperialismo anglo-americano manter uma grande quantidade de tropas alemãs em França, e assim aliviar a frente germano-soviética. Tal como adiaram a abertura da segunda frente, também impediram o desenvolvimento do movimento de resistência. Com esse fim agiram através do seu agente Noel H. Field junto da direcção da emigração alemã para frustrar a aplicação das decisões tomadas em conjunto com o CC do PCF (...)

Na Primavera de 1942 estavam criadas as condições para uma acção mais ampla dos emigrantes alemães no movimento de resistência no Norte da França. O CC do PCF exigiu, numa resolução especial, o envio de um número considerável de emigrantes alemães para Paris. Contudo, a direcção alemã em Marselha estava já nesta altura tão

influenciada politicamente por Field que não respeitou a resolução. Apesar de Paul Merker e Lex Ende terem sido informados pelo camarada Beling do acordo com o CC do PCF, ambos duvidaram da veracidade da resolução. Sem se preocuparem com esta resolução, Paul Merker fugiu para o México, enquanto Lex Ende assumiu abertamente a traição. Este, com a ajuda de Willy Kreikemeyer, entregou a Noel H. Field o texto da resolução do CC do PCF para que o enviasse a Paul Bertz. Desta forma, Allan Dulles, chefe do OSS, tomou conhecimento dos planos da luta anti-hitleriana. A resposta foi preparada por Bertz e Field, com o conhecimento de Leo Bauer, e indicava a rejeição da resolução do CC do PCF. Esta posição correspondia à política do imperialismo americano, que não estava interessado na abertura da segunda frente nesta altura. O seu objectivo era sobretudo não entrar a ofensiva da Primavera dos fascistas alemães de modo a alcançar o maior enfraquecimento possível do exército soviético. Pela mesma razão, o imperialismo americano não estava interessado no alargamento do movimento de resistência antifascista em França.»

Face a este comportamento, também não poderá ser considerada exagerada e construída a resposta à segunda questão: os principais beneficiários da ajuda de Field a Merker e aos seus camaradas foram os responsáveis da política externa americana, cujo objectivo era enfraquecer a União Soviética na luta contra a Alemanha fascista.

A construção da rede de relações de Noel Field

Como já foi referido, nas deliberações do CC do *SED* descreve-se a criação sistemática, por Field, de uma rede de apoio entre os comunistas emigrantes em França e na Suíça.

Pretendendo provar que todo este género de acusações é uma ficção, Kiessling escreveu no seu livro: «*O homem Noel H. Field tornou-se numa ficção com o mesmo nome, uma criação artificial, uma arma milagrosa soviética imaterial, pensada enquanto garante da vitória na grande batalha da guerra fria entre o Leste e o Oeste.*» (Kiessling, p.21)

Todos os factos descritos nas deliberações do *SED* sobre o estabelecimento das relações de Field com os emigrantes comunistas são confirmados pelo relato de Kiessling. No entanto, a apreciação de que a actuação sistemática de Field teve como objectivo construir pontos de apoio para as suas actividades secretas é negada por Kiessling, que nos apresenta de forma muito diferente o estabelecimento destas relações, como acasos felizes, resultantes exclusivamente da vontade inquebrantável de Field em ajudar o maior número possível de pessoas em perigo. Mas quem se cingir à descrição de Kiessling, não pode deixar de confirmar as constatações das deliberações do *SED*. A dada altura, Field tinha relações com tantos camaradas, principalmente camaradas dirigentes que o informavam sobre numerosos assuntos internos, que a vida partidária dos emigrantes comunistas no Sul de França e na Suíça estava sob o seu controlo. Noel Field estabeleceu o primeiro contacto com os comunistas alemães residentes na Suíça pouco antes do início da II Guerra Mundial, depois da sua chegada a Zurique. Aí visitou a casa de um tal Sally Liebermann, que vivia com a ex-mulher do seu irmão Hermann Field. Este também lá estivera alguns meses antes para «*esclarecer definitivamente a relação*» com a sua mulher. (Kiessling, p. 35) Foi na casa dos Liebermann que conheceu o comunista alemão Bruno Goldhammer.

Mesmo que desconhecesse que Goldhammer pertencia à direcção Sul do *KPD*, Hermann Field interessou-se seguramente por ele, já que, tal como o seu irmão Noel,

trabalhava na ajuda a emigrantes comunistas – neste caso na Checoslováquia. É pois provável que Hermann tenha informado o seu irmão Noel do encontro com Goldhammer. Em todo o caso, depois da sua chegada a Zurique, os Field – Noel, a sua mulher e Erica Glaser – tornaram-se visitas frequentes dos Liebermann. *«Bruno Goldhammer era o único comunista alemão que conhecia ambos os Field ainda antes da guerra e o primeiro a conversar frequentemente com ele. Por isso, e com a justificação de que tinha sido ”o principal responsável pela infiltração de Noel Field na emigração alemã na Suíça”, em 28 de Abril de 1954 foi condenado, num processo secreto, a dez anos de prisão pelo Supremo Tribunal da RDA»,* mas posto em liberdade na sequência da sua reabilitação. *«Os Field (...) tratavam Goldhammer como se pertencesse à família dos Liebermann. Rapidamente estabeleceu uma relação mais estreita com Erica. (...) Também sentiu confiança e aceitação nas conversas com Noel Field, que encontrou várias vezes em casa dos Liebermann até meados de 1940. Goldhammer foi preso em Julho pela polícia do cantão e acusado, enquanto estrangeiro, de influenciar politicamente a juventude suíça (...) A maioria dos emigrantes comunistas residentes no país recebeu a ordem de expulsão do Conselho Federal, executada na forma de internamento. O fim abrupto das visitas de Bruno Goldhammer à casa dos Liebermann não significou o corte dos contactos com Noel Field e Erica Glaser, que foram mantidos até 1945, quando Goldhammer deixou a Suíça e regressou à Alemanha.»* (Kiessling, pp. 34-36)

Na declaração do CC do SED, de 24 de Agosto de 1950, expõe-se o seguinte sobre a ligação Field-Goldhammer: *«Bruno Goldhammer é o principal culpado da infiltração de Noel H. Field na emigração alemã na Suíça. O seu comportamento levou também outros emigrantes comunistas a entrar em contacto com este agente americano. De forma irresponsável não procurou informar-se sobre Field. Tranquilizou a sua consciência confirmando junto de Liebermann e Erica Glaser as histórias falsas sobre a sua actividade em Espanha, se bem que soubesse que a única fonte de informação que estes tinham era o próprio Field.»* (Matern, p. 74) Na Suíça, *«inicialmente só existia a ligação entre Field e Bruno Goldhammer. O internamento de praticamente toda a emigração política assim como o seu número reduzido retiraram-lhe importância face à numerosa emigração no Sul de França. Por isso, na Suíça, Noel H. Field limitou-se inicialmente à ligação com Bruno Goldhammer, integrando através dele na emigração comunista a sua colaboradora, Erica Glaser (e na sua pessoa uma informadora informal do OSS de Allan Dulles! KG). Através da sua estreita ligação com Bruno Goldhammer, chegou ao camarada Hans Teubner. Com frequência conseguia que Bruno Goldhammer pudesse sair por alguns dias do campo de internamento, e apresentou-o ao Dr. Tibor Szönyi que trabalhava no Charité de Zurique sob o nome de Dr. Hoffmann.»* (Matern, pp. 81-82)

Como atrás referimos, antes de se mudar para França, na Primavera de 1941, Field conseguiu, por indicação de Hofmaier, à época o líder do PC da Suíça, a morada de Maria Weiterer e Hilda Maddalena, duas comunistas alemãs internadas no Sul de França. Contactou-as, e através delas conseguiu que a companheira e mais tarde esposa de Paul Merker, Grete Menzel, bem como Henny Stibi se tornassem colaboradoras da sua filial da USC em Marselha.

Kiessling: *«O trabalho de Henny Stibi e de Grete Merker para o USC levou naturalmente a que os Field conhecessem os respectivos companheiros.»* (Kiessling, p. 48). Mas que sorte para Noel Field! Merker era o homem mais importante da direcção do KPD em Marselha. Ele, Paul Bertz e Franz Dahlem tinham pertencido até ao início da II

Guerra Mundial ao Secretariado do *KPD* no estrangeiro, nessa altura com sede em Paris. Já conhecia há muito o líder do PC da Suíça, Hofmaier, agora tinha também uma ligação pessoal com o dirigente do *KPD* em França, que Merker rapidamente permitiu que se transformasse numa relação de confiança ilimitada. Mas para cumprir a sua tarefa entre os comunistas residentes na Suíça, precisava ainda do contacto pessoal com o líder da organização do *KPD* na Suíça. Paul Merker ajudou-o a conhecer pessoalmente Paul Bertz. Na descrição de Kiessling, com efeito, não foi Merker que ajudou Field, mas pelo contrário, foi Field que se disponibilizou para ajudar Merker a estabelecer a ligação entre Marselha e Bertz na Suíça... Em Kiessling a coisa lê-se assim:

«Era necessário discutir problemas políticos e esclarecer questões de quadros com Bertz. Só uma pessoa podia servir de intermediário – Noel Haviland Field. Num primeiro momento o americano reagiu ao pedido de Merker de forma prática. Viu nisso uma boa oportunidade para agir, desta vez não como chefe do USC de Marselha, mas sim como representante não oficial do Comité Barsky na Europa, e de dar dinheiro para a subsistência dos alemães antifascistas que actuavam clandestinamente na pátria. Quando lhe disseram que o caminho para Bertz passava obrigatoriamente por Leo Bauer, que vivia num local desconhecido em Genebra sob um nome francês, mas tinha ligações com Leon Nicole, Field não viu qualquer dificuldade especial em realizar o desejo de Merker. Este podia sem receio revelar-lhe o caminho para Bertz. Na verdade, Merker não conhecia pessoalmente Nicole, mas Hofmaier dissera-lhe numa carta que era um homem que abonava a favor de Field. Leon Nicole, conhecido político social-democrata da Suíça francófona desde há décadas, presidente do Conselho de Estado no Cantão de Genebra em meados dos anos 30, fora expulso do Partido Social-Democrata Suíço, em 1939, devido à sua crescente aproximação aos comunistas. Depois da dissolução do PC da Suíça, imposta em 1940 pelo Conselho Federal, Nicole fundou com socialistas de esquerda e comunistas a Federação Socialista Suíça, entretanto proibida em Maio de 1941. A perspectiva de rever Nicole era um atractivo adicional para Field. Mas quando Merker lhe descreveu Paul Bertz como uma pessoa pouco acessível, hesitou. Field teria de quebrar a sua desconfiança para com estranhos, contanto que Bertz se dispusesse a encontrar-se com ele. Se conseguisse ganhar a confiança de Paul Bertz, iria conhecer um interlocutor sério e também uma pessoa adorável. Merker tinha sempre trabalhado com ele bem. Esperava que Field conseguisse estabelecer contacto dizendo-lhe que vinha por ordem de Merker e Willi Kreikemeyer.» (p. 60)

Portanto, Merker preparou Field minuciosamente para o encontro, o que foi uma grande ajuda para encontrar forma de aceder ao difícil e desconfiado Bertz. Mas, pelos vistos, Kiessling já se tinha esquecido disto quando escreveu o seguinte elogio efusivo ao sensível Noel Field: *«As ajudas humanitárias do Unitarien Service Committee na Europa seriam impensáveis sem Noel Haviland Field. Tinham a marca da sua personalidade, do seu relacionamento sensível com ajudantes de muitas nações, da sua capacidade de compreensão de diferentes mentalidades. Possuía o dom de se imaginar nas condições de vida dos refugiados a seu cargo. O amor ao próximo, a sua compreensão pela situação de desespero dos que era chamado a proteger ultrapassavam a sua motivação cristã e estavam indissociavelmente ligadas, desde a guerra civil de Espanha, às suas convicções antifascistas (...) As recordações dos que o conheceram testemunham que ele sabia adaptar-se às pessoas mais diferentes e estabelecer contacto com elas. Encontrou sem qualquer problema a forma de*

estabelecer contacto com Paul Bertz, descrito por alguns como extremamente difícil.» (p. 77)

Kiessling continua: «*Então*», contou Merker, “*conversámos sobre todas as questões que ele devia esclarecer com Bertz. Field anotou palavras-chave numa caligrafia ilegível para outras pessoas. Com a ajuda dessas palavras repetiu tudo. Isto era necessário para que não mudasse nada, nem sequer as nuances (...).*”

Separaram-se em Setembro de 1941, em Marselha, com a promessa de Field de fazer tudo para realizar o desejo de Merker (...) Em Genebra, Field procurou imediatamente Leon Nicole. Este afirmou desconhecer completamente Leo Bauer. Porém, Pierre, o filho de Nicole, disse que talvez pudesse ajudar. Mas não bastava dizer que vinha por ordem de amigos de Marselha e desejava apresentar cumprimentos. Field tinha de referir factos que o tornassem um emissário credível. Em resposta, Pierre obteve informações exactas e, se bem que sem compromisso, dirigiu-se (...) para o apartamento do empregado bancário Paul-Eric Perret, aliás Leo Bauer. Depois de ouvir o que Pierre sabia de Field, escreveu uma carta com tinta invisível (...) [a Bertz, K.G]. Era uma segunda-feira, 29 de Setembro. Leo Bauer enviou a carta a Arthur (Wilhelm Fels) em Basileia. Só este conhecia a casa onde vivia Paul Bertz. (...) Paul Bertz concordou em encontrar-se com Field (...) Na segunda-feira, dia 6, ou terça-feira, dia 7 de Outubro, Field e Bertz encontraram-se pela primeira vez. Não há indicações de que tenham tido alguma dificuldade em entender-se, já que, a partir de agora, teriam encontros, mais ou menos espaçados, durante três anos e meio, até Bertz regressar à Alemanha em 1945.» (pp. 59-62)

Mas isto não foi tudo. Kiessling relata ainda: «*Depois de ter estabelecido o contacto entre Merker em Marselha e Bertz em Basileia, Field ajudava agora a estabelecer as ligações entre os comunistas alemães na Suíça: entre o clandestino Paul Bertz, os actores [do Teatro de Zurique] a viver legalmente, e respectivas relações, e a maioria dos camaradas do KPD, que, em 1943, estavam internados no campo especial para “extremistas de esquerda” em Gordola, a Norte de Locarno, e Hans Teubner, Bruno Fuhrmann e Fritz Sperling, que constituíam a direcção mais restrita.)*”

O papel de Field enquanto intermediário de Merker e Bertz foi avaliado da seguinte forma na declaração do CC do SED, em Agosto de 1950: «*Entretanto Field tinha conseguido uma grande base de confiança na emigração alemã, através dos seus donativos monetários. No Outono de 1941 já estava tão infiltrado que a direcção da emigração alemã na Suíça o utilizava como correio para o Sul de França. O entretanto falecido ex-deputado do Reichstag, Paul Bertz, e o agora desmascarado como agente americano de há longos anos, Leo Bauer, ditavam a Field assuntos internos do partido para que os transmitisse a Paul Merker. Este último, a partir de Janeiro de 1942, seguiu o mesmo caminho com o acordo de Lex Ende e Maria Weiterer. Entregou a Field uma avaliação da situação e instruções para se “prepararem em conformidade”. Merker autorizou expressamente Paul Bertz a transmitir informações internas através de Field. A partir deste momento todos os assuntos internos na Suíça eram facultados pelo agente Leo Bauer a Field, enquanto Willi Kreikemeyer cumpria a mesma tarefa em Marselha.»* (Matern, pp. 79-80)

Na história dos partidos comunistas até 1945 não se encontra outro exemplo de camaradas dirigentes que tenham dado livre acesso aos assuntos internos da actividade do partido a uma pessoa que sabiam trabalhar com os serviços secretos imperialistas, autorizando-o a formar uma rede de ligações na organização do partido, cujos fios se encontravam nas suas mãos.

Field, divulgador e propagandista das «ideias de Browder»

No final do capítulo I/3, a propósito da caracterização feita por Kiessling das ideias de Browder como uma concepção oposta ao marxismo-leninismo, observei que o browderismo é o protótipo americano do «revisão moderno» – ou seja, do revisionismo no movimento comunista. E coloquei a questão: como e quem introduziu o browderismo nos partidos comunistas europeus?

Agora pode dar-se finalmente a resposta: também isto foi obra de Noel Field. Este lado desmascara de forma mais evidente o verdadeiro carácter da sua «actividade de assistência». Através dela alcançou os mais funestos efeitos que perduram até ao presente. Sobre isto deixemos também falar a nossa testemunha principal Kiessling. Se o seguirmos, veremos que foi Browder quem transformou Field num comunista: *«É duvidoso que Noel Field se tivesse tornado comunista convicto sem os ideais e a influência ideológica de Earl Russel Browder (1891-1973), e sem se ter encontrado com ele. O incontestado secretário-geral do PC dos EUA desde 1929, 15 anos mais velho que ele, era o seu modelo de pensador teórico e um exemplo de político pragmático. Admirava-o enquanto ensaísta brilhante e brilhante defensor das suas ideias.»* (p. 96)

«No início de 1943, Field recebeu da Embaixada em Berna a mais recente publicação de Browder, o livro Victory and After (A vitória e depois dela). (...) Browder escreveu: “Esta guerra não é ‘a favor ou contra o comunismo’ (...), por isso também não ganhará o comunismo, mas sim o direito de cada nação à autodeterminação, ou seja: a democracia ganhará.” O objectivo dos Aliados é a liberdade nacional dos povos. Daí resulta que tudo tem de se subordinar à tarefa de ganhar a guerra. Por esta razão, Browder declarou que os comunistas americanos adiariam a propaganda do socialismo enquanto durasse a guerra. Um ano mais tarde chegou à conclusão de que mesmo depois da guerra a reivindicação de uma transformação socialista da sociedade americana também não estaria na ordem do dia. O PC dos EUA, o “único partido do socialismo neste país”, tinha de aferir o seu programa com as realidades nacionais. E estas mostravam que a maioria do povo americano não desejava nenhuma mudança radical da sociedade; também se podia dizer “que o povo americano está subjectivamente muito mal preparado para uma mudança profunda na direcção do socialismo; que planos com esse objectivo para depois da guerra não uniriam a nação, mas dividiriam-na ainda mais. Dividiriam e enfraqueceriam exactamente o campo democrático e progressista, enquanto as forças reacçãoárias do país se uniriam e se fortaleceriam.” Browder defendia que “para os Estados Unidos a perspectiva do pós-guerra não é a perspectiva do socialismo, mas sim da reconstrução numa base capitalista.”» (pp. 98-99)

Estas afirmações de Browder sublinham uma vez mais que o Departamento de Justiça dos EUA tinha boas razões para estar seguro de que a libertação de Browder da cadeia correspondia «ao interesse da unidade da frente nacional».

A argumentação de Browder é de resto um exemplo modelar de que, para os revisionistas, o tempo para o socialismo nunca está maduro: num país de fraco desenvolvimento capitalista, a revolução socialista vem «cedo de mais», «porque as condições objectivas para o socialismo ainda não estão maduras»; mas num país capitalista desenvolvido também vem «cedo de mais», «porque a esmagadora maioria está muito mal preparada para o socialismo». (Este aparte é para dar que pensar a todos os que tendem a concordar como aqueles que explicam o desaparecimento da União Soviética, ao fim de 70 anos, alegando que a Rússia em 1917 ainda não estava

suficientemente madura para a revolução socialista e que, por isso, desde o início não tinha nenhuma hipótese de sobrevivência, e esquecem que, em apenas 20 anos, a ordem socialista a transformou na segunda maior potência política e económica da Terra.

Mas voltemos a Field e a Browder, continuando com Kiessling: «*Depois de Noel Field ter recebido o discurso de Earl Browder com os respectivos comentários e explicações na revista teórica New Masses, afirmou, num encontro com Bruno Goldhammer, estar sobretudo impressionado com os aspectos político-económicos que mais tarde constituíram o Plano Marshall, o qual foi recusado liminarmente pela União Soviética para si e para a sua área de influência (...).*

«*É necessário referir os amplos e múltiplos temas do pensamento browderiano para conhecer e compreender melhor Noel Field. Como a maioria dos comunistas americanos (...) Field concordava com eles. Teve uma especial importância o facto de os ter defendido na Europa e ajudado a divulgar também na Suíça entre os emigrantes comunistas de vários países.* [Sublinhado meu, K.G.] *Acordou com a direcção do Partido do Trabalho da Suíça traduzir o discurso de Browder, de 10 de Janeiro de 1944, juntamente com os materiais complementares da New Masses, e apoiar financeiramente a sua publicação. O livro de 68 páginas de E.R. Browder Guerra ou Paz? foi publicado pelo Partido do Trabalho [na verdade por Field e Allan Dulles! K.G.], em Zurique-Wipphingen, 1944, numa edição alemã e francesa.»* (pp. 102-103)

No epílogo, redigido pelo Partido do Trabalho, procura-se esconder a ruptura de Browder com os princípios do movimento comunista, afirmando-se que a orientação dada por Browder não tinha «*nada de fundamentalmente novo*» (p. 103). Mas continuemos com o texto de Kiessling:

«*O texto de Browder foi tão vivamente discutido pelos alemães internados como pelos comunistas da Schauspielhaus [Teatro] de Zurique e pelos que se encontravam na clandestinidade. Também eles se confrontavam agora e num futuro próximo, quando assumissem de novo o seu lugar na Alemanha, com a maioria das questões levantadas por Browder. Hans Teubner, Bruno Goldhammer, Ernst Eichelsdörfer, Fritz Sperling, Walter Fisch, Leo Bauer e outros consideravam especialmente importante que Earl Browder tivesse antecipado novos problemas e proposto soluções, que o legitimavam enquanto marxista inteligente.*» (p. 104) Kiessling afirma – no que tem toda a razão – que as ideias de Browder eram uma «*recusa do partido marxista-leninista de novo tipo*».

Mas dado que esta é também a avaliação do CC do SED, e que a acusação contra Merker, Teubner e outros camaradas consistia exactamente no facto de terem concordado com Browder, da qual se defenderam perante a CCCP, afirmando que nessa época não se tinham apercebido disso, Kiessling depara-se com uma dificuldade: ele quer provar com o seu livro que as acusações contra Field e contra os camaradas seus aliados não tinham nenhum fundamento e que eram simplesmente invenções stalinistas. Mas ele próprio levaria ao absurdo esta sua tese nuclear se louvasse estes camaradas pela sua concordância com a «*recusa do partido marxista-leninista de novo tipo*» de Browder, confirmando assim que as acusações da CCCP não eram inventadas, mas reais. Então lemos o seguinte: estes camaradas «*não compreenderam, dada a distância geográfica, que era uma recusa (...) do partido marxista-leninista de novo tipo*». Mas a continuação do livro testemunha que isso não era de forma nenhuma assim: «*É assinalável mas não surpreendente que Hans Teubner, no seu livro publicado na RDA, em 1975, sobre o exílio comunista na Suíça, não mencione as discussões sobre as concepções de Earl*

Browder ou sequer o nome deste. Até mesmo Karl Hans Bergmann, que enquanto comunista seguramente participou nas conversas sobre Browder ou pelo menos conhecia o elevado prestígio deste na Suíça, silenciou o assunto no seu livro sobre o exílio suíço de 1943 a 1945, publicado na RFA em 1974. O único que se sabe que tinha dúvidas sobre as ideias de Browder era Paul Bertz (...) Quando Bertz, 15 dias depois do processo de Rajk, em Setembro de 1949, teve de explicar a Hermann Matern os seus contactos com Field, apesar de não poder deixar de saber o que Field tinha declarado designadamente sobre a questão de Earl Browder, defendeu-o: “Field teve sempre uma opinião positiva sobre a União Soviética nas conversas políticas. E quando Browder fez o seu famoso discurso (...) Field condenou a teoria de Browder depois de uma curta hesitação.»

Imediatamente a seguir, Kiessling esclarece que isto era mentira:

«Na verdade Field não só tinha organizado a publicação da brochura de Browder, como em várias ocasiões aproveitou para falar dela. No Verão de 1944, a jovem comunista suíça Rosemarie Muggli, que mais tarde se casou com o emigrante alemão Walter Trautzsch e se tornou militante do SED, foi chamada ao apartamento de Field a propósito da sua inscrição num curso social organizado pelo USC. Quando prestou declarações à CCCP do SED, em 1950, recordou essa visita. Depois de ter entregado a carta a Field, em 1944, “perguntaram-me se conhecia o discurso de Browder. Respondi que sabia da sua existência, mas ainda não o tinha lido, ao que Field comentou que era muito interessante e valia realmente a leitura.” Mais tarde, durante o curso em que participaram não só comunistas, “falou-se muito do espírito de Teerão. O nosso grupo discutiu profundamente o discurso de Browder. Ninguém discordou (...) As minhas críticas à política de Browder foram fracas, disse que um partido comunista tem um significado completamente diferente de uma associação comunista e que um PC podia lutar mais eficazmente contra o fascismo do que uma associação. Mas quando o partido suíço assumiu a mesma posição que os camaradas do curso perante o discurso de Browder, aceitei a sua argumentação.» (pp. 104-106)

Kiessling escreve sobre a posição de Teubner (pp. 231-232): *«Libertado de outros trabalhos em Brissago, Teubner fazia análises políticas, escrevia documentos para o movimento Freies Deutschland [Alemanha Livre], que se estava a formar em Zurique, e panfletos para o trabalho clandestino no Sul da Alemanha. Em 1944 zangou-se com Paul Bertz por causa do discurso espectacular do líder o PC dos EUA, Earl Browder (...). Numa carta de 6 de Agosto de 1944, dirigida aos camaradas de Brassecourt, Teubner elogiou a “importância do discurso de Browder”. Contou que tinha encontrado amigos em Locarno (...) que lhe tinham relatado o seguinte: “Helm (nome de código de Bertz) conduz uma campanha torpe contra o discurso de Browder, e afirmou que Browder devia ser expulso da comunidade (dos partidos comunistas). Disse aos amigos que podiam dar-lhe à vontade.” Bertz considerava a posição de Teubner oportunista e reformista e precaveu-se contra a tentativa de se “comprometer com este disparate”.*

Bertz estava completamente isolado nesta posição. Merker, Teubner, Bauer e a maioria dos camaradas alemães na emigração suíça eram partidários de Field e divulgadores das ideias de Browder. Kiessling conta-nos que quando Field visitou Paul Merker no México, em 1945, ambos *«lamentaram que os comunistas dos EUA tivessem sido desviados do caminho nacional definido por Earl Browder.»* (p. 127) Este comentário refere-se à luta dos comunistas americanos, sob a direcção de William Foster, pelo restabelecimento do Partido Comunista dos EUA, em 20 de Maio de 1944, que conduziu ao afastamento de Browder do posto de secretário-geral da *Communist Political*

Association, à sua dissolução no final de Julho de 1945, à reconstituição do PC dos EUA e à reeleição de Foster para seu líder.

Como já vimos, a ideia da «reconstrução da Europa destruída e da União Soviética com ajuda financeira americana», ou seja, o que veio a ser lançado pelos EUA como o Plano Marshall, também fazia parte do «caminho nacional». A sua recusa não foi só duramente condenada pelos amigos alemães de Field e Browder. Em 1956, Leo Bauer publicou um artigo em que recordava que ele e os seus sequazes checos tinham sido partidários desta ideia de Browder e se apresentava como amigo de Tito: «*No Verão de 1948 tive a oportunidade de falar, durante uma estadia em Praga, com alguns daqueles homens que mais tarde (...) encontraram a morte na forca. O próprio Slánsky, Clementis, André Simone e outros descreveram-me os acontecimentos do ano de 1947, quando a Checoslováquia se pronunciou a favor do Plano Marshall e só sobre pressão de Moscovo retirou o acordo já dado (...) O que Slánsky, Clementis e outros me disseram não me era estranho. Uma profunda insatisfação com esta evolução ressoava nas suas palavras. As conversas decorreram depois da ruptura do Kominform com Tito.*» (p. 142)

Isto é uma indicação de que os simpatizantes das ideias de Browder também eram simpatizantes das ideias de Tito, e tal é na verdade compreensível, já que Tito e os revisionistas jugoslavos não inventaram as suas ideias, mas assumiram as de Browder e de Field. Tibor Szönyi – já o conhecemos sob o nome de Dr. Hoffmann no *Charité* de Zurique, a quem Noel Field apresentou Bruno Goldhammer quando este adoeceu – revelou também as ligações de Allan Dulles e de Field com o grupo de Tito.⁴⁷ Cite-se somente o seguinte da sua descrição pormenorizada: «*Os espões jugoslavos eram colaboradores próximos de Allan Dulles (...) Nomeadamente Mischa Lompar, que nessa época dirigia o grupo de emigrantes jugoslavos em Zurique, era na realidade um espião americano e ajudante directo de Dulles. Mais tarde, Mischa Lompar tornou-se cônsul-geral em Zurique, portanto diplomata profissional (...) Sob a influência política de Mischa Lompar, na qual a teoria do antigo líder do partido comunista americano desempenhava um papel importante, ideias deste foram publicadas e divulgadas em grandes edições, em língua alemã e francesa, por ordem dos órgãos secretos americanos.*» Trata-se da brochura editada pelo Partido do Trabalho, de que já falámos, com a qual Field preparou o caminho do browderismo na Europa.

Coloquemos mais uma vez, uma ao lado da outra, as afirmações nucleares de Kiessling, em que realça o que considerou ser mérito especial de Field, as quais no entanto, mais que tudo o resto, refutam os seus esforços obstinados para o apresentar como comunista convicto e fiel amigo da União Soviética: «*Foi de grande importância que ele [Field] as defendesse [as ideias de Browder] na Europa e ajudasse a divulgá-las também entre os emigrantes comunistas de vários países residentes na Suíça.*» (p. 103) E: «*Ainda antes de a política soviética do pós-guerra ser aplicada na sua zona de influência europeia, existia uma contra-proposta comunista (?! K.G) no programa de Browder. E Noel Field era quem a tinha divulgado.*» (p. 104)

Se se considerar a avaliação do «browderismo» feita por excelentes líderes do movimento comunista, como William Foster e Jacques Duclos, assim como aquilo que o próprio Kiessling nos apresentou como o conteúdo fundamental das ideias de Browder, então um comunista não pode chegar a outra conclusão que não seja esta: a contribuição de Noel Field, tão louvada por Kiessling, confirma a opinião dos que viram nele um

⁴⁷ *Lazlo Rajk und Komplizen...*, p. 181 e segs.

homem de confiança de Allan Dulles, especialmente capaz e por isso especialmente perigoso, e que conseqüentemente consideraram ser necessário tomar as correspondentes medidas defensivas nos recém-criados estados antifascistas, democráticos e socialistas e nos respectivos partidos comunistas e operários.

O «mérito» de Field de ter implantado o «browderismo», essa forma original do «revisonismo moderno» no movimento comunista, teve, pelas suas conseqüências, uma alcance tão grande que Noel Field, depois de Browder e em conjunto com Tito, Khruchov e Gorbachov, merece um «lugar de honra» na galeria das cabeças mais eméritas dos dirigentes da quinta coluna no campo comunista, dirigida pelos serviços secretos imperialistas. Aliás, muito antes de Kiessling iniciar a sua obra, foi publicado nos EUA, em 1972, um livro sobre o OSS que não deixa dúvidas sobre o papel de Field como colaborador de Allan Dulles. O título do livro é simplesmente OSS. Foi publicado pela editora University of California Press, Berkeley, Los Angeles. O seu autor, R. Harris Smith, relata os esforços de Field para conseguir uma relação de trabalho formal entre o OSS e o «Comité Alemanha Livre para o Ocidente»: «*A frente (organização da CALPO⁴⁸) era dominada pelos comunistas alemães (...) Field propôs que o OSS estabelecesse uma relação de trabalho formal com a CALPO em França (...) Dulles, que conhecia as dificuldades que o OSS tinha experimentado em Londres nas suas operações alemãs, acreditava que esta ideia tinha alguma utilidade.*» Por isso enviou Field ao quartel-general do OSS em Paris. Mas aí este projecto encontrou grandes reservas. «*A aliança proposta com os comunistas alemães foi recusada.*»

As conseqüências desta infiltração do browderismo no movimento comunista europeu sublinham a justeza e a necessidade do aviso de Dimítrov com que iniciámos o capítulo IV. O último capítulo será dedicado a observações sobre estas conseqüências.

⁴⁸ O *Nationalkomitee Freies Deutschland (NKFD)* (Comité Nacional Alemanha Livre) era uma associação de prisioneiros de guerra alemães (soldados e oficiais) e emigrantes comunistas na União Soviética. Noutros países, emigrantes fundaram o *Bewegung Freies Deutschland* (Movimento Alemanha Livre no Ocidente) para lutar contra o nazismo. O *CALPO – Comité «Allemagne libre» pour l'Ouest*, foi fundado em França e era responsável também pela Bélgica e Luxemburgo. A resistência francesa aceitou oficialmente o *CALPO* como sua parte integrante. Na *Wehrmacht* existiam os chamados *Wehrmachtsgruppen* clandestinos. As suas actividades abrangiam a recolha de informações, a ligação à Resistência, a distribuição de material de propaganda, sabotagem e fornecimento de armas. Existiam comités locais em mais de 25 cidades. Até Outubro de 1944 existiam comités em quase todas as regiões.

IV. Sobre a contribuição do revisionismo para a derrota do socialismo na Europa

1. O revisionismo tem alguma coisa que ver com a derrota do socialismo?

O revisionismo começou a ser combatido logo por Marx e Engels, Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht enquanto ideologia burguesa destinada a obstruir o socialismo. Os partidos comunistas e operários, nas suas conferências internacionais, caracterizaram o revisionismo como uma agência da burguesia de liquidação do socialismo. Mesmo nas declarações das conferências de 1957 e 1960, que representam uma mistura de afirmações marxistas-leninistas e revisionistas – produto do compromisso na luta exasperada dos marxistas-leninistas, liderados pelos representantes do PC Chinês, contra os revisionistas representados por Khruchov – constata-se: *«A conferência sublinha a necessidade de superar decididamente o revisionismo e o dogmatismo nas fileiras dos partidos comunistas e operários. (...) Condenando o dogmatismo, os partidos comunistas consideram, nas condições actuais, o revisionismo como o perigo principal, por outras palavras, consideram o oportunismo de direita como uma manifestação da ideologia burguesa, que paralisa a energia revolucionária da classe operária e reclama a manutenção ou restauração do capitalismo.»*

Para atenuar a concentração do fogo sobre o revisionismo enquanto perigo principal, os revisionistas – o trio Khruchov, Gomulka e Kadar, os seus principais representantes – impuseram o seguinte aditamento: *«No entanto, o dogmatismo e o sectarismo podem representar igualmente o principal perigo, em determinadas etapas do desenvolvimento de um partido. Cada partido comunista define qual deles é para si o perigo principal em cada dado momento».*

Por outro lado, os marxistas-leninistas conseguiram introduzir no documento um catálogo das características principais e objectivos do revisionismo moderno: *«O revisionismo moderno procura denegrir a grande doutrina do marxismo-leninismo, declara-a “obsoleta”, tendo alegadamente perdido importância no presente para o desenvolvimento da sociedade. Os revisionistas pretendem extirpar o espírito revolucionário do marxismo, abalar a confiança da classe operária e do povo trabalhador no socialismo. Manifestam-se contra a necessidade histórica da revolução proletária e da ditadura do proletariado, durante a transição do capitalismo para o socialismo, negam o papel dirigente dos partidos marxistas-leninistas, negam os princípios do internacionalismo proletário, exigem a renúncia aos princípios leninistas fundamentais da construção do partido e, acima de tudo, ao centralismo democrático, exigem que o partido comunista deixe de ser uma organização revolucionária combativa e se transforme num género de clube de discussão.»*⁴⁹

Porém não foi possível tirar os representantes do revisionismo do anonimato e indicar o seu nome e endereço no documento. Não admira! O nome «Tito» e o nome «Khruchov» teriam logo de aparecer. A declaração da conferência dos partidos

⁴⁹ Declaração da Conferência de representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas (Moscou, de 14 a 16 de Novembro de 1957) – Deliberação do 34.º Plenário do CC do SED sobre as conclusões das reuniões dos partidos comunistas e operários comemorativas do 40.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, Berlim, 1957, pp. 15-17. [Citações cotejadas com a versão em russo, segundo a edição *Dokumenti Sovechanií Predstavitelei Komunisticheskikh e Rabotchikh Partii*, Moscovo, 1957, pp. 5-22. (N. Ed.)]

comunistas e operários de Novembro de 1960 possui o mesmo carácter ambíguo de compromisso da de 1957. Por um lado, o perigo do revisionismo é minimizado ao afirmar-se em completa contradição com a realidade: *«Os partidos comunistas derrotaram ideologicamente os revisionistas nas suas fileiras, que procuravam desviá-los do rumo marxista-leninista. Na luta contra o revisionismo e o oportunismo de direita, registou-se um reforço contínuo de cada partido comunista e de todo o movimento comunista internacional.*

Por outro lado, porém, seguiu-se algo que Khruchov tinha sido capaz de impedir em 1957: uma rigorosa caracterização e condenação do revisionismo do partido de Tito (com o que, todavia, – como foi o único referido – todos os outros, e principalmente o revisionista mais perigoso, Khruchov, foram considerados marxistas-leninistas irrepreensíveis): *«Os partidos comunistas condenaram unanimemente a variante jugoslava do oportunismo internacional, que representa uma expressão concentrada das “teorias” dos revisionistas modernos. Traíndo o marxismo-leninismo, declarando-o obsoleto, os dirigentes da Liga dos Comunistas Jugoslavos opuseram o seu programa revisionista antileninista à Declaração de 1957, opuseram a Liga dos Comunistas Jugoslavos a todo o movimento comunista internacional, apartaram o seu país do campo socialista, colocaram-no sob a dependência da chamada “ajuda” dos americanos e de outros imperialistas e assim puseram em risco as conquistas revolucionárias alcançadas pela luta heróica do povo jugoslavo. Os revisionistas jugoslavos fazem um trabalho subversivo contra o campo socialista e o movimento comunista internacional. Sob o pretexto da política não-alinhada, desenvolvem uma actividade prejudicial à causa da unidade de todas as forças e Estados amantes da paz. O desmascaramento contínuo dos dirigentes dos revisionistas jugoslavos e a luta enérgica para defender o movimento comunista, bem como o movimento operário, das ideias antileninistas dos revisionistas jugoslavos mantêm-se como uma tarefa indispensável dos partidos marxistas-leninistas (...) Os interesses do movimento comunista e operário exigem também no futuro, como se afirma na Declaração de Moscovo de 1957, um combate resolutivo em duas frentes: contra o revisionismo, que se mantém como o perigo principal, e contra o dogmatismo e o sectarismo.*

Deturpando o marxismo-leninismo e extirpando-o do seu espírito revolucionário, o revisionismo, o oportunismo de direita, reflecte a ideologia burguesa na teoria e na prática, paralisa a vontade revolucionária da classe operária, desarma e desmobiliza os operários, as massas trabalhadoras na luta contra o jugo do imperialismo e dos exploradores, na luta pela paz, pela democracia, pela libertação nacional e pelo triunfo do socialismo.»⁵⁰

Apesar de esta caracterização ser correctíssima, o busílis estava em que todos os outros partidos dirigidos por revisionistas e os seus líderes – Khruchov à cabeça – não tinham sido referidos, e assim puderam recuperar o então justamente condenado partido de Tito e o seu líder – como acontecera em 1955 – o «caro camarada Tito!», virando-se depois contra os acusadores, o que aconteceria pouco depois.

Todavia, citei em pormenor estas passagens por duas razões:

⁵⁰ Declaração da reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários, Novembro 1960 – Comunicação de Walter Ulbricht e deliberação do 11.º Plenário do CC do SED, Berlim, 2ª ed., 1961, pp. 60-62. [Citações cotejadas com a versão em russo, segundo a edição *Dokumenti Sovechanií Predstavitelei Komunisticheskikh e Rabotchikh Partii*, Moscovo, 1960. (N. Ed.)]

1. Expressam claramente o ensinamento marxista de que uma política revisionista conduz à derrota do socialismo e à restauração do capitalismo.

2. Enumeram as características da política revisionista: a *declaração da caducidade do marxismo-leninismo*; a *supressão do espírito revolucionário do marxismo*; o *abalo da convicção dos trabalhadores na justeza do socialismo*; a *negação da necessidade da revolução proletária*; a *negação da ditadura do proletariado*; a *renúncia aos princípios do internacionalismo proletário*; a *abdicação dos princípios leninistas fundamentais da construção do partido, nomeadamente do centralismo democrático*; a *transformação do partido comunista, organização revolucionária de luta, num género de clube de discussão*. E não deixam dúvidas de que a política de Tito, Khruchov, Gomulka e Kadar era revisionista, isto é, conduziria necessariamente à liquidação do socialismo, caso não fosse combatida. Contudo, como isso não aconteceu, esta política, prosseguida e completada por Gorbachov, conduziu à completa liquidação do socialismo na União Soviética e nos estados socialistas europeus.

Nestas declarações encontra-se a resposta à questão das causas da derrota do socialismo no final do século XX, o qual esperámos e desejámos que se tornasse o século do triunfo definitivo do socialismo, o século da libertação definitiva da maioria da humanidade do domínio do capital.

A resposta é: tal aconteceu porque o revisionismo – apesar dos avisos feitos nas conferências dos partidos comunistas de que constituía a principal ameaça à existência do socialismo – venceu o marxismo-leninismo no partido dirigente do campo socialista, o PCUS, e assim o imperialismo pôde vencer o socialismo na União Soviética e na Europa. Sendo tão evidente a constatação de que o socialismo só pode ser construído com êxito no caminho do socialismo científico, também devia ser evidente para cada marxista que qualquer desvio deste caminho arruina o socialismo – mas não é.

E infelizmente entre os que contestam esta afirmação e procuram negá-la, estão comunistas tão experientes e conhecedores como o camarada Fred Müller, antifascista, combatente em Espanha e professor universitário de marxismo-leninismo, falecido no ano passado. Em vários artigos e em dois cadernos especiais da [revista] *Offensiv*, explanou teses – a par de muitas outras com as quais só posso sinceramente concordar – de que discordei e discuti com ele ainda em vida, discussão entre camaradas que gostaria de ter continuado. A sua morte impediu-o. Mas estas suas teses têm de ser contestadas porque, primeiro, na minha opinião, não contribuem para o esclarecimento mas para a confusão e, segundo, porque o seu autor é Fred Müller, e exactamente por isso têm de ser levadas a sério.

O seu teor é resumidamente o seguinte: a derrota do socialismo não é consequência de uma política errada, mas sim do facto de o socialismo, devido à ausência da revolução mundial, ter sido sempre mais fraco do que o imperialismo, fraqueza que se acentuou depois da vitória da União Soviética na II Guerra Mundial. Por isso a sua derrota era inevitável, já que é apenas a correlação de forças que decide as vitórias e as derrotas e não a superioridade do sistema social. Em Fred Müller isto soa assim: «*Sobre a questão central “quem vencerá quem”, Lénine nunca escondeu que seria o mais forte a decidir a seu favor. (...) Se uma sociedade socialista não tiver poderio económico para garantir a necessária independência política e económica no confronto de forças internacional, está exposta ao declínio e por fim à derrota. Desde o primeiro dia da Revolução de Outubro, que o braço-de-ferro se manteve implacavelmente na ordem do dia entre ambos os sistemas antagónicos, e não se resolveu a favor de quem possuía o nível*

historicamente superior de desenvolvimento social, mas sim a favor de quem possuía o poder necessário para a manutenção da sua ordem!»⁵¹

Fred Müller interpretou muito mal Lénine nestas afirmações. Lénine nunca disse em lado nenhum que na disputa «quem vencerá quem», o mais forte teria forçosamente que ganhar. Se assim fosse, não valia a pena sequer iniciar a luta. Com efeito, cada nova ordem social, que resulta da antiga, é durante longo tempo a parte mais fraca. O que Lénine disse foi que a disputa «quem vencerá quem» é em última instância decidida pela maior produtividade do trabalho.

Müller não levou em consideração e não referiu que a União Soviética, nos primeiros três decénios da sua existência, recuperou uma grande parte do atraso russo graças à elevada produtividade da economia socialista planificada e, transcorridas duas décadas apenas, no início da II Guerra Mundial, encontrava-se em segundo lugar na lista das potências industriais, atrás dos EUA, em condições de destruir, após a agressão nazi, a maior e mais poderosa máquina de guerra imperialista até então conhecida – o fascismo alemão.

Na verdade, Fred Müller assinala que nos anos 50 se iniciou – segundo a sua expressão – um declínio «imparável» (p. 28). Mas não refere que, em vez de uma política económica e social orientada [pelos princípios] do socialismo científico, depois do XX Congresso do PCUS, na União Soviética foi seguida uma política que apresentou, cada vez mais claramente, as características do revisionismo moderno, referidas pela conferência de 1957. É de acentuar que, na perspectiva histórica de Müller, não há lugar no movimento comunista à luta renhida contra o revisionismo.

É de resto inútil procurar nas suas teses o conceito de revisionismo moderno. Em vez disso encontramos o seguinte: «*Alguns procuram as razões da degeneração do sistema principalmente na infiltração da influência ideológica desagregadora do inimigo de classe, e também na incapacidade política e profissional, nos erros e falhanços dos funcionários responsáveis, que até se terão revestido de um carácter criminoso (...) A União Soviética, que durou quase um século, provou que não foram erros e falhanços que ameaçaram a sua existência, mas sim a perda das bases materiais, principalmente económicas, para a manutenção do sistema.*» (p. 17)

Fred Müller contesta aqui umas das mais inquestionáveis lições do marxismo: como o socialismo é uma ciência, também a construção da ordem socialista só pode ter êxito se for científica, ou seja, a vitória ou a derrota dependem não só das condições objectivas, mas também, naturalmente, da política do partido dirigente, da sua correspondência com as condições sociais, e do seu conhecimento e tomada em consideração das leis económicas.

Mas nada disto se encontra em Fred Müller e por isso também nem sequer se questiona como foi possível, de repente, «o sistema degenerar» na União Soviética e perderem-se «as bases materiais, principalmente económicas, para a manutenção do sistema». Afirma peremptório que as causas de tudo isto não se encontram «na acção subjectiva», mas no facto de que «*as consequências da guerra, que a União Soviética conduziu e ganhou contra o fascismo, significaram não só a libertação dos povos da URSS e de muitos outros povos no mundo, mas também conduziram ao seu próprio declínio e tornaram a derrota inevitável!*» (p. 28) Se esta explicação do declínio da União Soviética e dos países socialistas europeus estivesse correcta, então só um milagre

⁵¹ Prof. Dr. Fred Müller, *Problemas do Socialismo. Contribuições para a História do Socialismo*, Caderno II, *Offensiv* n.º 9/2000, pp. 14-16.

poderia explicar a resistência de Cuba socialista ao super-poderoso imperialismo americano, 12 anos depois de ter perdido o seu mais forte apoio económico, político e militar. Mas por que não viu ele isto e preferiu uma explicação que inocenta Gorbachov da acusação de ter contribuído activamente para o declínio da União Soviética, atribuindo-lhe a categoria de executor da sentença da História?

De novo Fred Müller: «*O alargamento dos países da comunidade socialista terá significado uma efectiva melhoria sensível? Não, pelo contrário. Significou, juntamente com as outras obrigações internacionais, um pesado encargo adicional para a União Soviética.*» (p. 31). Finalmente ainda este argumento de Fred Müller: «*A vitória definitiva do socialismo só está assegurada através da revolução mundial vitoriosa. A inexistência desta condição prévia é a principal razão que permitiu condições tão favoráveis ao desenvolvimento da supremacia do imperialismo e levou a que o declínio e a derrota do socialismo real não pudessem ser evitados.*» (p. 17)

Espanta que Fred Müller, por um lado, lamente que «a revolução mundial vitoriosa» não tivesse acontecido, vendo aí a causa da inevitabilidade do declínio e da derrota na disputa «quem vencerá quem»; e, por outro lado, declare também como causa da inevitabilidade da derrota acontecimentos que, na realidade, foram elos dessa revolução mundial, que se desenvolveu em etapas, nomeadamente o alargamento da área de poder do socialismo através «dos países da comunidade socialista», devido ao «pesado encargo adicional para a União Soviética», o qual possibilitou «o grande e muito rápido crescimento económico» do imperialismo. (p. 29)

Fred Müller não viu que, longe de um reforço, significavam um enfraquecimento do imperialismo:

– a redução para metade da sua área de poder e de exploração na Europa, a perda da China, o maior país do planeta a seguir à União Soviética e o mais populoso, da Coreia do Norte e do Vietname; a derrota militar na Coreia e no Vietname, o fim do seu monopólio das armas nucleares e a instauração do socialismo em todos os continentes, excepto na Austrália;

– a limitação que daqui resultou para a ambição desmesurada do imperialismo em extorquir super-lucros a todos os países e povos, na medida em que o campo socialista apoiou a sua luta pela independência e a resistência às tentativas de extorsão imperialistas!

Mas Fred Müller vê um reforço do imperialismo na diminuição da sua área de influência e um enfraquecimento do socialismo no alargamento da sua área de poder de um sexto para um terço do globo!

Além disso, na sua procura das causas da derrota, lamento que não tenha sequer colocado a questão da cisão do campo socialista, na sequência da confrontação hostil da União Soviética com a China Popular, como factor que contribuiu para o enfraquecimento do socialismo. E pergunto-me se teria também explicado esta cisão unicamente como consequência dos dados objectivos, independentemente da política.

Mas como vimos, Fred Müller não conseguiu demonstrar o seu postulado pelo qual pretende explicar a derrota enquanto resultado exclusivo dos dados objectivos. Por um lado afirma que não foram erros dos políticos soviéticos que provocaram a derrota, mas sim a ausência da revolução mundial. Mas porque é que esta não ocorreu? Seria consequente se tivesse também apresentado dados objectivos para tal ausência. Mas qual é na realidade a sua explicação para a inexistência da revolução mundial? Numa réplica

às minhas objecções⁵² a alguns pontos da sua explicação, escreveu: «*A traição da social-democracia foi decisiva para que Outubro Vermelho não se convertesse na vitória da Revolução Mundial.*»⁵³

Mas se a traição da social-democracia pôde impedir a revolução mundial, por que razão então «a traição do revisionismo» não podia impedir a vitória do socialismo?

Não nos deixemos, portanto, desviar da análise aprofundada da contribuição do revisionismo para a derrota do socialismo.

2. Sobre o problema das causas objectivas e subjectivas da derrota do socialismo

A existência também no movimento comunista de tendências, e até mesmo correntes, oportunistas e revisionistas não é difícil de demonstrar. Mas o facto de o revisionismo ter podido sobrepor-se no partido-mãe do marxismo-leninismo, o PCUS, constitui um verdadeiro problema.

Porém, este acontecimento não é único na história do movimento operário. Algo idêntico já aconteceu também no partido-mãe do marxismo, o Partido Social-Democrata da Alemanha, acompanhado a par e passo desde a sua fundação por Marx e Engels.

Poderia parecer que isto facilitaria a resposta à questão de como é que pôde acontecer – acontecimentos idênticos têm em regra causas semelhantes. E a resposta à questão das causas originárias e também das causas para a vitória do revisionismo nos partidos da II Internacional foi dada embrionariamente por Marx e Engels e, depois deles, por Lênine de forma fundamental e universalmente válida.

Friedrich Engels referiu-se logo em 1858, numa carta a Marx, à relação entre a exploração do mundo pela burguesia inglesa e o aburguesamento da classe operária inglesa ao escrever: «(...) *O proletariado inglês está cada vez mais aburguesado de modo que a mais burguesa de todas as nações aparentemente quer levar as coisas a pontos de possuir uma aristocracia burguesa e um proletariado burguês ao lado da burguesia. Para uma nação que explora o mundo inteiro isto é de certo modo legítimo.*»⁵⁴

Lênine analisou a concatenação entre imperialismo e oportunismo principalmente na sua obra *Imperialismo Fase Superior do Capitalismo* e em inúmeros outros trabalhos – refiramos aqui apenas os textos «O Oportunismo e a Falência da II Internacional», escrito em Janeiro de 1916, e «Imperialismo e a Cisão do Socialismo», escrito em Dezembro de 1916. Na sua obra principal sobre o imperialismo escreveu: «*O imperialismo, que significa a partilha do mundo e a exploração não apenas da China, e implica lucros monopolistas elevados para um punhado de países muito ricos, gera a possibilidade económica de subornar as camadas superiores do proletariado, e alimenta assim o oportunismo. (...) O imperialismo tem tendência para formar categorias privilegiadas também entre os operários, e para as divorciar das grandes*

⁵² Kurt Gossweiler, *Bemerkungen zu Fred Müllers «Wurdigung und Abschluss der Debatte»* in *Offensiv* 1/99, (Observações ao [texto] de Fred Müller «Apreciação e Conclusão do Debate», *Offensiv* 4/99), pp. 39-50.

⁵³ Prof. Dr. Fred Müller, *Kurt Gossweilers Bemerkungen zu «Wurdigung und Abschluss der Debatte»* in *Offensiv* 4/99 (Observações de Kurt Gossweiler à «Apreciação e Conclusão do Debate», in *Offensiv* 4/99), *Offensiv* 6/99, p. 52.

⁵⁴ MEW, *Brief v. 7. Oktober 1858* (Carta de 7 de Outubro de 1858), tomo 29, Berlim, 1967, p. 358.

massas.»⁵⁵ O nascimento e o vicejar do revisionismo nos partidos da II Internacional relacionam-se, portanto, originalmente com as mudanças na economia, a transição do capitalismo da livre concorrência para o capitalismo monopolista, o imperialismo.

Que há de mais evidente do que procurar igualmente nas alterações económicas as causas do aparecimento e da vitória do revisionismo nos partidos comunistas, e considerar não-marxistas, idealistas e personalistas as interpretações que procuram as causas não só aí, mas também na política?...

Rolf Vellay, logo em 1989, viu e escreveu: «*Mikhail Gorbachov, secretário-geral – é a contra-revolução na direcção no PCUS! Mikhail Gorbachov, presidente da URSS – é o fim do socialismo na União Soviética!*». No entanto, numa carta que me dirigiu, em 18 de Maio de 1998, objectou às minhas razões para a vitória do revisionismo na União Soviética: «*Por muito interessante que seja a linha que desenhaste dos debates ideológicos no PCUS e no movimento comunista internacional, (...) ela ainda não me responde de forma completamente satisfatória à pergunta “como foi possível chegar a isto”. Penso que em última instância as mudanças políticas fundamentais têm as suas causas na economia. Os reformistas acabaram por poder dominar a antes revolucionária social-democracia alemã porque o imperialismo, com a ajuda da legislação social de Bismarck e a acção “social” de empresários, como por exemplo Krupp, Bosch, Abbe, criou as condições materiais para a divulgação da ilusão do “caminho pacífico”, de “um socialismo de prosperidade”. Sem esta sensível melhoria da situação social para uma parte dos operários, e para o estrato em formação de funcionários do movimento operário no capitalismo, aliada à esperança de com o tempo a situação poder melhorar ainda mais para uma grande parte do proletariado – Bernstein e consortes não encontrariam apoio para o seu reformismo. Inversamente, penso que os revisionistas do PCUS, e por fim dos partidos dos outros países socialistas europeus, obtiveram a supremacia não porque os camaradas revolucionários fiéis aos princípios tenham cometido erros – por exemplo, como referes no final do teu artigo,⁵⁶ “não discutirem abertamente as contradições perante as massas populares” – mas sim porque os resultados insatisfatórios da economia socialista ofereceram ao revisionismo a plataforma que lhes permitiu alcançar por fim a supremacia nos grémios decisivos do partido.»*

Rolf tinha naturalmente razão ao constatar que as causas de todas as mudanças políticas de cariz fundamental radicam, em última instância, na economia. Mas precisamente – em última instância! E por vezes através de uma longa corrente de elos de mediação na área não económica! Sem investigação e conhecimento destes elos de mediação, concluir directamente pela economia enquanto causa, conduz forçosamente a erros de avaliação, como acontece também a Rolf neste caso. Deduções por analogia entre o «velho» revisionismo nos partidos da II Internacional e o revisionismo «moderno» dos partidos da Internacional Comunista, a terceira, podem até conduzir a conclusões falsas, quando não se levam em conta as diferenças agravantes que existem entre os dois, apesar de todas as convergências.

⁵⁵ V.I. Lênine, *Obras*, Tomo 22, Berlim, 1960, p. 286, 288. [Citação conforme tradução das Edições Avante!, V.I. Lênine, *Obras Escolhidas*, em seis tomos, t. 2, Lisboa, 1984, pp. 282 e 284 (N. Ed.)]

⁵⁶ Kurt Gossweiler, *Thesen zur Rolle des modernen Revisionismus bei der Niederlage des Sozialismus* (Teses sobre o papel do revisionismo moderno na derrota do socialismo), *Wider den Revisionismus* (Contra o Revisionismo), Munique, 1997, p. 335 e segs. [Ver <http://www.hist-socialismo.com/docs/Tesessobreorevisionismo.pdf> (N. Ed.)]

3. Convergências e divergências entre o «velho» e o «moderno» revisionismo

Ponto comum entre o velho revisionismo e o novo, «moderno», é que ambos, respectivamente, no interior do movimento operário marxista revolucionário e no movimento operário marxista-leninista procuraram superar o anticapitalismo e anti-imperialismo revolucionário e substituí-lo pela ideologia e prática do reformismo, da cooperação de classes, tendo-se ambos tornado rapidamente em agências da burguesia, em instrumentos da contra-revolução burguesa.

Uma razão para isso é que a burguesia não perde de vista as organizações políticas, muito especialmente os partidos comunistas, e combate as que lhe parecem especialmente perigosas não só com repressão mas também com diversão. Os seus organismos responsáveis acompanham com enorme atenção os debates internos nos partidos comunistas, e qualquer oposição interna emana uma força de atracção mágica para os colaboradores desses organismos. Procuram estabelecer contactos com estes opositores de todas as formas possíveis e imaginárias, não só para os influenciar a partir do exterior, mas melhor ainda do interior, e finalmente conduzi-los na direcção desejada.

Mas a tarefa dos velhos revisionistas dos partidos socialistas e sociais-democratas e a tarefa do revisionismo moderno nos partidos comunistas e operários no governo, tiveram, apesar dos aspectos comuns, objectivos diametralmente opostos:

O **velho revisionismo** tinha como objectivo impedir o derrube revolucionário da ordem existente, do capitalismo, ou seja, manter a ordem existente um pouco reformada.

O **revisionismo moderno** tinha e tem como objectivo eliminar a ordem existente, o socialismo, através da «liberalização» e do regresso, pouco a pouco, às condições capitalistas.

O «velho» e o «moderno» revisionismo também surgiram de forma diferente. Na verdade cresceram ambos no seio do imperialismo, mas de forma e sob condições muito diferentes.

O velho revisionismo apareceu, como já se referiu, enquanto corrente ideológica e política nas camadas superiores da classe operária privilegiadas pelo imperialismo, que fizeram a sua paz com a ordem capitalista existente. Esta corrente, os seus ideólogos e líderes na direcção da social-democracia, teve o apoio firme dos representantes mais inteligentes da burguesia imperialista. Onde os líderes revisionistas alcançaram o controlo dos partidos, transformaram-nos em algo que Kurt Tucholsky definiu certeiraamente com a imagem do rabanete: vermelho por fora, branco por dentro. A I Guerra Mundial mostrou que estes partidos se tinham tornado em partidos operários burgueses, e assim apoiantes da ordem imperialista, agências do imperialismo na classe operária.

O revisionismo moderno surgiu de outra forma.

Não incluo no revisionismo moderno as correntes oportunistas de direita e de esquerda que existiram na história do movimento comunista, e principalmente no PCUS, antes da II Guerra Mundial, mas apenas entre os seus precursores. Isto porque nunca conseguiram formular um contra-programa geral, como o de Browder, com os seus princípios essenciais, depois desenvolvidos pelos revisionistas jugoslavos sob a direcção de Tito, no programa da Liga dos Comunistas Jugoslavos, cujo núcleo central foi referido na declaração da conferência internacional em Moscovo, em Novembro de 1957, e sistematizado, codificado e adoptado, em 1958, no Congresso de Liubliana do partido de Tito, enquanto programa alternativo ao programa do PCUS ainda baseado no marxismo-leninismo.

A particularidade da origem do revisionismo moderno consiste simplesmente no facto de os seus primeiros passos terem tido a bênção expectante do imperialismo americano: recordemos a justificação da Casa Branca para libertar Browder – a libertação era «no interesse da unidade da frente nacional» – e no facto de ser um homem de confiança de Allan Dulles e Noel Field, tendo este último tratado de divulgar as teses de Browder entre os membros dos partidos comunistas europeus, especialmente entre os emigrantes comunistas alemães, checos, polacos e húngaros.

Se os órgãos de Estado americanos não foram os parceiros da forma original do revisionismo moderno, o «browderismo», foram pelo menos os seus padrinhos e ajudantes. E não se ficaram por aqui. Este empenhamento dos serviços secretos imperialistas no crescimento e triunfo do revisionismo moderno tornou-se mais intenso principalmente depois da formação dos estados democrático-antifascistas e socialistas no Leste da Europa.

As teses de Browder a propósito da «Frente Unitária Nacional» eram, por um lado, o produto da enorme pressão do capitalismo americano e do seu Estado sobre o movimento comunista (ameaça de interdição!), e sobre o próprio (condenação a quatro anos de prisão), por outro, [o produto] da aliança invulgar, antes considerada impossível, dos EUA, a potência imperialista dirigente, com a há muito proscrita e declarada reino do mal União Soviética socialista na coligação anti-hitleriana, e por último [o produto] dos esforços dos serviços secretos americanos para romper a ligação do Partido Comunista dos EUA com a União Soviética e o *Komintern*, e transformá-lo numa organização reformista defensora do sistema.

Depois da sua libertação, a acção do secretário-geral do PC dos EUA estava inteiramente na linha dos desejos dos dominadores: dissolução do PC e a sua transformação numa associação, separação não só orgânica, mas também política e ideológica do *Komintern* e do PCUS, substituição dos objectivos socialistas pela constituição de uma frente nacional interclassista duradoura, com a justificação de que esta era a contribuição dos comunistas dos EUA para a continuação do trabalho de cooperação entre os EUA e a URSS depois da guerra, e com ela para a consolidação da paz.

Quando Browder conseguiu ganhar inicialmente a maioria dos membros do partido para a sua «via nacional» e para a transformação do partido numa «associação política», os especialistas americanos na luta contra o comunismo rapidamente compreenderam que, se conseguissem internacionalizar e implantar o «browderismo» em todos os partidos comunistas, especialmente no Leste da Europa onde previsivelmente se tornariam partidos de governo, tal poderia tornar-se, juntamente com o trotskismo, numa arma eficiente para o enfraquecimento e desagregação do movimento comunista a partir de dentro. No exemplo da actividade de Noel e Hermann Field, vimos quais foram as consequências práticas desta orientação.

Passados dois anos, ou seja em 1946, Field e Dulles podiam estar muitíssimo satisfeitos com os resultados dos esforços na germinação do revisionismo moderno noutros partidos comunistas.

O Partido Comunista da Jugoslávia,⁵⁷ entretanto no poder, era dirigido exclusivamente por defensores do revisionismo moderno.⁵⁸ Sob a direcção do trio

⁵⁷ O Partido Comunista da Jugoslávia adoptou o nome de Liga dos Comunistas Jugoslavos em 1952. (N. Ed.)

dirigente Tito, Kardelj e Rankovic, em coordenação com os serviços secretos americanos e britânicos, a Jugoslávia foi transformada num centro hostil à União Soviética, enquanto o PCJ assumiu simultaneamente o papel de cavalo de Tróia do imperialismo na fortaleza dos partidos comunistas e de centro dirigente do revisionismo moderno em relação aos pontos de apoio noutros partidos comunistas.

Alguns quadros com posições nacionalistas, anti-soviéticas, pró-ocidentais, ou seja defensores das posições de Browder e de Tito, alcançaram posições-chave ainda durante a luta dos partidos comunistas contra os ocupantes fascistas na Europa de Leste.

No Partido Operário Polaco, Wladyslaw Gomulka, em quem Tito depositava grandes esperanças de que conseguiria transformar o POP à imagem do PCJ, era primeiro secretário desde 1943.⁵⁹

No Partido Comunista da Hungria, Laszlo Rajk⁶⁰ – membro do partido comunista desde o início dos anos 30, preso em 1931 pela polícia de Horthy, libertado depois de ter assinado uma declaração de cooperação com a polícia, enviado em 1937 pela polícia para o Batalhão Rákosi em Espanha, aí expulso do partido em Junho de 1938, internado em França no campo Vernet em 1939, aderiu aí a um grupo de trotskistas jugoslavos e foi também visitado por Noel Field, transferido para trabalhar na Alemanha em 1941, regressou em Agosto de 1941 a Budapeste – conseguiu no início, dado que os camaradas não conheciam todo o seu percurso, ser secretário da organização do partido em Budapeste, e depois do derrube do regime fascista de Szálasi e da constituição do primeiro governo dirigido por comunistas da República húngara, em Fevereiro de 1946, chegou a ser ministro do Interior no executivo dirigido por Imre Nagy, também este, como se iria constatar dez anos mais tarde, partidário de Tito.⁶¹

No Partido Comunista da Bulgária, Traítcho Kostov tornou-se primeiro secretário do CC, em Março de 1945, substituindo Dimítrov até este regressar de Moscovo no final de 1945. Kostov colaborava com os serviços secretos jugoslavos e britânicos.⁶²

No Partido Comunista da Checoslováquia, Rudolf Slánsky, militante desde 1921 e quadro dirigente do partido já desde o final dos anos 20, ocupava o cargo de secretário-geral. Utilizou o seu poder para colocar em posições-chave no Estado e no aparelho produtivo pessoas que sabia possuírem uma orientação inimiga, anticomunista e anti-soviética, pró-ocidental e pró-titista, e também alguns de quem conhecia as suas ligações aos serviços secretos imperialistas e organizações inimigas, entre elas organizações sionistas. Desta forma tornou-se dirigente de um centro de conspiração inimigo do Estado, conforme se formula na acusação.⁶³ Recorde-se a propósito o relatório de Leo Bauer sobre o seu encontro com Slánsky, Clementis e André Simone no Verão de 1948, no qual descreve a grande insatisfação que sentiam em relação à «pressão de Moscovo» para que não apoiassem o Plano Marshall e à «ruptura do *Kominform* com Tito». (p. 42)

⁵⁸ Exemplos nos volumes já citados sobre os processos em Budapeste e Praga e no volume *Traitscho Kostov e o seu Grupo*, Berlim, 1951 sobre o processo Kostov em Sófia. Ver também a minha comunicação «*Die Entfaltung des Revisionismus in der kommunistischen Bewegung und in der DDR*» (O desenvolvimento do revisionismo no movimento comunista e na RDA), parte I in: *Auferstanden aus Ruinen. Über das revolutionäre Erbe der DDR*, (Ressurgidos das Ruínas. Sobre a herança revolucionária da RDA), Hannover, 2000, pp. 164 e 176-178.

⁵⁹ *Auferstanden*, (Ressurgidos), pp. 159-161.

⁶⁰ *Laszlo Rajk und Komplizen...* (Laszlo Rajk e Cúmplices...), pp. 41-67.

⁶¹ *Auferstanden*, (Ressurgidos), p. 167-174.

⁶² Idem ibidem, p. 174-178. *Traitscho Kostoff und seine Gruppe*, p. 82-141.

⁶³ *Prozess gegen die Leitung...* (Slansky-Prozess), p. 7-109. *Auferstanden*, p. 161-163.

Na RDA, muitos amigos de Field e muitos outros que tinham sido apoiados por ele na emigração ocupavam funções importantes no partido, no aparelho de Estado, nas organizações de massas e nas áreas da cultura e imprensa. Paul Merker, com quem Field tivera a relação mais estreita, tinha-se tornado, justificando as expectativas, membro do *Politburo* do *SED*, assim como Franz Dahlem, que Field conhecia do seu internamento em França.

Depois do fim da guerra, Field regressou por pouco tempo aos EUA, procurou, como já vimos, encontrar uma colocação na RDA ou na Checoslováquia. Como já citámos do relatório de Matern, Field *«foi despedido do seu lugar na administração americana por apoiar comunistas (...) para poder ser integrado na RDA. É acusado publicamente pelo Comité de Actividades Anti-Americanas de ser um agente comunista para lhe obterem uma base na Checoslováquia.»*

O trabalho realmente importante começava agora para ele: os seus «protegidos» encontravam-se em altas funções nos países comunistas, a ligação que tinha com eles era agora efectivamente valiosa e de enorme importância, eis a verdadeira razão de ter ficado na Europa. Preparara a rede na emigração, mas isso fora somente o trabalho preparatório. Agora tinha à sua frente a parte mais importante: entrar em acção com esta rede, trabalhar com ela e, se possível, torná-la ainda mais apertada através de novos contactos! Este trabalho não podia ser incumbido a mais ninguém – o seu êxito baseava-se inteiramente na relação de confiança que Field tinha construído com os seus «protegidos».

Já sabíamos, através do relatório de Matern, que Field fizera esforços para conseguir novos contactos. Kiessling também referiu estes esforços. Field encontrara Franz Dahlem na casa de Walter Bartel. *«Um resultado do encontro de Dahlem com Field foi sem dúvida que entre este e a VVN (Vereinigung der Verfolgten des Naziregimes, KG) [Associação dos Perseguidos pelo Regime Nazi], representada por Helmut Bock, se combinou a entrega de donativos da USC.»* (Kiessling, p. 132)

Kiessling seguramente chegou a esta conclusão através da deliberação do CC do *SED*, de 20 de Dezembro de 1952, na qual se descreve: *«Ele (Field) procurou diversas vezes obter listas de vítimas do fascismo e dirigiu-se com esse fim ao Secretariado Central do SED. Porém, como aí foi recusado, conseguiu através de telefonemas falsos uma ligação com a Comissão Central em Berlim das vítimas do fascismo, onde realmente lhe foi entregue, depois de várias reuniões, uma lista com 25 nomes.»*

Ambas as descrições não são correctas. Quando Helmut Bock, de quem era amigo, me contou o seu encontro com Field, pedi-lhe para passar a escrito o seu testemunho, o que fez. Eis a sua descrição de 17.07.1992: *«De acordo com as minhas recordações, já não muito rigorosas, deve ter sido no Verão de 1948, em todo o caso de certeza antes da cisão, que recebi no meu serviço (era director do Departamento das Vítimas do Fascismo em Berlim) um telefonema do governo militar americano. O homem ao telefone apresentou-se como sendo Noel Field e convidou-me para um encontro no apartamento de Walter Bartel, que morava em Schöneberg, já não me lembro da rua.»*

Quando subia as escadas à hora marcada, um homem alto, muito magro desceu na minha direcção. Disse-me que era Field, que não estava ninguém em casa de Bartel e pediu-me para entrar no seu automóvel americano. Conversámos então durante a viagem. Ele era colaborador de uma organização de ajuda humanitária do governo militar americano que desejava apoiar materialmente vítimas do fascismo. Marcou-se um encontro num escritório da potência ocupante americana, onde poderia ir acompanhado de um dos meus colaboradores. Foi assim que aconteceu. Lá fui com a

minha camarada Ilse Haak (já morreu), (já não me lembro da localização do escritório). Field recebeu-nos, conduziu-nos a uma mulher de meia-idade, sentou-se a uma secretária no fundo da sala e não se preocupou mais connosco. A mulher disse-nos que queriam apoiar as vítimas do fascismo com víveres valiosos (CARE Package⁶⁴), não só os berlinenses, mas também outras vítimas do fascismo na zona de ocupação soviética. Se nos fosse possível, devíamos colocar à sua disposição a nossa lista de endereços. No início ficámos muito sensibilizados com este gesto humanitário, como então o vimos. Em conversas com camaradas do CC fomos porém avisados de que os americanos poderiam ter objectivos traiçoeiros e não aceitámos o pedido da mulher americana. Não lhe foram entregues as listas de endereços.»

Pelo menos Helmut Bock não as entregou. Pelos vistos Field, depois do fracasso junto de Helmut Bock, encontrou outras formas de conseguir novos endereços com a ajuda dos seus amigos influentes. De resto é digno de nota que, supostamente acusado nos EUA de apoiar comunistas, Field tenha sido incumbido em Berlim, enquanto membro do governo militar americano, de recolher endereços de vítimas do fascismo, na sua maioria comunistas!

3. O imperialismo enfraquecido, mas munido com novas armas

A derrota do imperialismo fascista alemão foi também simultaneamente uma derrota do imperialismo mundial. Com ela foi destruída uma arma que fomentara durante longos anos como uma cunha que deveria atingir o coração da União Soviética. A vitória do exército soviético sobre o fascismo foi simultaneamente uma vitória dos povos combatentes pela libertação da opressão nacional e colonial e do saque do imperialismo. Em pouco tempo, o processo revolucionário mundial fez tais progressos que as fronteiras entre o imperialismo e o socialismo na Europa foram deslocadas para o Elba, a Ocidente, e até ao Mar da China, na Ásia. O asfíxiante cerco capitalista à União Soviética tinha sido rompido, o período do «socialismo num só país» chegara ao fim, iniciara-se o período do campo socialista, que já abrangia um terço do globo terrestre, onde se incluíam também países industrializados como a RDA e a Checoslováquia.

Estava assim aberta uma perspectiva de desenvolvimento profundamente alarmante para o imperialismo: se este campo socialista crescesse em conjunto numa comunidade económica, dirigida de acordo com um plano homogéneo por um centro dirigente comum, o qual se deveria manifestamente tornar o Conselho de Assistência Mútua Económica, fundado em 1949, então existia um perigo real para o imperialismo, e para a humanidade a possibilidade real de este campo socialista diminuir o seu atraso perante o mundo capitalista, no mesmo passo rápido que a União Soviética entre 1917 e 1941. No final do século, o mundo poderia ter-se modificado tanto que teria de se inverter a expressão do cerco capitalista ao único país socialista e falar-se do cerco socialista ao resto do capitalismo.

Tal perspectiva não era de modo nenhum irreal. Os povos da Ásia – Coreia, Vietname, Laos, Índia, Indonésia, Filipinas – da América Central e do Sul e da África, estimulados pela vitória da União Soviética sobre os agressores alemães e japoneses e pela

⁶⁴ CARE Package era a designação das embalagens com produtos alimentares enviadas dos EUA através da *Cooperative for American Remittances to Europe (CARE)*. As primeiras remessas foram enviadas em Maio de 1946 para a Europa. (N. Ed.)

entusiasmante vitória da revolução popular chinesa, tinham iniciado a luta pela libertação do jugo colonial e semi-colonial.

Era pelo menos claro, sem dúvida, que, tal como o conteúdo principal da história na primeira metade do século XX tinha sido a luta da velha ordem social capitalista contra a nova ordem social socialista, que lutava pela sua afirmação, também o conteúdo principal da segunda metade, e com isso todo o século XX, seria o confronto de sistemas, entre o capitalismo e o socialismo.

Nesta luta, até aí, a velha ordem social capitalista tinha oposto à nova ordem socialista uma brutal superioridade no desenvolvimento das forças produtivas em todas as áreas. Económica, política e militarmente era muito mais poderosa do que a ordem soviética chegada ao poder num país arruinado, com uma indústria pouco desenvolvida e amplamente destruída pela guerra.

E no entanto, não tinha podido evitar a ascensão da potência socialista a segunda potência mundial!

As suas possibilidades de sair vitoriosa da próxima ronda de conflitos, na segunda metade do século, seriam diminutas se ao socialismo apenas tivesse a opor, como até aí, a sua superioridade económica.

Mas, durante a guerra, o imperialismo tinha desenvolvido duas novas armas na sua luta contra o socialismo, nas quais depositava a esperança de um êxito rápido e definitivo. Primeira foi a bomba atómica e a segunda o cavalo de Tróia do browderismo, o novo revisionismo.

As bombas atómicas em Hiroxima e Nagasaki, a 6 e 9 de Agosto de 1945, com as quais os pilotos americanos eliminaram centenas de milhares de japoneses, não tiveram, como todos sabem ou pelo menos deviam saber, importância para o fim da guerra. A derrota do Japão e a sua capitulação próxima eram uma certeza. No mesmo dia em que o piloto americano lançou a sua bomba em Nagasaki, 9 de Agosto, a União Soviética entrou na guerra contra o Japão. O que isto significou para o destino da guerra é descrito numa história em cinco volumes *Geschichte des Krieges im Stillen Ozean* [História da Guerra no Oceano Pacífico], organizada por autores japoneses. «Esta notícia foi um golpe atordoante para os dirigentes do governo japonês (...). Nem mesmo a bomba atómica levara o Conselho Superior da Guerra a fazer alterações na política do Estado (...). A entrada da União Soviética, porém, destruiu todas as esperanças de poder continuar a guerra.»⁶⁵ Em dez dias, o exército soviético derrotou o grande exército japonês, o exército *Kwantung*, no continente chinês. A capitulação incondicional japonesa seguiu-se a 2 de Setembro de 1945.

Naturalmente que o presidente Truman sabia que a capitulação do Japão estava próxima, mesmo sem o lançamento da bomba atómica. Esta demonstração da posse exclusiva desta arma de incomparável poder de destruição visava na verdade um destinatário completamente diferente – a União Soviética. Queria mostrar aos dirigentes soviéticos que a destruição atómica ameaçava o seu país, caso se opusessem e resistissem à nova ordem mundial de acordo com os desejos e exigências dos EUA.

O monopólio das armas atómicas também despertou no primeiro-ministro britânico Churchill o desejo de, agora com a ajuda da bomba atómica, alcançar o que não tinha conseguido nas guerras de intervenção: a destruição da União Soviética. Richard J. Aldrich refere-se a isto no seu livro sobre a actividade dos serviços secretos ingleses e

⁶⁵ *Der zweite Weltkrieg 1939-1945. Kurze Geschichte*, (A II Guerra Mundial. Breve História), Berlim (RDA), 1988, p. 712.

americanos na Guerra Fria: «*Em Maio de 1945, nos dias da derrota da Alemanha, Churchill ordenou a elaboração de planos para uma guerra contra a União Soviética (...) O objectivo de Churchill era a “eliminação da Rússia”. O plano obteve o nome de “Operação Impensável” (Operation Unthinkable) e só em 1990 foi desclassificado para publicação. Requeria centenas de milhares de tropas britânicas e americanas, apoiadas por 100 mil soldados alemães rearmados para desencadear um ataque surpresa contra os seus aliados de Leste cansados da guerra. Simultaneamente a RAF atacaria cidades soviéticas a partir de bases no Norte da Europa. (...) Os chefes de estado-maior, Brooke, Cunningham e Tedder, estavam horrorizados com a ideia de Churchill (...) Sabiam que esta seria uma guerra que o Ocidente não poderia vencer. (...) Por que pensava Churchill no Verão de 1945 que o Ocidente podia competir com a União Soviética? A resposta era clara – a chegada da bomba atómica. (...) Brooke escreveu no seu diário, “Churchill via-se agora como único possuidor da bomba atómica e na situação de a lançar onde entendesse. E assim, todo-poderoso, em condições de se impor a Stáline”.*»⁶⁶

O monopólio da bomba atómica era a arma milagrosa dos EUA para o ataque exterior à União Soviética, assim será o browderismo, desenvolvido no moderno revisionismo, para a conquista da fortaleza socialista por dentro.

Mas muito rapidamente os dirigentes soviéticos, com o apoio dos dirigentes dos partidos comunistas e operários, goraram as esperanças imperialistas em relação aos efeitos destas armas milagrosas.

Na Conferência de Potsdam (17.07/02.08.1945), o presidente Truman já tinha tentado fazer ceder Stáline com o anúncio de que os EUA possuíam uma nova arma com um potencial destruidor inédito. Para sua grande frustração, Stáline não se mostrou minimamente impressionado. Mais tarde, Truman escreveu admirado, «*o primeiro russo*» não demonstrou «*nenhum interesse especial*».⁶⁷

Pior ainda: a 25 de Setembro de 1949 o monopólio americano da arma atómica é quebrado com o ensaio bem sucedido da bomba atómica soviética!

O governo soviético, sob a direcção de Stáline, tinha tratado de desfazer o sonho do imperialismo americano de dominar o mundo com a bomba atómica.

A coisa também não correu muito melhor com a especulação sobre a segunda arma milagrosa do imperialismo, o seu cavalo de Tróia, o revisionismo moderno transformado em ideologia de Estado, o revisionismo de Tito.

A direcção de Tito do PCJ perseguia conseqüentemente o objectivo de alcançar a unificação da Jugoslávia com a Bulgária e Albânia, sob o pretexto hipócrita de concretizar o desígnio propagado desde os anos 20 pela Internacional Comunista – a constituição de uma Federação dos Balcãs sob princípios socialistas –, mas o verdadeiro intuito era constituir um bloco nos Balcãs fora da influência da União Soviética, que serviria de contrapeso nos outros estados socialistas.

Este objectivo só era porém conhecido no círculo restrito da direcção do PCJ. Para o exterior, a Jugoslávia conduzia uma política que dava a impressão a quem estava de fora de que se tratava do país socialista que mais seguia o exemplo da União Soviética e a que de todos era o mais «sovietizado». A nós, camaradas na RDA, também nos parecia assim. Nunca esquecerei o seguinte episódio. Um dia, de certeza em Maio ou Junho de 1948, na

⁶⁶ Richard J. Aldrich, *The Hidden Hand. Britain, America and Cold War Secret Intelligence*, Londres, 2001, p. 56-63.

⁶⁷ Idem, *ibidem*.

Escola do Partido em Berlim apareceu no programa o desenvolvimento dos países das democracias populares. O camarada Kurt Schneidewind, do CC do *SED*, era o orador. A Jugoslávia mereceu-lhe a melhor nota de todos os estados democrático-populares porque, como dizia, o nível de desenvolvimento da Jugoslávia era o que mais se aproximava da União Soviética. Isto não provocou nenhuma admiração porque todos nós também pensávamos assim, já que era exactamente essa a imagem que a nossa informação divulgara até aí da Jugoslávia. E também na União Soviética se pensou assim durante muito tempo. Isto foi confirmado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, A. I. Vichínski, quando, no Verão de 1948, afirmou o seguinte sobre as relações da Jugoslávia com a União Soviética: «*Depois da vitória sobre a Alemanha hitleriana, estabeleceram-se as mais fraternas relações entre a União Soviética e a Jugoslávia, foram tomadas importantes decisões para, na arena internacional, económica, política e militarmente ajudar a Jugoslávia, que nós consideramos um dos nossos aliados ideologicamente mais fiéis.*»⁶⁸

Isto explica que Belgrado tenha sido escolhida como sede do *Bureau* de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, quando da sua fundação em Setembro de 1947.⁶⁹ Isto também que, no início de 1948, parecesse não existir nenhum impedimento à criação da Federação dos Balcãs, como a qual, Gueórgui Dimítrov, primeiro-ministro da Bulgária, tinha concordado.

Mas, na Primavera de 1948, a direcção jugoslava assumiu uma posição cada vez mais agressiva perante a União Soviética, o que finalmente conduziu a direcção da União Soviética, depois de as suas cartas e protestos não terem surtido efeito, a retirar, em Abril de 1948, os seus conselheiros e especialistas militares da Jugoslávia. Essa tinha sido exactamente a intenção da direcção jugoslava. Desta forma, a direcção de Tito começou a concretizar os seus objectivos. Já em Novembro de 1944, Kardelj, colaborador próximo de Tito, durante a sua estadia em Sófia, tinha revelado a Traítcho Kostov: «*Os americanos e os ingleses, relatou Kardelj, estão completamente decididos a não permitir, de forma alguma, que países que sejam libertados pela União Soviética, se afastem do bloco dos países ocidentais. Nesta base, já durante a guerra, foi estabelecido um determinado acordo entre Tito, por um lado, e os americanos e os ingleses, por outro. (...) Kardelj afirmou que o governo jugoslavo tencionava solicitar à URSS que as tropas soviéticas abandonassem a Jugoslávia assim que os combates estivessem terminados nesta região. “Mas isso não é suficiente”, disse-me Kardelj, “as tropas soviéticas têm de abandonar a Bulgária, pois os americanos e os ingleses estão profundamente empenhados em que a influência soviética não se espalhe para Sul do Danúbio.” Kardelj referiu que Tito e toda a direcção jugoslava encaravam a anexação imediata da Bulgária pela Jugoslávia como a melhor forma de atingir este objectivo, sendo possível utilizar, no interesse da direcção jugoslava, a ideia extremamente popular entre os povos da Jugoslávia e da Bulgária de uma Federação dos Eslavos do Sul. “Então”, esclareceu-me Kardelj, “a Bulgária deixará de ser vista como um Estado inimigo, tornar-se-á parte de uma potência aliada e a presença de tropas soviéticas no seu território tornar-se-á supérflua, injustificável.”»*

⁶⁸ *Auferstanden*, p. 164.

⁶⁹ *Für Frieden und Volksdemokratie. Bericht über die Tätigkeit einiger kommunistischer Parteien, gehalten auf der Konferenz in Polen Ende September 1947* (Pela Paz e Democracia Popular. Relatório sobre a actividade de alguns partidos comunistas apresentado na conferência na Polónia, no final de Setembro de 1947), Berlim, 1947, pp. 3-4.

À época a «anexação imediata» não se concretizou porque, como declarou Kostov, chegou de Moscovo um aviso categórico de Gueórgui Dimítrov: «*Não se deve apressar a união da Bulgária com a Jugoslávia*». A Federação poderia «*ter consequências indesejáveis sem uma preparação prévia no campo da política externa*.» Em Março de 1945, Kostov recebeu a visita de um outro membro da direcção jugoslava, Milovan Djilas. Insatisfeito, porque Kostov não tinha conseguido a anexação imediata, declarou que «*apesar do fracasso, o nosso objectivo comum não será retirado da ordem do dia*.»⁷⁰

Kostov teve ainda várias reuniões, inclusive com o próprio Tito, sobre a melhor forma de concretizar finalmente a união da Bulgária como a Jugoslávia. A última foi em Novembro de 1947, e depois desta data teve múltiplas reuniões com Cicmil, o representante jugoslavo na Bulgária, sobre o mesmo assunto. No seu último encontro com Cicmil, em Abril de 1948, este informou-o de que Tito o tinha encarregado de lhe anunciar «*a eminente ruptura definitiva das relações entre a Jugoslávia e a União Soviética, por um lado, e os países das democracias populares por outro*.»⁷¹

Tito concretizou a anunciada ruptura através da recusa da proposta da União Soviética e de outros partidos do *Bureau* de Informação de «*examinar a situação no partido comunista jugoslavo na reunião do Bureau de Informação, segundo os princípios normais de camaradagem entre partidos, na base dos quais, a actividade de outros partidos comunistas foi analisada na primeira reunião, do Bureau de Informação*».⁷² Tito usou o argumento de que, numa tal reunião, o PC da Jugoslávia seria colocado numa «situação desigual». Na Resolução da reunião, realizada na segunda quinzena de Julho de 1948, na Roménia, sem a participação do PC da Jugoslávia, os restantes partidos do *Bureau* de Informação – ou seja o Partido dos Trabalhadores da Bulgária, o Partido dos Trabalhadores da Roménia, o PC da União Soviética (bolchevique), o PC da França, o PC da Checoslováquia e o PC da Itália – afirmam o seguinte:

«*Esforçando-se por fugir à justa crítica dos partidos irmãos no Bureau de Informação, os dirigentes jugoslavos inventaram a versão da sua suposta “situação desigual”. É preciso dizer que nesta versão nem uma única palavra é verdadeira. Sabe-se que os partidos comunistas, na fundação do Bureau de Informação, partiram do facto indiscutível de que cada partido tem de prestar contas ao Bureau, assim como cada partido possui o direito de criticar os outros partidos. Na primeira reunião dos nove partidos comunistas, o Partido Comunista da Jugoslávia usou largamente este direito. A recusa dos jugoslavos em prestar contas da sua actividade ao Bureau de Informação e em ouvir as apreciações críticas dos outros partidos comunistas significa uma verdadeira violação da igualdade entre os partidos comunistas e significa a exigência de criar uma situação privilegiada para o PCJ.*» Na sua resolução, os partidos do *Bureau* de Informação chegaram à inevitável conclusão de «*que o CC do PCJ e o PCJ se colocam assim fora da família dos partidos comunistas irmãos, fora da frente de unidade comunista e consequentemente também fora das fileiras do Bureau de Informação*.»⁷³

⁷⁰ Traitscho Kostoff, pp. 98 e 103.

⁷¹ Idem, ibidem, pp. 103, 106, 120 e segs., e 129.

⁷² Comunicado sobre a reunião do *Bureau* de Informação dos Partidos Comunistas sobre a situação no Partido Comunista da Jugoslávia, in *Die Lehren aus der Entartung der jugoslawischen Parteiführung* (Os ensinamentos da degeneração da direcção do partido jugoslavo), Berlim, 1948, p. 16.

⁷³ Idem, ibidem, p. 17.

Assim terminou num completo fiasco, e com a vacina do movimento comunista mundial contra os germens da doença e da degeneração que deveriam ser introduzidos nos partidos comunistas, a primeira tentativa do imperialismo de utilizar a sua segunda arma milagrosa, a encarnação estatal do revisionismo moderno, a Jugoslávia de Tito, para dissolver a frente de unidade comunista. O PCU(b) e o movimento comunista mantiveram o rumo leninista no caminho de vitórias futuras.

Só quando este caminho foi abandonado, o imperialismo obteve uma nova oportunidade de usar com êxito a sua segunda nova arma, o «revisionismo moderno».

A análise pormenorizada das razões deste novo avanço do revisionismo, que conduziu finalmente ao êxito desejado pelo imperialismo, ultrapassa em muito o objectivo destas «Reflexões sobre o Diário de Dimítrov» e fica reservado para um outro estudo.

Índice de nomes

(acrescentado pela edição portuguesa)

Abbe, Ernest Karl (1840-1905), físico alemão, inventor de vários tipos de lentes e instrumentos ópticos, tornou-se co-proprietário da companhia *Carl Zeiss* em 1886.

Ackermann, Anton, verdadeiro nome Eugen Hanisch (1905-1973), membro do Partido Comunista da Alemanha desde 1927. Emigra para a URSS em 1934, sendo eleito para o Comité Central do *KPD* em 1934. Trabalha na secção de propaganda do *Komintern* entre 1938 e 1943. Regressa à Alemanha em 1945, integrando o CC do PSUA (1946-50) e o seu *Politburo* (1949-53).

Aldrich, Richard J. (1961), investigador britânico, professor de Relações Internacionais, é autor de vários livros sobre temas relacionados com a actividade dos serviços secretos ocidentais.

Barsky, Edward K. (1897-1975), médico reputado, integrou um grupo de clínicos voluntários em Espanha durante a guerra civil, que formou o *American Medical Bureau to Aid Spanish Democracy*, associado ao *the North America Committee to Aid Spanish Democracy*, mais tarde designado *North American Committee to Aid Spanish Democracy*. Após a derrota, presidiu ao *Joint Anti-Fascist Refugee Committee (JAFRC)*, comité dedicado à ajuda aos refugiados. Em 1947, juntamente com toda a equipa de direcção, foi acusado e condenado a seis meses de prisão por se ter recusado a entregar os arquivos da organização, tendo-lhe sido ainda retirada a licença profissional, decisão que veio a ser revogada em 1954 pelo Supremo Tribunal.

Bartel, Walter (1904-1992), membro da juventude comunista da Alemanha desde 1920, entrou para o partido em 1923. É preso pelos nazis entre 1933 e 1935, emigrando a seguir para a Checoslováquia, onde volta a ser preso em 1939, na sequência da invasão alemã, passando toda a guerra no campo de Buchenwald. Após a libertação foi um dos

fundadores do PSUA, tendo trabalhado como assistente pessoal de Wilhelm Pieck. Posteriormente seguiu a carreira académica, doutorou-se em Filosofia e tornou-se professor de História Moderna. Entre 1957 e 1962 foi director do Instituto de História Contemporânea da Alemanha. Como sobrevivente dos campos nazis, trabalhou no Comité da Resistência de Combatentes Antifascistas e foi eleito em 1970 presidente do Comité Internacional de Buchenwald. É autor de numerosos estudos de História.

Bauer, Leo, verdadeiro nome Rudolf Katz, (1912-1972), membro do Partido Social-Democrata da Alemanha desde 1928. Estudou Direito até ser expulso da faculdade em 1933 devido à sua origem judaica. Em 1931 adere ao Partido Comunista. Após a subida de Hitler ao poder, foge para França onde é preso em 1940. Muda-se para a Suíça, regressando à Alemanha em 1945, onde integra a direcção do partido em Hesse e o parlamento regional. Em 1949 muda-se para Berlim Oriental e adere ao PSUA, sendo investigado no ano seguinte pelos seus contactos com agentes do imperialismo. Julgado por um tribunal militar soviético e condenado à morte em 1952, vê a pena comutada para 25 anos na Sibéria, sendo libertado logo em 1955. Volta à Alemanha, onde adere ao Partido Social-Democrata e trabalha como jornalista na revista mensal do *SPD*. No anos 60 foi conselheiro de Willy Brandt.

Beling, Walter (1899-1988), membro do *KPD* desde 1924, do CC desde 1928, foi detido em 1933, passando dois anos e meio nas prisões nazis. Em 1936 instala-se em França. Participa na guerra civil de Espanha (1937-38), após a qual foi internado num campo em França, donde se evade em 1940 para dirigir a organização dos comunistas alemães em Toulouse. Após evadir-se de um segundo campo, entra para a Resistência em 1942. Regressa à Alemanha em 1945, integrando o secretariado do PSUA até 1950, altura em que as suas relações com Noel Field são investigadas pela Comissão Central de Controlo. Reabilitado em 1956, foi designado chefe de departamento no Ministério dos Negócios Estrangeiros da

RDA, tornando-se representante permanente na Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa (1959-1965).

Bergmann, Karl Hans (1910-2007), membro do *KPD* desde 1931, foi preso pelos nazis em 1935, passando quatro anos em várias prisões e campos de concentração. Exilou-se na Suíça em 1942. De regresso à Alemanha, em 1945, e já após abandonar o partido, trabalha como jornalista. Entre 1952 e 1968 assume a gestão do Teatro *Freie Volksbühne* de Berlim Ocidental. Depois fez uma carreira de escritor.

Bernstein, Eduard (1850-1932), dirigente da ala direita do Partido Social-Democrata da Alemanha e da II Internacional. Ideólogo do reformismo e do revisionismo, é dele a palavra de ordem «O movimento é tudo, o objectivo final não é nada».

Bertz, Paul (1886-1950), membro do Partido Social-Democrata da Alemanha desde 1910, adere à Liga Espartaquista e ao Partido Comunista aquando da sua fundação. Eleito deputado do *Reichstag* entre 1924 e 1930, candidato do Comité Central em 1924. Refugia-se em França a partir de 1934 e instala-se na Suíça após a invasão nazi, dirigindo o grupo de comunistas alemães e participando no movimento «Alemanha Livre». Ao mesmo tempo liga-se ao *OSS* de Alan Dulles. Na sequência do seu desmascaramento como agente do imperialismo pela Comissão Central de Controlo do PSUA, suicidou-se em Abril de 1950.

Bismarck, Otto Eduard Leopold von (1815-1898), primeiro-ministro da Prússia (1862-1890), promoveu a unificação da Alemanha, da qual se torna o primeiro chanceler entre 1871 e 1890). Inimigo feroz do movimento operário ascendente, cujos partidos proíbe nos anos 80, institui pensões de reforma e seguros de doença e de acidentes de trabalho para atenuar o descontentamento da classe operária.

Bock, Helmut, não encontramos referências biográficas.

Bosch, Robert (1861-1942), industrial, engenheiro e inventor alemão, fundou a *Robert Bosch GmbH*, em 1886, que se especializa em sistemas de ignição eléctrica para motores de combustão interna. Pertence-lhe a invenção da vela de ignição. Durante o período nazi dedica-se ao fabrico de armamento. Hoje, o grupo *Bosch* é um dos maiores fabricantes mundiais de componentes para a indústria automóvel.

Brie, André (1950), docente do Instituto de Relações Internacionais da RDA (1976-89), integra o Comité Executivo do *PDS* (Partido do Socialismo Democrático) entre 1990 e 1999. Chefe do grupo parlamentar do *PDS* entre 1990 e 1992 e deputado europeu entre 1999 e 2009. Integra desde 2003 a direcção partidária (do actual *Die Linke*) no estado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental.

Brooke, Alan Francis (1883-1963), marechal-de-campo, comandou o segundo corpo da Força Expedicionária Britânica, participando na evacuação dos aliados em Dunquerque. Em 1941 torna-se comandante-em-chefe do exército britânico, integrando o comando das forças aliadas ocidentais.

Bulgánine, Nikolai Aleksándrovitch (1895-1975), membro do partido desde 1917, do CC (1937-61), candidato desde 1934, do *Politburo* (1948-58), candidato desde 1946, do *Orgburo* (1946-52). Trabalha nos órgãos de segurança (1918), no Conselho Superior da Economia Nacional (1922-27), como director de uma fábrica de material eléctrico em Moscovo (1927-31). É eleito presidente do Soviete de Moscovo em 1931, torna-se presidente do governo da República da Rússia (1938-41), e a seguir vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1947-53). Durante a guerra integra os conselhos militares de diversas frentes, é vice-comissário da Defesa desde 1941, ministro da Defesa entre 1947-49 e das Forças Armadas entre 1953-56. A partir de 1953 ainda exerce funções de primeiro vice-presidente e de presidente do Conselho de Ministros da URSS (1955-58). Afastado do governo da URSS em 1958, é nomeado presidente do Conselho da Economia de Stavropol. Dois anos mais tarde

é aposentado. Marechal da União Soviética desde 1947 foi despromovido para coronel-general em 1958.

Chiang-Kai-Chek (Jiang Jieshi) (1887-1975), recebe formação militar no Japão, juntando-se à aliança revolucionária de Sun-Yat-Sen em 1906. Após a morte do líder, em 1925, torna-se comandante do exército revolucionário e assume a direcção do *Kuomintang*. Em 1926 prende os dirigentes comunistas e os conselheiros soviéticos em Cantão, rompendo a frente de luta constituída em 1922 contra o poder dos imperialistas. Em 1928 torna-se presidente da China, prosseguindo os combates contra os comunistas. Vencido militarmente, refugia-se na ilha de Taiwan, onde em Dezembro de 1949 instala uma ditadura militar.

Chu En-Lai (1898-1976), um dos fundadores do Partido Comunista da China, membro do *Bureau* Político e do Secretariado do CC (1934-69), membro da representação do PCC junto do CEIC (1935-37). Foi ministro dos Negócios Estrangeiros (1949-58) e primeiro-ministro da RPC (1949-1976).

Cicmil, O.M., não encontramos referências biográficas sobre este dirigente jugoslavo.

Clementis, Vladimír (1902-1952), deputado comunista no parlamento checo em 1935, emigra para Paris em 1938, sendo preso no ano seguinte e evacuado para um campo na Grã-Bretanha. Passa a guerra em Londres, regressando ao seu país em 1945 para ser nomeado vice-ministro dos Negócios Estrangeiros no primeiro governo do pós-guerra. Já como titular da pasta é acusado de conspiração e condenado à pena capital, em Dezembro de 1952, juntamente com Rudolf Slánsky, nos chamados processos de Praga.

Cunningham, Andrew Browne (1883-1963), almirante britânico, nomeado em 1943 comandante-em-chefe das forças navais do Mediterrâneo. Participou nas principais conferências dos aliados no Cairo, Teerão, Ialta e Potsdam.

Dahlems, Franz (1892-1981), membro dos Jovens Trabalhadores Socialistas alemães desde 1910, soldado na I Guerra, adere ao Partido Social-Democrata Independente (USPD) em 1918, tornando-se redactor do jornal comunista *Die Rote Fahne* em 1924. Passa à clandestinidade em 1933, é nomeado chefe das brigadas internacionais em Espanha (1937) e dirige o CC do *KPD* em Paris (1938). Internado em França entre 1939 e 1942, é extraditado para a Alemanha, ficando recluso no campo de concentração de Mauthausen até 1945. Após a libertação volta a integrar o CC e o Secretariado do partido, sendo eleito para o *Politburo* entre 1949 e 1953. Investigado pelos seus contactos com agentes estrangeiros, é destituído dos cargos políticos, vindo a ser reabilitado em 1956. Torna-se então secretário de Estado adjunto (1957) e vice-ministro do Ensino Superior e Secundário da RDA (1967-1974).

Dexter, Robert Cloutman (1887-1955) sacerdote norte-americano, promotor de programas humanitários e para refugiados durante os anos 30 e 40. Foi o director do *Unitarian Service Committee*, criado em 1949, em Boston, que ajudou refugiados judeus a escapar às perseguições nazis na Europa.

Dimítrov, Gueórgui Mikháilovitch (verdadeiro nome Gueórgui Dimitróv Mikháilov) (1882-1949). Compositor tipográfico desde 1894, torna-se secretário do Sindicato dos Tipógrafos em 1901, em Sófia, capital da Bulgária. No ano seguinte adere ao Partido Operário Social-Democrata Búlgaro, juntando-se à corrente maioritária dos «socialistas estritos». Entra para o CC em 1909, sendo eleito nesse ano secretário do Sindicato Geral Operário (1909-1923) e deputado ao parlamento (1913-1923). Foi um dos organizadores da insurreição armada de 1923 na Bulgária. Após a derrota da revolução, foi condenado à revelia com a pena de morte, sendo obrigado a refugiar-se no estrangeiro. Membro activo do *Komintern*, foi preso em 1933 na Alemanha nazi sob a falsa acusação de ter participado no incêndio do Reichstag. Consegue provar a sua inocência no célebre processo de Leipzig, onde faz uma brilhante defesa. A URSS atribui-lhe a cidadania soviética e exige o seu repa-

triamento que se concretiza dois meses mais tarde. Nos anos 30, juntamente com Ernst Thälmann e Dolores Ibárruri, torna-se um dos líderes mais carismáticos do Movimento Comunista Internacional. Em 1935 é eleito secretário-geral do Comité Executivo do *Komintern*. Entre 1927 e 1945 foi deputado do Soviete Supremo da URSS. Após a dissolução do *Komintern*, em 5 de Abril de 1943, é nomeado responsável pelo Departamento de Política Internacional do PCU(b). Após a libertação da Bulgária pelo Exército Vermelho regressa ao seu país, tornando-se presidente do Conselho de Ministros e, em 1947, secretário-geral do PCB.

Djilas, Milovan (1911-1995), sérvio-montenegrino, membro do Partido Comunista da Jugoslávia desde 1932, do CC desde 1938 e do *Politburo* a partir de 1940. Juntamente com Tito é um dos organizadores da resistência, tornando-se comandante da guerrilha. Após a libertação, ocupa o cargo de vice-presidente do governo de Tito. Nos finais de 1953 assume-se como crítico do regime exigindo mais democracia no partido e no país. Demitido do governo e dos cargos partidários, abandona o partido em 1954, declarando, em Dezembro, ao *New York Times* que a Jugoslávia estava a ser governada por reaccionários. Em 1956 é condenado por propaganda antijugoslava, cumprindo várias penas de prisão até ser libertado em 1966 e autorizado a deixar o país.

Duclos, Jacques (1896-1975), membro do Partido Comunista Francês desde 1920, do CC (1926-75), do *Bureau* Político (1931-75). Representante do PCF no CEIC (1930-33), e membro suplente dos seu *Presidium* (1932). Durante a ocupação nazi foi responsável pelo partido na clandestinidade, principal redactor da imprensa clandestina e um dos organizadores da resistência em França, onde permaneceu até à libertação. Na sequência da doença de Maurice Thorez, ocupou o cargo de secretário-geral interino entre 1950 e 1953. Candidato às presidenciais de 1969, recolhe mais de quatro milhões e 800 mil votos (21,27%). Foi eleito deputado ao parlamento e nos períodos entre 1926 e 1932, 1936 e 1940, 1945 e 1958; senador entre 1959 e 1975.

Dennis, Eugene, verdadeiro nome Francis Xavier Waldron (1904-1961), membro do PC dos EUA desde 1929, representou o CEIC no PC da África do Sul (1932-33). Entre 1946 e 1957 ocupou o cargo de secretário-geral do PC dos EUA, sendo sucedido por Gus Hall.

Dulles, Allan Welsh (1893-1969), irmão de John Foster Dulles (secretário de Estado no governo de Dwight Eisenhower de 1953 a 1959). Trabalhou inicialmente nos serviços diplomáticos, depois como financeiro em Wall Strett, onde se liga à *Standart Oil*, cujos interesses representa na Europa. Em 1942 torna-se o chefe de operações do *Office of Strategic Services* (OSS), sendo nomeado, em 1953, por Eisenhower, director da *Central Intelligence Agency* (CIA), criada em 1947.

Eichelsdörfer, Ernst, conhecido por «Paul», (1910-1977), comunista alemão, desenvolve actividade clandestina na Alemanha até 1939. Refugiado na Suíça, é detido e internado, passando por vários campos até regressar à Alemanha.

Ende, Adolf, pseudónimo Lex Ende, (1899-1951), jornalista alemão, membro do Partido Social-Democrata Independente (1918) e do Partido Comunista da Alemanha (1919). Trabalhou em vários jornais sob o pseudónimo de Lex Breuer, dirigiu a organização do Baixo Reno do partido e foi eleito deputado do *Reichstag* (1928-30). Em 1935 emigra para França, sendo internado em Vernet em 1939. Integrou a Resistência após a invasão nazi e a direcção do *KPD* em França. Em 1946 regressa a Berlim e adere ao PSUA, sendo expulso em 1950 e acusado de trabalhar para o agente norte-americano Noel Field.

Fels, Wilhelm, conhecido por «Arthur» (1905-?), comunista alemão, exilado em Basileia, na Suíça, onde trabalhou com Paul Bertz.

Ferrucci, Jérôme (?-?), advogado francês próximo do PCF.

Field, Noel Haviland (1904-1970), funcionário do Departamento de Estado dos EUA em 1930, trabalhou nas Nações Unidas

em Genebra (1936), tendo ajudado a repatriar combatentes estrangeiros na Guerra Civil de Espanha. Em 1941 torna-se director do *Unitarian Universalist Service Committee's*, (Comités Unitários de Serviço Universalista) que presta ajuda a antifascistas e refugiados na Suíça. Ao mesmo tempo trabalha para o OSS de Allen Dulles, que tira partido dos seus contactos com vários partidos comunistas na clandestinidade. É preso em 1949, na Hungria, e libertado em 1954, permanecendo em Budapeste com a sua mulher até ao fim da vida.

Field, Hermann Haviland (1910-2001), escritor e novelista, irmão de Noel Field. Esteve cinco anos detido (1949-54) pelas autoridades polacas, numa casa dos arredores de Varsóvia, onde escreveu duas das suas novelas *Angry Harvest* e *Duck Lane* com Stanislaw Mierzenski. A primeira deu origem a um filme realizado por Agnieszka Holland e estreado em 1985. Em 1999, publicou *Trapped in the Cold War: The Ordeal of an American Family*, onde conta a sua detenção com a sua mulher Kate Thorneycroft, durante uma viagem à Polónia alegadamente em busca do seu irmão desaparecido. Tal como este foi acusado de espionagem como agente do OSS.

Fish, Walter (1910-1966), membro da juventude comunista (1928), do secretariado do *KPD* desde 1932. Após a prisão em 1933, refugia-se na Suíça, de onde foi expulso em 1935. Vive em Praga até 1938, regressando clandestinamente à Suíça. No ano seguinte é novamente detido e internado até 1944. Foi um dos dirigentes que tentaram criar o PSUA na parte ocidental da Alemanha, proibido pelas potências ocupantes. Após a interdição do *KPD*, em 1956, foi condenado a três anos de prisão, sendo libertado antecipadamente. De seguida trabalhou como jornalista.

Foster, William Zebulon (1981-1961), membro do Partido Socialista da América em 1901, do *Industrial Workers of the World* (Operários Industriais do Mundo) em 1909, fundador da *Syndicalist League of North America* (Liga Sindical da América do Norte), em 1911. Após a extinção deste sindicato em 1914, junta-se à *American Federation of*

Labor (Federação Americana do Trabalho), *AFL*, e adopta uma posição favorável à participação na guerra. Adere ao PC dos EUA em 1921, membro do CC desde 1922 e do Bureau Político desde 1924, tornando-se secretário-geral entre 1929 e 1930. Foi representante do *Profintern* (1921-37) e membro do CIEC (1924-34) e do seu *Presidium* (1935-43). Após a exoneração de Earl Browder é eleito presidente do partido (1945-57).

Frejka, Ludvik (1904-1952), membro do Partido Comunista da Checoslováquia desde 1923, foi dirigente no Norte da Boémia (1927-30) e editor do jornal do partido (1935-38). Após a ocupação nazi, emigra para o Reino Unido, onde permanece entre 1939 e 1945. Entre 1945 e 1952 exerceu vários altos cargos na área da economia, integrando designadamente o Gabinete do Presidente da República. Acusado de agente do imperialismo foi executado no âmbito do chamado processo Slánsky.

Fuhrmann, Bruno (1907-1979), comunista alemão, emigrou para a Suíça em 1936, onde esteve internado entre 1940 e 1945. Regressou à Alemanha em 1945, sendo investigado pela Comissão Central de Controlo em 1950. Exonerado de todos os cargos é reabilitado em 1956.

Geffke, Herta (1893-1974), membro do Partido Social-Democrata da Alemanha desde 1912, do Partido Social-Democrata Independente em 1917 e finalmente do Partido Comunista da Alemanha a partir de 1920. Deputada no parlamento prussiano (1921-25), passou à clandestinidade em 1933, sendo detida e condenada a dois anos e meio de prisão. Permanece na Alemanha onde participa na organização da resistência interna. Assume funções de direcção no PSUA a partir de 1946, cujo secretariado integra em 1947, bem como a Comissão Central de Controlo a partir de 1949. Entre 1958 e 1962 dirige o Instituto de Ciências Sociais do CC do PSUA.

Glaser, Erica (1923-1994), agente do OSS, foi detida em 1950 na cidade de Berlim onde se encontrava alegadamente em busca do

paradeiro de Noel Fiel e da sua mulher. Julgada em Moscovo, é condenada à morte por espionagem, pena comutada em 15 anos de prisão. É libertada em 1954. No momento da sua prisão vivia em Paris com o seu marido Bob Wallach (Robert R. Wallach), capitão do exército dos EUA, e os seus dois filhos.

Goldhammer, Bruno (1905-1971), jornalista, militou clandestinamente no Partido Comunista da Alemanha após a sua ilegalização em 1933, refugiando-se depois na Checoslováquia e a seguir na Suíça. Após a derrota do nazi-fascismo torna-se secretário do partido na Baviera, desempenhando mais tarde funções na Administração da zona soviética em Berlim. Em Agosto de 1950, após ser investigado, é expulso do partido por ligações à espionagem imperialista.

Gomulka, Władysław (1905-1982), operário desde os 14 anos, adere cedo ao Partido Socialista Polaco e, em 1927, ao Partido Comunista Polaco. Preso de 1932 a 1934 e em 1936, evade-se em 1939, juntando-se à resistência polaca. Em Novembro de 1943 torna-se secretário-geral do Partido Operário Polaco (POP). Em 1945, já como vice presidente do Conselho de Ministros, concebe uma «via polaca para o socialismo», rejeitando a colectivização das terras. Eleito secretário-geral do Partido Operário Unificado Polaco (POUP) em 1947, é afastado das suas funções e expulso do partido no ano seguinte por «desvio e nacionalismo». Preso em 1951, é libertado em 1954 e reintegrado no partido em Agosto de 1956, voltando a ocupar o posto de secretário-geral em Outubro desse ano. Sob a sua direcção é revertida a reforma agrária com a dissolução de grande parte das cooperativas agrícolas, e a igreja católica recupera terreno graças à «normalização» das relações com o Estado. No final dos anos 60, confrontado com a contestação popular contra o aumento dos preços dos produtos alimentares e da energia, é forçado a demitir-se, mantendo-se como deputado até 1972.

Gottwald, Klement (1896-1953), nascido na Morávia, integra o movimento social-democrata em 1912, tornando-se num dos fundadores do Partido Comunista da

Checoslováquia (1921). Redactor de vários jornais comunistas, integra o *Politburo* em 1925, sendo eleito secretário-geral em 1929. É membro do CEIC desde 1928 e seu secretário entre 1935 e 1943. Após o acordo de Munique instala-se em Moscovo, de onde dirige o movimento de resistência à ocupação nazi. Integra o primeiro governo da Frente Nacional, como vice-presidente (Abril de 1945), e torna-se o chefe do executivo da coligação no ano seguinte. Em 1948 é eleito presidente da República.

Haak, Ilse, não encontramos referências biográficas.

Halder, Franz Ritter (1884-1972), general alemão, chefe do estado-maior do exército terrestre de 1938 até Setembro de 1942, altura em que foi destituído por Hitler devido a divergências sobre as operações na Rússia. Após o atentado a Hitler em 20 de Julho de 1944 é preso e expulso do exército em Janeiro de 1945. Libertado em Abril, rende-se em 4 de Maio às tropas norte-americanas na Áustria. Nos anos 50 trabalha para o exército dos EUA e é condecorado por JF Kennedy com a Medalha Presidencial da Liberdade. Deixou um diário que tem sido objecto de estudo pelos investigadores.

Hofmaier, Karl (1897-1988), membro do Partido Comunista Suíço, quadro da IC (1924-36), foi detido em 1927 na Itália, passando sete anos nas prisões fascistas. Em 1936 torna-se secretário-geral, cargo que mantém após a ilegalização do partido em 1940, renovando-o na sequência da criação do Partido Suíço do Trabalho em 1944. Em 1947 é expulso, acusado de gestão financeira danosa, que provocou, entre outras consequências, a suspensão do jornal *Vorwärts* em 1946.

Hohermut, Berta, não encontramos referências biográficas.

Honecker, Erich (1912-1994), membro da juventude comunista desde 1926, estudou na Escola Internacional de Moscovo (1930) e integrou as brigadas internacionais de operários, participando na construção de um

complexo metalúrgico. Entra nesse ano para o Partido Comunista da Alemanha. Em 1937 é condenado a dez anos de reclusão num campo de concentração nazi, sendo libertado em 1945. Em 1946 é eleito presidente da União da Juventude Livre Alemã. Membro do Bureau Político do PSUA (1958), candidato desde 1958, torna-se secretário-geral do partido em 1971. Em 1992 é sujeito a julgamento, mas devido ao seu grave estado de saúde é autorizado a emigrar para o Chile, em cuja capital vem a falecer dois anos mais tarde.

Horthy, Miklós Horthy de Nagybánya (1868-1957), um dos chefes militares da Hungria, foi regente do reino entre 1920 e 1944, impondo-se ao arquiduque, Joseph-Auguste de Habsbourg-Lorraine. Adere formalmente ao Eixo em Abril de 1941 e participa na guerra ao lado da Alemanha nazi, designadamente na invasão da Jugoslávia. Após a vitória sobre o nazi-fascismo, os aliados dão-lhe protecção e evitam que seja julgado como criminoso de guerra. Refugia-se então em Portugal, no Estoril, onde morre aos 89 anos.

Jamal, Mumia Abu, verdadeiro nome Wesley Cook, (1954), membro do Partido dos Panteras Negra, jornalista, foi condenado à morte em Julho de 1982, acusado do assassinio de um agente da polícia, num processo marcado por irregularidades e inconsistência das provas. Desde então que luta na prisão por um julgamento justo, até hoje sempre recusado, apesar de as investigações terem produzido abundantes indícios da sua inocência.

Jdánov, Andréi Aleksándrovitch (1896-1948), membro do partido desde 1915, do CC desde 1930 (candidato desde 1925) e do *Politburo* desde 1939 (candidato desde 1935). Participante na Revolução de Outubro e na guerra civil, sucedeu a Kírov na direcção da organização de Leningrado, dirigindo aqui a frente de batalha entre 1941 e 1945, bem como toda a vida da cidade durante os 900 dias do cerco nazi. A partir de 1944 exerce funções de secretário do CC para as Questões Ideológicas.

Kadar, János, verdadeiro apelido Csermanek, (1912-1989), secretário-geral do

Partido Socialista Operário da Hungria entre 1956 e 1988, e primeiro-ministro entre 1956 e 1958 e 1961 e 1965. Aderiu à juventude comunista em 1931 e ao partido em 1935. Participante na resistência na Hungria, Checoslováquia e Jugoslávia, entra para o CC em 1942 e para o *Poliburo* em 1945. Em 1948 é designado ministro dos Assuntos Internos. Em Junho de 1951 é preso acusado de traição e de titismo. Reabilitado em 1954, volta a integrar o *Politburo* do Partido dos Trabalhadores da Hungria (PTH), assim designado desde 1948. Após a autodissolução do PTH (1 de Outubro 1956), integra o comité executivo do recém-criado Partido Socialista Operário da Hungria. Entre 30 de Outubro e 4 de Novembro de 1956 foi ministro de Estado do governo de Imre Nagy. Na noite de 1 de Novembro voa secretamente para a URSS, onde, demarcando-se de Nagy, participa na organização do «governo revolucionário operário camponês da Hungria», que passa a dirigir com o apoio da URSS.

Káganovitch, Lázár Moisséievitch (1893-1991), membro do partido desde 1911, do CC desde 1922 e do *Politburo* desde 1926, participante na Revolução de Outubro, secretário-geral do PC(b) da Ucrânia (1925-28), primeiro secretário do Comité de Moscovo (1930-1935). Dirigiu a reconstrução de Moscovo e a obra do metropolitano, foi ministro das Vias de Comunicação (1935-44) e ministro da Indústria Pesada (1937), entre outros cargos. Em 1957 é declarado membro do «grupo antipartido», afastado de todos os postos, sendo definitivamente expulso do PCUS em 1961.

Kardelj, Edvard (1910-1979), esloveno, membro do Partido Comunista da Jugoslávia desde 1926. Trabalhou no *Komintern* em Moscovo entre 1936 e 1937. Após a invasão da Jugoslávia, em Abril de 1941, torna-se um dos líderes da Frente de Libertação do Povo Esloveno, juntando-se à resistência liderada por Tito em Maio de 1945.

Khruchov, Nikita Serguéievitch (1894-1971), membro do partido desde 1918, do CC (1934-1964), do *Politburo/Presidium* do CC (1939-1964), primeiro-secretário do CC do

PCUS (1953-1964), presidente do Conselho de Ministros (1958-1964). Em 1929 ingressa na Academia Industrial de Moscovo. Torna-se primeiro-secretário do Comité de Moscovo (1935), secretário do CC do partido da Ucrânia (1938-1947). Durante a II Guerra foi membro dos conselhos militares do Sudoeste, de Stalingrado, do Sul e de Varónej. Tenente-general (1943) e presidente do Conselho de Comissários do Povo da Ucrânia entre 1944 e 1947 (Conselho de Ministros a partir de 1946). Em Dezembro de 1949 é eleito secretário do CC e primeiro-secretário do Comité de Moscovo. Após a morte de Stáline, torna-se primeiro-secretário do CC (1953-64) e em simultâneo presidente do Conselho de Ministros da URSS (1958-64). Em 14 de Outubro de 1964 é exonerado de todos os cargos no partido e no Estado. Foi o promotor do célebre «relatório secreto», por si lido ao XX Congresso, o qual constituiu um verdadeiro golpe de Estado que abriu caminho ao revisionismo precursor da *perestróika*, que veio a destruir a URSS e a restaurar o capitalismo.

Kiessling (Kießling), Wolfgang (1929-1999), historiador alemão e professor universitário da RDA. Foi investigador associado do Instituto de Marxismo-Leninismo adstrito ao Comité Central do PSUA.

Kinkel, Klaus (1936), político alemão, membro do partido liberal (*FDP*), foi ministro da Justiça (1991-92) e dos Negócios Estrangeiros (1992-98) e vice-chanceler (1993-98) nos governos de Helmut Kohl. Anteriormente foi presidente dos Serviços Federais de Informações.

Kisch, Egon Erwin (1885-1948), escritor e jornalista checo, aderiu ao Partido Comunista da Áustria em 1919. Residiu em Berlim entre 1921 e 1933. Na noite do incêndio do *Reichstag*, foi detido sendo depois deportado para a Checoslováquia. Entre 1937 e 1938 participou na guerra civil de Espanha, refugiando-se nos EUA em 1939 e no México em 1940. Regressa a Praga em 1946.

Kostov, Traicho Kostov Djunev (1897-1949), membro do Partido Comunista da

Bulgária desde 1920, do CC desde 1931, do *Politburo* desde 1937. Após cinco anos de prisão, emigra para a URSS em 1929, onde se torna membro do PCU(b) e trabalha no *Komintern*. Regressa clandestinamente à Bulgária, torna-se secretário do CC e redactor do órgão central entre 1938 e 1942, altura em que é preso. Libertado pelos resistentes em 1944, exerce funções como secretário-geral do partido entre 1944 e 1946, permanecendo no *Politburo* em 1948. Vice-primeiro-ministro e presidente do Conselho Económico (1946), é exonerado de funções em 1949, sendo preso e acusado com outros dez dirigentes de espionagem e conspiração contra-revolucionária. É condenado morte, enquanto os restantes arguidos são sentenciados com penas de prisão.

Kreikemeyer, Willi (1894-1950), comunista alemão, tornou-se, em 1941, com a sua mulher, Marthe, colaborador próximo do agente norte-americano Noel Field, em França. Após a guerra foi nomeado director-geral da *Deutsche Reichsbahn*, a companhia de caminhos-de-ferro da RDA. Em 1950, acusado de criar uma rede anticomunista de espionagem, foi preso, vindo a suicidar-se na prisão.

Krupp, Friedrich (1787-1826), industrial alemão, fundador em 1811 da empresa de fundição de aço que deu origem ao conglomerado *Krupp AG*. Foi sucedido por Alfred Krupp (1812-1887), depois por Friedrich Alfred Krupp (1854-1902) e pela sua filha Bertha e marido, o barão Gustav von Bohlenund Halbach, que após o casamento, em 1906, passou a usar o apelido Krupp. Mais tarde viria a ser um fervoroso apoiante de Adolf Hitler e um dos financiadores e fornecedores do rearmamento da Alemanha. Nas fábricas *Krupp* produziram-se tanques, canhões, munições, com amplo recurso à mão-de-obra escrava dos prisioneiros de guerra e detidos em campos de concentração. Após a vitória sobre o fascismo foi julgado como criminoso de guerra no Tribunal de Nuremberga, ao qual não compareceu por já estar senil. Todavia, o seu filho Alfred foi condenado a 12 anos de prisão por crimes contra a humanidade no famoso julgamento Krupp (1947-48), sendo libertado ao fim de

três anos. Em 1953 foi-lhe restituída a companhia que rapidamente se tornou numa das maiores da Europa, fundindo-se em 1997 com o concorrente *Thyssen*, dando origem ao actual *ThyssenKrupp AG*.

Liebermann, Sally, não encontramos referências biográficas.

Liebkecht, Karl (1871-1919), advogado, foi um dos fundadores do Partido Social-Democrata da Alemanha (*SPD*) e do Partido Comunista da Alemanha (*KPD*). Em 2 de Dezembro de 1914 foi o único deputado do *SPD* que votou contra os créditos de guerra. Foi assassinado com Rosa Luxemburg, em Berlim, em 15 de Janeiro de 1919, após o jornal do *SPD*, *Vorwärts*, ter oferecido 100 mil marcos de recompensa pelas cabeças dos dois revolucionários.

Lompar, Mischa, não encontramos referências biográficas.

Luxemburg, Rosa (1871-1919), destacada personalidade do movimento operário alemão, polaco e internacional. Pertencendo à ala esquerda da II Internacional, integrou o grupo fundador do Partido Comunista da Alemanha (Dezembro de 1918), formado na base da Liga Espartaquista, criada em 1916 na sequência da cisão no *SPD* devido ao seu apoio à guerra imperialista.

Maddalena, Hilda (1908-?), mulher de Max Maddalena (1895-1943). Emigrou em 1933 para a Suíça e depois para França, onde foi internada no campo de Rieucros. Em 1942 emigrou para o México. O seu marido morreu na prisão nazi de Brandeburgo, após ter sido detido em 1935 e condenado a prisão perpétua em 1937.

Manuïlski, Dmítri Zakháronovitch (1883-1959), membro do partido desde 1903, do CC entre 1922 e 1952 (candidato desde 1922). Participante activo na revolução de 1905, exila-se em França entre 1907 e 1912 aderindo ao grupo dos otzovistas, opositores à linha de Lénine, que exigiam a retirada dos deputados sociais-democratas na Duma tsarista. Em Maio de 1917 regressa à Rússia e enquanto

membro do grupo dos «Inter-Regionais» adere ao partido bolchevique em Julho desse ano. Em 1918 é enviado para a Ucrânia, onde é eleito, em 1921, primeiro secretário do CC do PC da Ucrânia (b). A partir de 1922 trabalha no *Komintern*, cujo *Presidium* integra em 1924, desempenhando funções de secretário do Comité Executivo entre 1928 e 1943. Em 1944 é designado ministro dos Negócios Estrangeiros e vice-presidente do Conselho de Ministros da Ucrânia, permanecendo neste último cargo entre 1946 e 1953, ano em que é aposentado por motivos de doença.

Marum, Sophie (1910-?), comunista alemã, emigrou para França e depois para o México. Mais tarde, trabalhou na Academia de Ciências Pedagógicas da RDA.

Matern, Hermann (1893-1971), membro do Partido Social-Democrata da Alemanha desde 1911, abandona-o em protesto contra a aprovação dos créditos de guerra. Em 1918 junta-se ao Partido Social-Democrata Independente, aderindo no ano seguinte ao Partido Comunista da Alemanha. Estuda na Escola Internacional em Moscovo (1928-29), assumindo vários cargos de direcção no partido. Em Julho de 1933 é preso, mas consegue evadir-se em Setembro, emigrando para a Checoslováquia, em seguida para a Suíça e depois para França. Em 1941 fixa-se em Moscovo. Regressa à Alemanha em 1 Maio de 1945, tornando-se primeiro secretário do partido na Saxónia (1946-48). De 1946 a 1950 foi membro do Secretariado, da Comissão Central de Controlo desde 1948, e do *Politburo* a partir de 1950.

Marty, André (1886-1956), na marinha francesa desde 1908, torna-se engenheiro mecânico (1917) e desenvolve actividade revolucionária ligada à *SFIO*. Em 1919, a bordo do contra-torpedeiro «Protet» junto a Odessa, organiza um motim de marinheiros que exigiam ser desmobilizados uma vez que a guerra tinha terminado. Condenado a 20 anos de trabalhos forçados, torna-se um símbolo do recém-criado Partido Comunista Francês. Na URSS, os operários da Fábrica *Dinamo* elegem-no para o Soviete de Moscovo. Amnistiado em 1923, adere ao PCF, é eleito

para o CC e torna-se deputado na Assembleia Nacional. Em 1935 é eleito para o *Presidium* e secretário do *Komintern*, onde trabalha até à sua dissolução em 1943. Participa até ao fim na Guerra Civil de Espanha. Em 1952, acusado de ser um informador da polícia, é expulso do partido. Nos últimos anos de vida aproximou-se dos anarquistas e dos trotskistas.

Malenkov, Gueórgui Maksimiliánovitch (1902-1988), membro do partido (1920-1961), do CC (1939-1957), do *Politburo/Presidium* (1946-57), candidato desde 1941. Vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946-55 e 1955-57), e presidente (1953-55). Acusado de pertencer ao grupo antipartido juntamente com Káganovitch e Mólotov, é exonerado em 1957 dos cargos de direcção partidária e do governo, sendo nomeado director da Central Hidroeléctrica de Ust-Kamenogóorsk. Em 1961 é aposentado e expulso do partido.

Maurín, Joaquín (1896-1973), membro da Confederação Nacional do Trabalho (1914), é eleito seu secretário-geral (1921-22). Foi um dos organizadores da corrente bolchevique na CNT. Em 1924 adere ao PCE. Preso pela ditadura de Primo de Rivera (1925-27), surge em 1930 como opositor à política soviética, promovendo a criação do Bloco Operário e Camponês (BOC) a partir da fusão da Federação Comunista Catalã-Balear com o Partido Comunista da Cataluna. Em 1935, o BOC funde-se com a Esquerda Comunista (trotskista) constituindo o Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), do qual se torna secretário-geral. Na sequência de um acordo com a Frente Popular, é eleito deputado nas eleições de Fevereiro de 1936. Preso pelos franquistas é libertado em 1946, exilando-se nos EUA.

Merker, Paul (1894-1969), membro do Partido Comunista da Alemanha desde 1920, integrou o parlamento regional da Prússia entre 1924 e 1932. Do CC entre 1934 e 1946, refugiou-se em França até 1940, emigrando de seguida para o México. Regressa à Alemanha em 1946, tornando-se membro do *Politburo* do PSUA. Em 1950 é expulso do partido e

condenado, em 1952, a oito anos de prisão por actividades ligadas à espionagem imperialista, sendo libertado ao fim de três anos.

Mólotov, Viatcheslav Mikháilovitch (1890-1986), membro do partido desde 1906, do CC (1921-57) do *Politburo* (1926-57). Membro do Conselho Revolucionário de Petrogrado (1917), secretário do Comité Central do PC da Ucrânia (1920), presidente do Conselho de Comissários do Povo (1930-41) e comissário/ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS (1939-1949 e 1953-1956). Em 1957 é acusado de pertencer ao grupo antipartido, com Káganovitch e Malenkov, e é enviado como embaixador para a República Popular da Mongólia. Expulso do partido em 1961 foi reintegrado em 1984.

Morgan, John Pierpont "Jack", junior (1867-1943), herdeiro de John Pierpont Morgan (1837-1913), financeiro e banqueiro norte-americano, fez empréstimos colossais à Rússia e à França durante a I Guerra. Mais tarde financia Benito Mussolini antes da II Guerra.

Mugli, Rosemarie, não encontramos referências biográficas.

Nagy, Imre (1896-1958), participante na I Guerra Mundial, é feito prisioneiro na Rússia, onde se torna marxista-leninista. Em 1917 adere ao partido dos bolcheviques e combate no Exército Vermelho durante a Guerra Civil. Regressa à Hungria em 1921, mas as perseguições obrigam-no a fixar-se na URSS entre 1930 e 1944. Próximo de Bukhárine, é preso com ele, mas em breve torna-se colaborador dos órgãos de segurança do NKVD e escapa assim às investigações. Em Novembro de 1944 regressa ao seu país e ainda nesse ano desempenha funções ministeriais nos governos de coligação. Em 1945 é ministro dos Assuntos Internos e é eleito para o CC, do qual é afastado em 1949, acusado de oportunismo, e exonerado de todos os cargos. Contudo, após o seu «arrependimento», é designado ministro da Agricultura em Dezembro de 1950. Em Julho de 1956, já num ambiente de agitação política, o CC demite o secretário-geral Mátyas Rákosi,

elegendo Gero Erno. Logo em 24 de Outubro, já após manifestações estudantis com o derrube da estátua de Stáline em Budapeste, Nagy é nomeado presidente do Conselho de Ministros, tornando-se o líder da revolta que considera justa. Após a intervenção das tropas do Tratado de Varsóvia, em 4 de Novembro, refugia-se na embaixada da Jugoslávia mas é capturado ao tentar evadir-se. Acusado de «conspiração e de traição à pátria» é condenado à morte pelo Tribunal Supremo.

Nicole, Leon (1887-1965), membro do Partido Socialista Suíço (também designado Partido Social-Democrata Suíço em alemão e romanche), foi correspondente do *Komintern* em Genebra e redactor de vários jornais socialistas, designadamente *Le Travail* e *La Voix ouvrière*. Em 1933, na sequência da vitória nas eleições para o Conselho de Estado de Genebra, torna-se presidente deste órgão executivo, tendo a seu cargo o departamento da Justiça e da Polícia. Em 1939 é expulso por apoiar o pacto germano-soviético. Funda então a Federação Socialista Suíça, partido que é ilegalizado em 1941. Em 1944 é um dos fundadores do Partido Suíço do Trabalho, do qual será presidente até 1952. Mais tarde funda ainda o Partido Progressista.

Nin, Andrés (1892-1937), membro do Partido Operário Socialista Espanhol em 1917, foi um dos fundadores do Partido Comunista de Espanha (1921). Trabalhou na IC, em Moscovo, onde se juntou a Trótski e à oposição de esquerda. De regresso ao seu país, constituiu vários grupos trotskistas até fundar o POUM (Partido Operário de Unificação Marxista). Na sequência da proibição do POUM, em 1937, é preso, desconhecendo-se as circunstâncias concretas da sua morte.

Pieck, Reinhold Friedrich Wilhelm (1876 - 1960), membro do Partido Social-Democrata da Alemanha desde 1895, participou na fundação do Partido Comunista da Alemanha em 1918, sendo já então membro da Liga Espartarquista. Eleito para o parlamento da Prússia (1921-28) e para o *Reichstag* em 1928, integra o *Politburo* em 1929 e no ano seguinte é eleito para o CEIC onde representa o *KPD* entre 1930 e 1932. Após

a prisão de Ernst Thälmann, assume interinamente a liderança do partido. Emigra para França em 1933, regressando ao seu país em 1945. É então eleito co-presidente do PSUA (1946-49) juntamente com Otto Grotewohl (primeiro-ministro), tornando-se o primeiro presidente da RDA após a sua fundação em 1949, cargo que mantém até à morte.

Rajk, László (1909-1949), comunista húngaro, formou-se em França, onde se familiarizou com o marxismo-leninismo. Adere ao Partido Comunista da Hungria em 1931. Combate na Guerra Civil de Espanha (1937-39), como comissário do batalhão húngaro nas brigadas internacionais. Preso no seu país em 1941, só é libertado em 1944, tornando-se secretário do CC do PCH e um dos dirigentes da frente antifascista. Capturado pelos nazis húngaros, é levado para a Alemanha donde regressa após a vitória. Volta a integrar o CC e o *Politburo*, torna-se vice-secretário-geral do PCH (1946), ministro dos Assuntos Internos e mais tarde dos Negócios Estrangeiros (1948). Em Maio de 1949 é preso e acusado de espionagem. Após confessar ser um agente do imperialismo, é condenado juntamente com 18 outros arguidos à pena capital.

Rákosi, Mátyas (1892-1971), membro do Partido Comunista da Hungria desde a I Guerra Mundial, foi vice-ministro do Comércio e ministro da Produção Social durante a curta existência da República Soviética da Hungria (21 de Março - 6 de Agosto), proclamada por Béla Kun. Refugia-se na URSS e trabalha no *Komintern* até 1945. De regresso à Hungria, é de imediato eleito secretário-geral do Partido Comunista, que se funde em 1948 com o Partido Social-Democrata, dando origem ao Partido dos Trabalhadores da Hungria. Em Julho de 1956 é destituído pelo CC. Pouco tempo depois fixa-se definitivamente na URSS. Em 1970 é-lhe dada a possibilidade de regressar ao seu país com a condição de se abster da participação activa na política húngara, o que recusa terminantemente. Falece na cidade de Górkí.

Renn, Ludwig, verdadeiro nome Arnold Friedrich Vieth von Golßenau (1889-1979),

escritor alemão, membro do Partido Comunista da Alemanha desde 1928, voluntário na guerra civil de Espanha, comandou a 11ª Brigada Internacional. Exilou-se no México após a derrota da República, instalando-se na RDA em 1947, onde adere ao PSUA.

Ránkovitch, Aleksándar, também conhecido como Leka Marko, (1909-1983), sérvio, membro do Partido Comunista da Jugoslávia desde 1928, do *Politburo* desde 1937. Adjunto de Tito, desempenhou um papel cimeiro na resistência jugoslava contra os ocupantes nazis. Em 1946 é nomeado ministro dos Assuntos Internos, dirigindo os órgãos de segurança. É nesse cargo que efectua as prisões dos chamados «stalinistas» no final dos anos 40. Torna-se vice-primeiro-ministro em 1956, entre outros postos que ocupa na direcção do Estado e do partido. Vem a ser exonerado de todas as funções e expulso do partido em 1966, quando é acusado por Tito de ter colocado aparelhos de escuta na sua residência.

Rosenberg, Julius (1918-53) e Ethel (1915-53), comunistas americanos acusados de espionagem a favor da URSS e executados em Junho de 1953, após um processo que primou pela falta de provas. Foram os primeiros civis condenados à morte por espionagem nos EUA.

Sacco, Ferdinando Nicola (1891-1927) e **Vanzetti**, Bartolomeo (1888-1927), operários anarquistas de origem italiana, activistas do movimento operário nos EUA. Foram acusados de assassínio de dois guardas num suposto assalto à mão armada a uma fábrica de calçado, no estado de Massachusetts. Após um controverso julgamento em que foram ignorados testemunhos e provas da sua inocência, foram condenados à morte e executados em Agosto de 1927.

Schneidewind, Kurt (1912-1983), membro da juventude comunista alemã desde 1927. Entra para o partido em 1935, emigrando para a URSS em 1938, onde passa toda a guerra. Participa em várias missões militares, designadamente na defesa de

Leningrado. Regressa à Alemanha em 1946, onde integra o CC do PSUA e trabalha no Ministério dos Negócios Estrangeiros e no seu serviço diplomático.

Simone, André, verdadeiro nome Otto **Katz**, (1895-1952), jornalista e comunista checo, foi redactor do jornal do partido *Rudé Právo*. Em Dezembro de 1952 foi acusado de conspiração, nos chamados processo de Praga, e condenado à pena capital.

Slánský, Rudolf (1901-1952), comunista checo, membro do partido desde 1921, do CC desde 1929. Trabalha na clandestinidade até 1935, ano em que o partido é legalizado e autorizado a concorrer às eleições. É eleito juntamente com Klement Gottwald para o parlamento. Entre 1939 e 1944 integra o grupo dirigente exilado em Moscovo. Participa na insurreição eslovaca em 1944, ocupando o cargo de secretário-geral entre 1945 e 1951 e o cargo de vice-primeiro-ministro. Em Novembro de 1951, é acusado de espionagem e conspiração com as potências imperialistas para derrubar o socialismo, o que vem a confessar publicamente, sendo condenado à pena capital.

Sorge, Richard (na variante russa Rikhard Zórgue), (1895-1944), de nacionalidade alemã, nasceu em Baku, participou na I Guerra no exército do kaiser e foi membro do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (1917-19). Fixa-se na URSS em 1924, adere ao partido bolchevique em 1925, sendo recrutado pelos órgãos de informação do Exército Vermelho. Nos anos 30 e 40 residiu como jornalista na Alemanha, China e Japão, obtendo valiosa informação para a URSS. Em Outubro de 1941 é preso pela polícia japonesa e executado em Novembro de 1944.

Sperling, Fritz (1911-1958), membro da juventude comunista (1931) e do *KPD* (1932). Estuda em Moscovo entre 1935 e 1937, instalando-se depois na Suíça, onde é detido e internado em 1941 por propaganda comunista. Libertado em 1945, regressa à Alemanha para integrar a direcção do PSUA. Em 1951 é exonerado de todos os cargos. Em 1954, o

Tribunal Supremo da RDA condena-o a sete anos de prisão como agente do imperialismo. Em 1956 é amnistiado, mas não reabilitado.

Stibi, Georg (1901-1982), jornalista alemão, aderiu ao Partido Social-Democrata Independente em 1919 e ao Partido Comunista da Alemanha em 1922. Participou na guerra civil de Espanha de 1937 a 1939, onde foi responsável pelas emissões de rádio em língua alemã. Internado em França num campo em Le Vernet, emigrou para o México em 1941, onde se juntou ao Movimento Alemanha Livre. Em 1946 regressa à Alemanha, adere ao PSUA, e torna-se editor-chefe do *Berliner Zeitung* (1949), dirigindo mais outras publicações. É depois nomeado e chefe do Gabinete de Informação do Governo (1949-50). Foi embaixador na Roménia (1957-58) e na Checoslováquia (1958-61). De 1961 a 1974 foi ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros da RDA. Sua esposa, Henny Stibi, era igualmente militante do *KPD*.

Steigerwald, Robert (1925), filósofo e político alemão, membro do Partido Comunista Alemão desde 1948, mais tarde do PSUA e depois do *DKP*. É autor de um vasto conjunto de obras sobre filosofia marxista e temas da actualidade política.

Szálasi, Ferenc (1897-1946), fundador do partido nazi húngaro em 1935, mais tarde designado Partido da «Cruz de Flechas». Ocupou o posto de chefe de Estado e de Governo da Hungria entre Outubro e o início de Dezembro de 1944, tendo fugido pouco depois de as tropas soviéticas iniciarem o cerco a Budapeste. Veio a ser capturado na Alemanha pelas tropas norte-americanas, que o entregaram às autoridades húngaras. Julgado pelo tribunal popular em 1946, foi condenado a enforcamento por crimes de guerra e alta traição.

Szönyi, Tibor (1903-1949), deputado da Assembleia Nacional da Hungria, foi condenado à morte no mesmo julgamento que László Rajk.

Tedder, Arthur William (1890-1967), comandante-em-chefe da força aérea britânica, assume em 1943 o comando das forças

aérea aliadas no Mediterrâneo, sendo nomeado comandante supremo adjunto ao lado de Eisenhower, com quem prepara a «Operação *Overlord*».

Teubner, Hans (1902-1992), membro do Partido Comunista da Alemanha desde 1919, foi um dos fundadores da juventude comunista. Após um curso na Escola Internacional em Moscovo trabalha no *Komintern*. É preso na Alemanha em 1933. Consegue emigrar para a Checoslováquia em 1936, seguindo para Espanha onde integra as brigadas internacionais. Após a derrota instala-se em Paris e depois na Suíça. Em Maio de 1945 regressa à Alemanha. Trabalha como editor no jornal do partido. De 1947 a 1950 lecciona na escola do partido. Em 1950 é investigado pela Comissão Central de Controlo do PSUA e acusado de ser «agente sionista-imperialista». Libertado de todas as funções no partido, trabalha no instituto de estatística e como professor universitário de ciências sociais. Em 1956 é reintegrado no partido, sendo nomeado vice-decano da Faculdade de Jornalismo na Universidade de Leipzig. De 1959 a 1963 foi editor-chefe do *Leipziger Volkszeitung*, membro da direcção distrital de Leipzig do PSUA e professor assistente no Instituto de Marxismo-Leninismo.

Tito, Josip, verdadeiro apelido Broz (1882-1980), nascido no reino da Croácia e da Eslovénia, aderiu ao partido social-democrata em 1910. Combateu nos exércitos austro-húngaros durante a I Guerra Mundial, onde faz agitação antiguerra. É ferido em 1915 e feito prisioneiro da Rússia. Em 1917 participa na manifestação de Julho em Petrogrado contra o governo provisório. É preso e deportado para os Urais. Em Outubro entra para a guarda vermelha e participa na revolução em Omsk. Regressa à sua pátria em 1920 aderindo ao Partido Comunista da Jugoslávia (PCJ), então clandestino. Preso em 1928 é libertado em 1934, altura em que é eleito para o CC e para o *Politburo*. Trabalha na IC em Moscovo entre 1935 e 1936. Em 1937 torna-se líder do PCJ. Durante a guerra de libertação (1941-45) é comandante supremo das forças armadas e destacamentos de guerrilheiros. Eleito presidente do Comité

Nacional de Libertação da Jugoslávia em 1943, ocupa em 1945 os cargos de presidente do Conselho de Ministros e ministro da Defesa, mantendo-se como à cabeça das forças armadas bem como do partido. A partir de 1948 assume posições revisionistas e anti-soviéticas, que levam ao corte de relações com a URSS. Em 1974, no X Congresso, volta a ser eleito líder da Liga dos Comunistas Jugoslavos (designação adoptada em 1952 no 6.º Congresso), mas desta vez com um mandato vitalício. No mesmo ano recebe igualmente o mandato vitalício como presidente da Jugoslávia, cargo que ocupava desde 1953.

Togliatti, Palmiro (1893-1964), membro do Partido Socialista Italiano desde 1914, participa na fundação do semanário comunista *Ordine Nuovo* (1919), destacando-se como tradutor e propagandista das obras de Lénine. Contribui para a formação da fracção comunista que funda o PC em Janeiro de 1921. No II Congresso (1922) é eleito para o CC integrando a direcção do partido no ano seguinte. Em 1924 funda com Gramsci o jornal *L'Unitá*, sendo nesse ano eleito para o CEIC e em 1928 para o seu *Presidium*. Em 1926 é eleito secretário-geral do PCI. Participa na guerra civil de Espanha (1937-39), vivendo na URSS entre 1940 e 1944. Entre 1944 e 1946 integra o governo italiano, ocupando os cargos de ministro sem pasta, da Justiça e vice-primeiro-ministro. Deputado desde 1947, é gravemente ferido por um atentado em 1948.

Thorez, Maurice (1900-1964), membro do Partido Socialista desde 1919, participou activamente na luta pela adesão à Internacional Comunista, tornando-se num destacado dirigente do Partido Comunista Francês constituído em Dezembro de 1920. Integra o CC em 1924, o *Bureau* Político em 1925 e é eleito secretário-geral em 1930, cargo que mantém até ao final da sua vida. Deputado do parlamento desde 1932, membro do CEIC (1928-43) e do seu *Presidium* (1935-43). Contribui activamente para a formação da Frente Popular que governa a França em entre 1935 e 1938. Após a interdição do PCF em 1939 instala-se na URSS, de onde organiza o movimento de resistência. Entre 1945 e 1947 ocupa vários postos ministeriais, sendo vice-

presidente do Conselho de Ministros entre Novembro de 1946 e Maio de 1947.

Trautzsch, Walter (?-1971) comunista alemão que serviu de correio entre a direcção do *KPD* e o seu líder, Ernst Thälmann, preso pelos nazis.

Truman, Harry S. (1884-1972), membro do Partido Democrata desde 1922, foi eleito senador em 1934 e 1949. Em 1944 é eleito vice-presidente dos EUA ao lado de Franklin Roosevelt, sucedendo-lhe após a morte em 12 de Abril de 1945. Logo em Maio autoriza os bombardeamentos de napalm sobre Tóquio. Participa na Conferência de Potsdam com a Grã-Bretanha, a URSS e a China, entre 17 de Julho e 2 de Agosto. Nos dias 6 e 9 de Agosto autoriza o lançamento de duas bombas atómicas sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki. Em Março de 1947 anuncia a sua política de luta contra a expansão do comunismo e financia o esmagamento dos movimentos revolucionários na Grécia e Turquia. Já no segundo mandato (1949-53), ordena a intervenção militar na Coreia.

Tucholsky, Kurt (1890-1935), jornalista e escritor alemão sob vários pseudónimos (Kaspar Hauser, Peter Panter, Theobald Tiger e Ignaz Wrobel), foi um autor famoso durante a República de Weimar. Democrata de esquerda, pacifista, acusou os sociais-democratas de terem traído a revolução de Novembro de 1918, aderindo ao Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (*USPD*) em 1920. Mais tarde aproxima-se do *KPD*, ao qual não chega a aderir.

Ulbricht, Walter (1893-1973), membro do Partido Social-Democrata desde 1912, da Liga Espartaquista desde 1918, um dos fundadores do Partido Comunista da Alemanha, cujo CC integra a partir de 1923 e o *Politburo* desde 1929. Deputado na Saxónia (1926-28), no *Reichstag* (1928-33) e representante na IC (1924-29). Instala-se na URSS após a ascensão de Hitler, regressando à Alemanha em 1945. Vice-presidente do PSUA (1946-49), é eleito seu secretário-geral (1950-53) e primeiro-secretário (1953-1971). Torna-se presidente do Conselho

de Estado da RDA (1960-73), cargo que substituiu o de presidente da República.

Vellay, Rolf (1927-2001), jornalista, membro do Partido Comunista Alemão (DKP) trabalhou no jornal *Kommunistische Arbeiterzeitung* (KAZ) e é autor de numerosos artigos e ensaios políticos e de vários livros sobre o socialismo. Foi várias vezes preso na RFA após a ilegalização do DKP, no qual continuou a militar clandestinamente. No final dos anos 80 adoptou uma posição anti-revisionista do marxismo-leninismo, pondo em questão as conclusões do XX Congresso do PCUS e a condenação do período da construção do socialismo dirigido por I.V. Stáline.

Vichínski, Andrei Ianúrievitch (1883-1954), jurista e diplomata soviético. Membro do partido desde 1920, do CC (1937-50 e 1954), menchevique entre 1903 e 1920. Foi procurador da União Soviética (1933-39) e promotor da acusação contra destacados ex-dirigentes soviéticos, implicados em actividades contra-revolucionárias. Foi vice-presidente do Conselho de Comissários do Povo (1940-46), vice-ministro (1940-49) e ministro dos Negócios Estrangeiros entre 1949 e 1953.

Vorochílov, Kliment Efrémovitch (1881-1969), membro do partido desde 1908, do CC (1921-61 e a partir de 1966), do *Politburo* (1926-60), foi um dos organizadores do Exército Vermelho. Herói da guerra civil, torna-se comissário para os Assuntos militares e Marítimos (1925) e Comissário da Defesa (1934). Marechal da União Soviética (1935), é nomeado vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS (1946) e presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS (1953-60), permanecendo como deputado e membro do *Presidium* até ao final da sua vida.

Weitere, Maria (?-?) mulher de Siegfried Rädels (1893-1943), dirigente comunista alemão, entregue à Gestapo pelo regime de Vichy e assassinado na Prisão de Brandeburgo em 1943.

Williamson, John (1903-1974), membro do Partido Socialista (1918), adere ao PC dos EUA em 1922, integrando no ano seguinte a direcção da Liga dos Jovens Trabalhadores (YWL). Participa no IV Congresso Internacional Comunista da Juventude (1923) e torna-se secretário-geral da YWL entre 1924 e 1928. Eleito para o CC do partido em 1930, mantém-se na sua direcção até 1949, altura em que é preso por cinco anos. Dadas as suas origens escocesas, é deportado para a Grã-Bretanha, onde prossegue a actividade política no partido britânico.

Wolf, Milton (1915-2008), voluntário na guerra civil de Espanha, foi o último comandante do Batalhão Lincoln. Em 1940 trabalha para o *Special Operations Executive*, serviço criado de espionagem e sabotagem na retaguarda alemã mantido por W. Churchill entre 1940 e 1946. Em 1942 entra como voluntário para o exército norte-americano e é alistado no *Office of Strategic Services* (OSS) para trabalhar com os resistentes antifascistas na Itália. Mais tarde evidencia-se como opositor à guerra do Vietname, apoia a luta anti-*apartheid* na África do Sul, bem como a revolução sandinista na Nicarágua.

Zuckermann, Leo (1908-1985), jurista, membro do KPD desde 1928, emigrou para França em Março de 1933. Internado em 1939, evadiu-se em Junho de 1940, partindo para o México em Outubro de 1941, onde juntamente com Paul Merker desenvolveu uma intensa actividade antifascista. Regressou à Alemanha em 1947, adere ao PSUA, desempenhando altas funções como secretário de Estado e chefe do gabinete presidencial de Wilhelm Pieck. Participou na elaboração do projecto de Constituição da RDA. Em 1950 é investigado pelas suas relações com Paul Merker e exonerado dos cargos no partido e no Estado. Em Dezembro de 1952, convocado para novo processo sob a acusação de ser um agente de serviços estrangeiros, foge para Berlim Ocidental, regressando posteriormente ao México onde veio a falecer.